«DE AGOSTO A NOVEMBRO DE 1820» POR JOEL SERRÃO (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 22 DE MAIO DE 1969 N.º 16 674 ANO 49.º UM ESCUDO

amanhã anda a roda
"TALUDA"
4 MIL CONTOS!

No momento em que o Chefe do Governo recebia a medalha de ouro do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito do Porto. (Telefoto)

Organismos corporativos e obras portuárias visitados no Porto pelo Chefe do Governo

PORTO, 22. — No segundo dia da sua visita ao Porto, o Chefe do Governo saiu do quartel-general, ás 9 e 30, na companhia do ministro das Corporações a caminho do Estádio Salazar, da F. N. A. T., onde, era aguardado por elevado numero de individualidades, entre as quais o ministro do Interior, secretário de Estado da Informação e o subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, além do governador civil do distrito e seu substituto, presidente e vice-presidente da Camara do Porto.

No terreno do estádio estavam formados numerosos atletas dos centros despor-

(Continua na 15.ª página)

Anunciada a morte de outro general soviético

MOSCOVO, 22. — (F. P.) — O jornal «Estrela Vermelha» anunciou esta manhã a morte do general reformado Pierre Rudtchuk que contava 76 anos.

Durante a guerra civil, o general Rudtchuk foi companheiro de armas do chefe da cavalaria do Exército Vermelho, Simeon Budenny, indica o órgão do ministério da Defesa soviético. Reformara-se em 1946.

Trata-se do 17.º óbito de um general soviético anunciado desde 10 de Abril.

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

HOMENS A 15 KM DA LUA

HOUSTON, 22 — (R.) — Dois batedores especiais descem hoje até uma altura de cerca de 15 quilómetros da Lua durante o perigoso ensaio geral dos planos dos Estados Unidos da América para a conquista do satélite natural da Terra.

A mínima falha a bordo do estranho «módulo lunar», semelhante a uma aranha, que transporta os astronautas da «Apolo 10», Tom Stafford e Eugene Cernan em direcção ás crateras lunares, sem ar, podia terminar em morte e em desastre a uma distancia de 384 000 quilómetros da Terra.

A arriscada manobra para espreitar um local seguro de desembarque para a expedição da «Apolo 11» em Julho, principiará ás 20 e 22 horas (T. M. G.) quando o transporte lunar se desligar da sua nave-mãe e mergulhar numa órbita elíptica baixa em redor da Lua.

O «módulo lunar» — anteriormente apenas experimentado por astronautas em órbitas á volta da Terra — não transporta combustivel suficiente para efectuar um desembarque na Lua e descolar novamente para se juntar á nave-mãe, pilotada por John Young.

Entretanto, os astronautas da «Apolo 10» puseram, ontem á noite, a funcionar o motor principal da nave para mudar a sua órbita elíptica em redor da Lua para uma rota de voo circular a cerca de 110 quilómetros da superfície lunar.

O astronauta Eugene Cernan comunicou para Terra: «Uma boa ignição a tempo».

Cálculos preliminares revelaram que a órbita era entre 61,5 a 60 milhas marítimas, extremamente perto da órbita escolhida.

A informação da ignição com êxito foi transmitida quando a nave espacial recomeçou as suas comunicações com os comandos de Terra a seguir a ter passado por detrás da Lua.

(Continua na 10.ª página)

A sr.ª Nguyen Thi Binh, chefe da delegação da F. L. N ás conversações de Paris. Thi Binh, em entrevista concedida á cadeia norte-americana National Educational Television declarou que as tropas estrangeiras, estacionadas no Vietnam do Sul, deveriam ser evacuadas antes de se realizarem eleições. (Ler notícia na pág. 11)

VAI TENTAR A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO NUM BALÃO

Isolado nas Desertas, a 23 milhas da Madeira, este homem de 40 anos, que abandonou a profissão de engenheiro para se dedicar à aventura, espera o tempo propício para tentar atravessar o Atlântico num balão. — LER NA PÁGINA CENTRAL.

AVIÃO ISRAELITA ABATIDO PELOS EGÍPCIOS

BEIRUTE, 22 — (R.) — Aviões egípcios abateram um «Mirage» israelita durante um combate aéreo na região de Ghardaka no Mar Vermelho — disse um informador militar egípcio.

Cerca das 11 e 50 locais os aviões egípcios interceptaram seis «Mirages» israelitas que tentavam penetrar no espaço aéreo egípcio.

Abrindo fogo contra os aviões, os egípcios abateram um que caiu no mar e obrigaram os outros a bater em retirada.

Todos os aviões egípcios regressaram á base, disse o informador.

MISSEIS ISRAELITAS

JERUSALÉM, 22. — (A. N. I.) — As forços israelitas utilizaram pela primeira vez misseis «Hawk», de fabrico norte-americano, e estão satisfeitas com os resultados obtidos — declarou um informador militar de Israel.

Constitui necessidade premente a conclusão da pista do aérodromo de Cernache

— afirmou-se na reunião da Câmara de Coimbra

COIMBRA, 22 — Na reunião da Câmara Municipal, presidida pelo sr. eng. Araújo Vieira e com a presença de todos os vereadores, o sr. dr. Viriato Namora leu um ofício do chefe dos Serviços de Turismo, sr. dr. José Pimenta, chamando a atenção para as notícias publicadas no boletim de «Plubitur» sobre a afluência de turistas alemães ao Algarve (até Outubro, a média diária de 550), após o acordo entre os Governos português e alemão sobre os voos «charters» para aquela província. Aquele vereador chamou ainda a atenção para o facto de uma organização particular de Viseu estar a proporcionar a jovens de todo o País «baptismos do ar» e, assim, a aquisição dos «brevets» naquela cidade.

Ao referir-se a esse assunto, salientou o orador que o intuito era acentuar a necessidade premente de se concluir a pista do aeródromo de Cernache, para que assim se possa atrair turistas.

Salientou, ainda, aquele vereador que, tendo conseguido o Centro Aeronáutico de Coimbra preponderância invulgar, verifica-se, com desgosto, a fuga de jovens pilotos para outros locais, por falta, exactamente, de uma pista no referido aeródromo.

O presidente informou que as obras no aeródromo de Cernache, não pararam, e que está ali em funcionamento uma britadeira. Os trabalhos atrasaram-se — disse — em consequência das más condições meteorológicas e, também, por outros motivos, a que não é alheio o grande volume de obras dentro da cidade.

A Câmara aprovou os orçamentos suplementares, os primeiros do ano, tanto da Câmara como do Turismo, cujo montante foi de esc. 6 153 114$00, 825 441$30, respectivamente; aprovou, igualmente, um auto de medição de trabalhos de construção de moradias para pobres; a obra de betumenização da Alameda Dr. Júlio Henriques e da Rua de Infantaria n.º 23; adjudicou a obra de pintura dos torreões do Parque de Santa Cruz; concedeu subsídios a juntas de Freguesia e deliberou aceitar a oferta da Junta da Torre de Vilela, de abertura e fecho de cerca de duzentos metros de vala para ligação da água a um marco fontanário no lugar da Ribeira, sendo a canalização assente pelos Serviços Municipalizados.

Os dois jovens portugueses á partida para a Holanda

DOIS PORTUGUESES NO CONCURSO «PHILIPS» PARA JOVENS INVENTORES

Partiram hoje para a Holanda os estudantes portugueses Luís Henrique Borges de Almeida e José Augusto Legatheaux Martins, respectivamente alunos do Instituto Superior Técnico e do Liceu D João de Castro, que vão representar o nosso País no Concurso Europeu Philips para Jovens Cientistas e Inventores.

Os concorrentes permanecerão na Holanda até ao dia 30 deste mês e tomarão parte em diversas manifestações de carácter cultural e recreativo, estando incluída no programa uma visita aos laboratórios de investigação da Phillips em Eindhoven e Waalre.

Os jovens estudantes portugueses terão uma tarefa árdua no concurso internacional, pois competirão com cerca de 40 jovens cientistas e investigadores de todos os países da Europa.

CONCURSO NACIONAL DE MONTRAS TV-SEVEN SEAS

Começa amanhã a realização do Concurso de montras, organizado pela NOVEL, LD.ª, para promoção da linha «THE SEVEN SEAS», lançada internacionalmente pelo I. F. C. — INTERNATIONAL FASHION COUNCIL — e apresentada em Portugal pelas camisas TV.

Como prémios serão atribuídos seis Grandes Prémios Regionais e um Grande Prémio Nacional, constituídos, respectivamente, por âncoras de prata e ouro e destinadas ás montras concorrentes que mais se salientarem nos aspectos artísticos e promocional. Para os decoradores das montras vencedoras serão igualmente atribuídos, e dentro da mesma ordem, troféus de colaboração.

Necrologia

FUNERAIS

Dr. Artur de Oliveira Ramos

Faleceu o sr. dr. Artur de Oliveira Ramos, de 70 anos, viúvo, natural do Porto. O ilustre advogado foi deputado, vereador da Câmara Municipal de Lisboa, director do Refúgio da Tutoria de Menores de Lisboa, e do Centro de Observação anexo ao Tribunal de Menores de Lisboa e, ainda, chefe do gabinete de ministro no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O ilustre extinto era pai do sr. Artur Manuel Monteiro Ramos, casado com a sr.ª D. Maria Helena Fidalgo Ramos; da sr.ª D. Maria Inês Monteiro Ramos Monteiro, casada com o sr. dr. Rui Horácio Monteiro; da sr.ª D. Maria Clotilde Monteiro Ramos Franco Feijó, casada com o sr. eng.º Fernando Feijó; e do sr. Jaime Manuel Monteiro Ramos, casado com a sr.ª D. Maria Teresa Ramos; irmão do sr. arquitecto Carlos de Chambers Ramos, casado com a sr.ª D. Clarisse Ramos, da sr.ª D. Inês Amélia Chambers Ramos Guardado Lopes, casada com o sr. dr. José Guardado Lopes, director-geral dos Serviços Prisionais, e da sr.ª D. Maria de Chambers Ramos, e cunhado do sr. dr. António da Fonseca Monteiro.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realizou-se hoje para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

FALECIMENTOS

D. Argentina Mendes Simões Pereira

Faleceu a sr.ª D. Argentina Mendes Simões Pereira, de 62 anos, natural de Lisboa, casada com o sr. João Simões Pereira e mãe da sr.ª D. Maria Dina Mendes Simões Pereira e do sr. João Abílio Mendes Simões Pereira.

O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Avenida Almirante Reis, realiza-se, amanhã, ás 10 horas, da Igreja de São João de Deus (capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

SUFRÁGIOS

Agripino José Martins

Por intenção do sr. Agripino José Martins, sua família manda celebrar amanhã, ás 9 horas, na Igreja de Santa Engrácia, missa do 7.º dia.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/280022

Cofres de aluguer
Av. Republica, 3
BANCO DO ALENTEJO

Concessão de diamantes em Angola a uma empresa americana

O «Diário do Governo» de hoje publica um decreto que autoriza o ministro do Ultramar a assinar um contrato de concessão do direito exclusivo de pesquisas e exploração de diamantes com a Diversa-Internacional de Exploração de Diamantes, S.A.R.L., filiada portuguesa da empresa americana Diversa Inc., de Dallas, Texas, U.S.A., que subscreve 98 % do capital da empresa portuguesa e lhe dará toda a sua assistência técnica e financeira.

A concessão é por 35 anos e a área concedida de 27 500 km2, abrangendo uma região ao sul de Benguela e que se prolonga até Sá da Bandeira em direcção ao sul, num total de 43 quadrículas.

A empresa portuguesa terá um capital de 10 000 contos e obriga-se, para além das rendas de superfície, «royalties» e contribuição para o Fundo de Fomento Mineiro de Angola, a um investimento mínimo de 15 000 contos e, no caso de as pesquisas serem bem sucedidas, aos investimentos necessários á boa exploração da área concedida.

DE ONTEM PARA HOJE

A LÍNGUA PORTUGUESA

É o principal e mais eficiente instrumento de ligação entre as diferentes terras portuguesas a nossa língua. Daí a necessidade de expandir intensamente essa mesma língua por todas as terras que nós queiramos que a Portugal fiquem unidas politicamente; e até sem laços políticos, há os laços culturais, o sentimento, económicos, tantos outros, ás vezes bem mais importantes que a ligação política — e também, por vezes, mais eficientes do que ela — todos eles tendo por base e estímulo a comunidade de língua. Temos o exemplo magnífico do Brasil, de nós separado por milhares de léguas de oceano e bem mais perto de nós e a nós mais ligado do que territórios europeus vizinhos; a Inglaterra tem aquela expansão grande do inglês em todos os continentes, ele único dos países da Comunidade Britânica e dos territórios do antigo Império Britânico, como a França atirou a sua língua para os quatro sóis e para as universidades e liceus do Mundo inteiro. É o maior instrumento de penetração e também a força mais catalisadora de povos e nações. Daí se compreende o interesse que a Assembleia Nacional tomou na sessão passada e que passou agora ao Conselho Ultramarino sobre a expansão da língua portuguesa. Findou ontem essa sessão plenária do Conselho Ultramarino que se ocupou das «Sugestões para a execução em todas as províncias ultramarinas da moção aprovada pela Assembleia Nacional sobre a difusão da Língua Portuguesa». Agora o texto final vai ser submetido á aprovação do ministro do Ultramar.

PARA O ULTRAMAR

No avião da TAP, seguiu ontem para Luanda o embaixador da Holanda em Lisboa, barão Van Ittersum. De Luanda seguirá depois para Moçambique, devendo aquele diplomata passar três semanas naquelas duas províncias. Disse ao partir: «Não conheço a África e para mim, esta visita aos territórios portugueses daquele continente é da maior importância».

PALÁCIO DE BELÉM

O Presidente da República recebeu os srs. dr. José Hermano Saraiva, ministro da Educação Nacional, e dr. Januário dos Santos Pinheiro, director da Escola Industrial Marquês de Pombal, que o convidaram a visitar no próximo dia 12 de Junho aquele estabelecimento de ensino, a fim de inaugurar a Sala-Museu Leopoldo Baptistini; e os srs. deputado José Vicente de Abreu; general Mário Silva, comandante-geral da Guarda Fiscal; António de Medeiros e Almeida, presidente da comissão organizadora da Fundação Salazar; prof. dr. Biasaia Barreto; almirante Jerónimo Jorge, do conselho de administração da Companhia Colonial de Navegação; Filipe Benassuie e comandante Simões Vaz, respectivamente presidente do conselho de administração e administrador da Empresa Insulana de Navegação.

CONDECORAÇÃO

Em cerimónia efectuada ontem no gabinete do sr. ministro da Marinha, o almirante Manuel Pereira Crespo condecorou com a Ordem de Benemerência a sr.ª D. Julieta Vaz de Carvalho dos Santos, directora do Jardim Infantil «Gago Coutinho». Assistiram várias personalidades em destaque na Armada e ainda a chefe da secção de visitadoras da Cruz Vermelha Portuguesa, D. Cândida Barahona Fernandes dos Santos.

FUNDAÇÃO SALAZAR

Mais 200 contos para a Fundação Salazar que o sr. Presidente da República tomou a peito realizar. Ontem foram ao Palácio de Belém os representantes da indústria hoteleira entregar essa soma ao sr. Presidente da República, tendo os presidentes das Uniões de Grémios da Indústria Hoteleira e Similares do Norte e Sul, respectivamente os srs. Alexandre de Almeida e Abrantes Jorge, saudado o sr. Presidente da República.

DE AGOSTO A NOVEMBRO DE 1820

por JOEL SERRÃO

Aquilo que muito especialmente seduzia os mentores portuenses do talhado pronunciamento republicano de 31 de Janeiro de 1891 era a hipótese da repetição do que, a seus olhos, constituía o mérito supremo da «aclamação» do constitucionalismo, na já longínqua manhã de 24 de Agosto de 1820: a reunião da tropa, uma proclamação solene ao País, e o discreto desmoronamento, sem uma gota de sangue vertida, das instituições políticas consideradas obsoletas e impeditivas da ascensão do povo português à plena cidadania. A indignada frustração de um Sampaio Bruno ou de um Basílio Teles — e de tantos outros que na dobragem do século passado para o actual se agarravam com desespero à esperança da «virginal República» — radicava, além do mais, no apego ao espectro histórico do vintismo, essa tenaz miragem de uma «revolução» que principiara por não o ser...

Na verdade, quando a tropa da guarnição portuense se reuniu, pela calada da manhã de 24 de Agosto de 1820, no Campo de Santo Ovídio (logo após o triunfo denominado, muito significativamente, Praça da Regeneração), saberia ela que estava dando início á virtual mudança do antigo regime no sentido da institucionalização do liberalismo? É muito duvidoso que o soubesse, mas, sabiam-no, sim, os conspiradores do Sinédrio que, com tão compreensíveis cautelas (estava fresca ainda a memória do suplício dos conspiradores liberais de 1817) haviam lançado a teia da conjura, realisticamente apoiada no papel decisivo que ao exército competia, — e haveria de competir pela força das circunstâncias portuguesas, no decurso da nossa história contemporânea.

Com efeito, o que ocorreu no Porto, a 24 de Agosto de 1820, foi um pronunciamento militar justificado pela «aclamação» que se pretendia: da religião católica, da monarquia na pessoa do «mais amado dos soberanos», D. João VI, e da Constituição que asseguraria «a liberdade regrada pela lei». Não importa averiguar, neste ensejo, de que transacções entre os homens do Sinédrio e os maiorais da tropa resultou o compromisso político que se proclamou ao País, mas tão-só vincar que foi *isso* que aglutinou o desejo de mudança. A mudança, em primeiro lugar, duma situação de facto não só humilhante mas também angustiosa: o Reino tornado em colónia do Brasil; a ausência do rei; a presença de Beresford e da oficialidade inglesa; a queda vertiginosa do volume do comércio luso-brasileiro. E, em segundo lugar, mas no ânimo de alguns apenas, o aproveitamento do ensejo para, ao sabor dos ventos favoráveis que sopravam de Espanha (de 1820 a 1823, o vizinho peninsular ensaiará a sua segunda experiência liberalizante), tentar-se a renovação e a inovação de instituições políticas aptas a assegurarem o futuro da grei, que, muito justamente, se considerava comprometido. No lábaro do pronunciamento de 1820 só o mote de *Constituição*, ainda que ambiguamente proclamada como um regresso ás mais lidimas tradições nacionais, continha as virtualidades de uma revolução que só gradualmente viria a explicitar-se.

Constituída a Junta Provisional do Governo Supremo do Reino, presidida pelo brigadeiro António da Silveira Pinto da Fonseca, e constituída pelos militares Cabreira e Sepúlveda, pelo deão Brederode, e ainda por representantes da «burguesia» portuense, Pereira de Melo, Manuel Fernandes Tomás, Barros Lima, Xavier de Araujo, Sotto Maior, a qual era secretariada por José Ferreira Borges, José da Silva Carvalho e Francisco Gomes da Silva, ela aspira, naturalmente, ao domínio das alavancas do Estado, que se mantinham em Lisboa. Tendo o movimento alastrado sem dificuldades de monta ao Minho e às Beiras, de Lisboa, os governadores do reino contra-atacam procurando anular o que de revolucionário se continha no movimento do Porto (a promessa duma constituição), convocando, apressadamente, Cortes para 15 de Novembro. Era hábil o golpe, mas os nortenhos estão dispostos a levar por diante a empresa, mesmo que para tal se tornasse necessário recorrer ao auxílio espanhol: a nossa causa) «é também a causa de nossos vizinhos os espanhóis, e por isso tropas deles ocupam já nossas fronteiras na Galiza, aonde se acham prontas a auxiliar a nossa independência».

Lisboa procura negociar com a Junta Provisional (9 de Setembro), enquanto a 14 desse mês, esta recusando-se a qualquer compromisso, sai do Porto com destino à capital, onde, a 15 se verifica um pronunciamento que se cifra pela deposição dos governadores e pela nomeação de um governo interino, constituído por Conde de Sampaio, conde de Rezende, conde de Penafiel, Matias José Dias Azedo, Hermano José Braamcamp Sobral. Os dois governos, portuense e lisboeta, tendem para a fusão, o que veio a ocorrer em 27 de Setembro, data em que se anuncia, de Alcobaça, quer a constituição de uma ampliada *Junta Provisional* quer uma *Junta Provisional Preparatória das Cortes*. O fermento revolucionário ia abrindo, paulatinamente, o seu caminho.

Instalada em Lisboa, a partir de 1 de Outubro, a Junta Provisional procura pôr a casa em ordem, consoante os designios de 24 de Agosto: pede ao Rei que regresse à metrópole ou que designe o seu representante (9 de Outubro); impede o desembarque de Beresford (10 de Outubro) que, entretanto, chegara ao Tejo, vindo do Brasil, munido de plenos poderes que lhe haviam sido autorgados pelo monarca; procede aos trabalhos preparatórios para a convocação das Cortes Gerais, e publica (31 de Outubro) as instruções para a eleição dos deputados que ergueriam «a constituição, cuja falta é a origem de todos os nossos males».

Foi, por então, que o exército começou a perceber que se lhe escapava o domínio das coisas, das quais, até então, havia sido o árbitro supremo. Disposto a manter essa supremacia ante os burgueses promotores do sinédrio e cujo *leader* era Manuel Fernandes Tomás, a tropa tenta um golpe de estado, que ficou conhecido por *Martinhada* (11 de Novembro), prenúncio alarmante do que viria a acontecer, em 1823, com a *Vila-Francada*, que poria termo à primeira experiência liberal portuguesa, em estreita consonância, aliás, com a agonia do segundo liberalismo espanhol. Mas, por então, o litígio derimiu-se a favor dos civis que lograram impor-se, desterrando para a sua terra natal, Vila Real, o homem que, até esse momento, encabeçara a Junta Provisional — António da Silveira Pinto da Fonseca, irmão do conde de Amarante, que, por seu turno, em 1823 desencadearia das terras transmontanas a onda tradicional-absolutista que subverteria as incipientes instituições liberais.

Sinal dos tempos, a luta pelo poder entre os militares e os juristas arvorava, de parte a parte, propósitos de extremismo liberal: os objectivos declarados dos maiorais castrenses que fizeram a *Martinhada* cingiam-se ao desejo de que a eleição para deputados se realizasse consoante o «método espanhol», tal qual figurava na Constituição de Cádis (1812); e o Governo, na alternativa que lhe era posta, não viu outra saída airosa senão substituir as anteriores instruções para a eleição dos deputados, já tornadas públicas, por outras, dadas a lume a 22 de Novembro, «segundo o método estabelecido na constituição espanhola e adoptado para o Reino de Portugal».

ECOS

UMA rara vocação do rigor, o gosto da metáfora científica, a economia da palavra, o amor da construção difícil caracterizam desde «O Ângulo Raso» a ficção de Fernando Botelho. Porém, nunca a autora de «Calendário Privado» atingira, no domínio da arquitectura e da perspectiva romanesca, a originalidade autêntica e profunda, a segurança de ofício, o poder de surpresa que enriquecem «Terra sem Música», o seu último romance, obra de vanguarda no processo literário mas que não se divorcia, embora sem concessões a um psicologismo esgotado, da pesquisa abissal da natureza humana e do seu destino.

★

A visita de Nicolau Ceausescu a Varsóvia introdus na panorâmica política e diplomática das democracias populares na Primavera de 1969 uma nota de franco desanuviamento. Sem abdicar das suas posições liberais e da sua teoria do respeito pela construção da sociedade socialista segundo as condições objectivas e as peculiaridades de cada país, Ceausescu preconiza o diálogo, a consideração pelos pontos de vista divergentes. A pedra de toque do dissídio entre Gomulka e Ceausescu era o restabelecimento de relações diplomáticas entre a Roménia e a Alemanha Federal. Verifica-se agora — e a Polónia começa a praticar já uma estratégia diplomática mais matizada — que afinal a táctica da Roménia não era assim tão absurda, visto que poderá mesmo ter encorpado a aproximação da corrente social-democrática com os países do Leste, no Congresso de Nuremberga. Em artigo de fundo do **Le Monde**, estabelece-se uma relação entre esta abertura a Oriente e uma eventual necessidade da União Soviética de conseguir um descongestionamento na Europa, devido á progressiva intensificação do seu conflito com a China.

★

OS sucessos políticos têm sido nos últimos anos factor determinante e imprevisível de migrações turísticas. Assim acontece que, enquanto nos meses da Primavera de 1968, afluíam visitantes franceses, em bandos compactos, às estações balneares da Roménia, da Bulgária e da Jugoslávia, onde a água do mar é morna e os hotéis são acolhedores, a população amável e até carinhosa para com os forasteiros, agora, após os acontecimentos de Praga, diminuiu muito sensivelmente essa corrente turística. Qual a razão? Provàvelmente o receio, segundo a opinião manifestada no **Express** por Monique Gilbert. Quanto ao Líbano, próximo de Israel, logo da ameaça de bombardeamentos e incursões militares, é ainda mais pronunciada a atitude negativa do turista francês, como no que respeita à Grécia.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL MIGUEL BOMBARDA

Concurso para o fornecimento de MEDICAMENTOS

Até ás 15.30 horas do dia 2 de Junho p.º f.º receberam-se propostas feitas em papel selado, dentro de sobrescrito fechado e lacrado, para o fornecimento em referência.

Condições patentes no Serviço de Abastecimentos, todos os dias úteis, dentro das horas de expediente normal.

Lisboa, 20 de Maio de 1969.
O ADMINISTRADOR

SALÃO DE CINEMA DO PALÁCIO FOZ

Ciclo «Os Filmes da Cinemateca»

Motivos imprevistos obrigam a adiar para amanhã, ás 15, 18 e 21.30 horas as sessões que hoje se deviam realizar do ciclo em epígrafe.

FRIGORÍFICOS EMERSON

RECTÂNGULOS DA VIDA

OS MONSTROS

Todas as Primaveras, no dia 18 de Maio, abre a caça, meramente platónica, diga-se desde já, sem armas nem sangue inocente —, ao turístico monstro de Loch Ness. A época, chamemos-lhe venatória, estende-se até Setembro, mês em que o tempo começa a esfriar e o bicho, se bicho há, recolhe à sua antiquíssima gruta subaquática. A 18 de Maio as margens enchem-se pois de estrangeiros e nacionais, todos eles ansiosos por fixar na película a imagem do famigerado monstro, fóssil vivo que a natureza esqueceu de a fotografar para a breve posteridade de ser mostrada a amigos e conhecidos, e, quem sabe, de vir a ser publicada na «Life» ou no «Paris-Match». Esta época há uma novidade promissora: um mini-submarino equipado, está bem de ver, de câmaras fotográficas, propõe-se estudar as profundidades do lago onde o velho monstro talvez ainda esteja a espreguiçar-se do seu longo sono.

O proprietário de uma loja da região afirmou: «É a melhor promoção turística que há na Escócia, este famoso monstro. Os norte-americanos chegam aqui às centenas, passam horas à volta do lago e, como a Primavera deixa muito a desejar, acabam por se constipar e compram toda a espécie de abafos». E acrescentou: «Um ser tão valioso como é o monstro do nosso lago deve ser protegido a todo o custo».

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Chegam de avião, comboio ou camioneta, enchem os hotéis, constipam-se, vão a médicos e farmácias, compram abafos e lembranças para a família, compram também ou antes de mais máquinas fotográficas e de filmar, rolos, barracas de campismo, etc. Claro que o monstro deve ser protegido. É de ouro.

Isto todos os anos, na Escócia. Na U. R. S. S., perto da fronteira com a China, há um lago que os camponeses da região dizem não ter fundo, e que tem, em todo o caso, mais de 500 metros de profundidade. Um sábio mediu-o com uma sonda desse comprimento e a sonda ficou suspensa na água. Pois esse lago, o Sara-Tcheich, também possui, ao que parece, o seu monstro. E há o abominável homem das neves das montanhas Tsiang-Chiang, e há as célebres serpentes de todos os mares. Nas florestas siberianas consta que existem mamutes, e um professor mongol chamado Dachseveg, vê-los-ia mesmo fotografados em variadíssimas posições.

Esta misteriosíssima Terra em que vivemos!

A URGÊNCIA DE FISCALIZAÇÃO DOS LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS

— UM DOS TEMAS FOCADOS NO DEBATE REALIZADO NO SINDICATO DOS FARMACÊUTICOS

Realizou-se ontem á noite, na sede do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, uma mesa-redonda sobre o problema das análises clínicas, que ultimamente foi agitado pela controvérsia entre várias classes profissionais quanto á

PEDRO COELHO

legitimidade do seu exercício. Contudo, o debate fechado que ontem decorreu na Rua da Sociedade Farmacêutica (em que só participaram especialistas) ignorou voluntàriamente esses acontecimentos menos agradáveis e centrou-se numa discussão não profissionalmente sectorial ou sectária da questão, mas sim abordando-a de um prisma científico e sócio-estrutural. O moderador da sessão foi o dr. Pedro Coelho, que estava ladeado pelos drs. Henriques Santos Silva e Norberto Barreira.

Em relação ao ponto I da ordem de trabalho, **definição de análises clínicas**, aquela que o dr. Santos Silva propôs, extraída da legislação francesa foi aceite por todos quase sem controvérsia. Ei-la: exame de laboratório destinado a facilitar o diagnóstico, o trabalho ou a profilaxia das doenças humanas. Quanto ao ponto II, referente ás habilitações necessárias para a prática das análises, foi sublinhado que deveria ser exigido um grau de especialização para o director de um laboratório de análises clínicas, não devendo bastar pois a licenciatura (as licenciaturas, melhor, pois neste caso se admitem tanto Farmácia como Medicina). Foi a seguir muito discutido se os actuais estatutos são ou não explícitos quanto ao assunto. Depois de terem sido apreciadas pelos circunstantes algumas expressões utilizadas para designar esta actividade, como a de patologista, que foi considerada inadequada ao nosso idioma (o seu emprego é predominantemente anglo-saxónico), foi inculcar uma exclusividade médica que não lhe deve caber, cuja origem estará precisamente (aventou o dr. Fernando Godinho) na intenção de os médicos se arrogarem privilégios neste campo. A dr.ª Elisete Sá Gonçalves sustentou, no que foi imediatamente secundada, que quando se fala de licenciados em referência ás análises clínicas, não se podem deixar de fora nem o químico, nem o engenheiro químico nem o veterinário, nomeadamente quando especializados.

Debruçando-se sobre a legitimidade legal da actividade do farmacêutico, o dr. Santos Silva nomeou três disposições legais, a saber: parágrafo 2.º do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 48 547, de 27 de Agosto de 1968, regulador do exercício da profissão, que diz: «Compete também ao farmacêutico a r e a l i z a ç ã o analítica em medicamentos com o fim da sua verificação e de análises quí-

SILVA TAVARES

mico-biológicas, nos termos estabelecidos por lei». Citou igualmente os artigos 14.º e seguintes do Decreto-Lei n.º 46 997, de 7 de Julho de 1966, e o 46 077, de 17 de Dezembro de 1964, em abono das suas declarações.

Director-adjunto em questão

Os pontos III e IV diziam respeito á direcção e propriedade dos laboratórios de análises químicas. Depois de o dr. Santos Silva se ter pronunciado no sentido de a propriedade dos laboratórios dever pertencer, em regime análogo ao das farmácias, aos respectivos directores técnicos, foi levantado um problema que levantou grande celeuma, o dos directores-adjuntos. Suscitou-o a dr.ª Elisete Sá Gonçalves, que advogou a sua necessidade, no que foi contestada por um dos elementos da assistência. A esta questão parecia estar ligada a da existência dos postos de recolha de análises em aglomerados populacionais pequenos, o que foi considerado um mal menor enquanto uma melhor cobertura laboratorial do País não seja feita. Foram referidas as modalidades de postos que existiam e as necessidades que os justificavam, havendo mencionado o dr. Santos Silva a fraude que consiste em registar um posto como verdadeiro laboratório, o que, por vezes, impede quem esteja interessado em montar um verdadeiro laboratório nessa terra de o fazer.

Após ter tecido breves considerações acerca da propriedade do laboratório pelo técnico, que não julgou indispensável, o dr. Fernando Godinho pronunciou-se pela urgência da obrigatoriedade de existência de director-adjunto em certos laboratórios em que não só o numero de análises feitas mas também a sua extensão técnica o justifiquem, no que foi sublinhado pelo dr. Alvarenga.

Foi focado logo a seguir um assunto momentosíssimo — o da fiscalização dos laboratórios de análises clínicas, juntamente com os da respectiva abertura e montagem. Como se sabe (ou talvez não) não existe e n t r e nós praticamente qualquer fiscalização da montagem, apetrechamento, funcionamento, condições e métodos de trabalho, etc., dos laboratórios de análises clínicas em Portugal. Todos os intervenientes acentuaram então a necessidade de que seja instaurado o mais breve possível um operoso serviço de fiscalização das análises clínicas no País, tanto mais preciso quanto é certo que os interesses que da saúde pública decorrem não podem estar á mercê do acaso ou do simples e não condicionado móbil do lucro. O dr. Alvarenga dissertou sobre as condições mínimas que uma legislação a criar deveria cominar, e o dr. Fernando Godinho alvitrou que fossem os próprios responsáveis dos laboratórios a enviarem ao Governo a notícia do que com eles sucede, não só com fins estatísticos, como numa medida de saneamento interno e de argumento junto das autoridades no sentido de aquela imprescindível fiscalização pública ser posta de pé. O dr. Damas Mora citou então a legislação francesa a propósito do tema em aberto, e preconizou a determinação pela lei do material mínimo segundo os laboratórios e funções respectivas. O dr. Pedro Coelho lembrou que provàvelmente dentro em pouco o Sindicato estaria transformado em Ordem, o que daria ao organismo corporativo dos farmacêuticos o ensejo de resolver bem mais questões de ordem deontológica, por exemplo, que como

ELIZETE ALDINA DE SÁ GONÇALVES

Sindicato apenas, poderia mal abarcar e enquadrar.

Honorários dos analistas

Discutiu-se t a m b é m o registo de análises, propriedade d o s resultados analíticos, segredo profissional e a publicidade. Todos concordaram na pertinência de uma lei que mandasse fazer aquele registo. Foi dito que a publicidade aconselhável deverá ser apenas de informação. Quanto á tabela nacional oficial e uniforme, não existe e é desejável; foi dito com amargura que os variados serviços sociais existentes i m p õ e m aos analistas os s e u s preços, em vez de este ser o fruto de um acordo; foi ainda salientado que determinados serviços sociais fazem preços diferentes conforme as regiões do País. O dr. João Silva Tavares insistiu particularmente em que no território nacional inteiro as tabelas sejam u n i f o r m e s. Concordando embora, a dr.ª Elisete Sá Gonçalves salientou que o critério q u e actualmente p r e s i d e á uniformização das tabelas é o da população (cliente) e não o do analista.

Foi então brevemente analisado o problema do automatismo, t e n d o a

NORBERTO BARREIRA

MARIA LEONOR BARREIROS

SANTOS E SILVA

maior parte dos intervenientes assentado que ele era impossível em Portugal, devido á falta de movimento das análises químicas, que tornaria aquele economicamente inviável. Só o dr. Fernando Godinho sustentou que havia métodos que talvez interessasse automatizar entre nós.

O ponto 11 da agenda da mesa-redondo incidia sobre a cobertura laboratorial, laboratórios privados, anexos a farmácias, a consultórios, a casas de saúde, etc. Salientou-se que toda a cobertura laboratorial do País, independentemente do que as autoridades tenham querido, é praticamente assegurada pelos laboratórios particulares. Particularmente caloroso foi o debate acerca das farmácias com laboratórios anexos. O dr. Alvarenga frisou que sendo a situação da farmácia em Portugal tão mal economicamente e sendo tão frequente o domínio de amplos sectores da cobertura farmacêutica portuguesa por «trusts» que escorraçaram o farmacêutico-proprietário, não lhe parecia salutar associar as análises laboratoriais a essa situação. O dr. Silva Tavares interveio para considerar que se não concordava com os laboratórios imiscuídos nas farmácias, no entanto não via mal em que existam anexos laboratoriais ás farmácias. O dr. Fernando Godinho, entretanto, acentuava que o óptimo seria, de facto, a divisão absoluta entre a farmácia e o laboratório, mas que se a prioridade, como parece, deve recair na cobertura razoável do País, então há que achar uma fórmula que, por enquanto, não prejudique aquela e admita ainda os laboratórios anexos ás farmácias. O que é preciso — disse — é assegurar o «contrôle» técnico dos laboratórios.

A uniformização

O ponto 12 dizia respeito á bibliografia oficial sobre métodos e técnicas ana-

(Continua na 15.ª página)

CRUZEIRO A ANGOLA

— O CRUZEIRO A ANGOLA que terá início no dia 17 de Julho é subsidiado pela AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR e pelo GOVERNO-GERAL DE ANGOLA.

— O CRUZEIRO A ANGOLA permite-lhe passar 10 dias em Luanda e arredores e conhecer S. Tomé e a Madeira e regressar a Lisboa a 17 de Agosto.

— O CRUZEIRO A ANGOLA dá-lhe a oportunidade de passar 30 dias em ambientes requintados só por 12 000$00 que poderão ser pagos em 12 prestações.

— O CRUZEIRO A ANGOLA oferece-lhe tratamento especial a bordo só por 9000$00, caso tenha familiares em Luanda que lhe forneçam alojamento, dentro das mesmas condições de crédito.

INSCREVA-SE na Companhia Nacional de Navegação

Em Lisboa — RUA DO COMERCIO, 85
No Porto — RUA INFANTE D. HENRIQUE, 63

RECORTE ESTE TALÃO E ENVIE-O PEDINDO INFORMAÇÕES À AGÊNCIA-GERAL DO ULTRAMAR
Av. Elias da Madeira-Restelo-LISBOA

NOME .....
MORADA .....
.....

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO IMPÉRIO

TITULO — «O incêndio de Moscovo — a vitória» (3.º episódio de «Guerra e Paz»).

REALIZAÇÃO — Sergei Bondarchuk.

INTERPRETES — Ludmila Saelyeva, Sergei Bondarchuk, Vyacheslav Tihonov.

1. O terceiro episódio da versão russa de «Guerra e Paz» inicia-se com a batalha de Borodino, continua com o incêndio de Moscovo e termina com a fuga dos exércitos franceses e a euforia da vitória no povo russo. Como é fácil compreender para quem viu os episódios anteriores, o filme baseia-se predominantemente em descrições altamente espectaculares e em momentos líricos de meditação, evocação ou devaneio. Utilizando todos os recursos que conseguiu imaginar, transparências, desfocagens, planos fixos, câmara lenta, sobreposições, *flash-backs*, *travellings* vertiginosos, etc., Sergei Bondarchuk leva, no plano da realização, o mau gosto aos mais inconcebíveis limites. São disso exemplo o momento da batalha em que o príncipe Andrei é atingido, o momento da sua morte, os sonhos do jovem Nikolai Rostov, as congeminações de Pier junto ao poste dos fuzilamentos e o encontro final entre Pier e Natacha. Qualquer destas sequências poderá ficar na história do cinema — como exemplo do que se não deve fazer.

2. Na medida em que já formulei claramente a minha opinião sobre o filme, e que o 3.º episódio apenas a vem confirmar, *senão acentuar*, resta-me fazer algumas citações da crítica portuguesa sobre a obra de Bondarchuk.

Em primeiro lugar, das páginas do «Século Ilustrado», a opinião de Lauro António, nosso amigo e companheiro de trabalho, que em breve voltará á crítica diária: «A «Guerra e Paz», de Tolstoi, é seguida fielmente com a humildade de um copista sem talento. O meu gosto para consumo de massas».

Em segundo lugar, regisito a apreciação de Manuel Machado da Luz, nas páginas da «Seara Nova» (Maio de 1969): «Da terça parte da «Guerra e Paz» *(Novi i Mir)* de Sergei Bondarchuk que agora nos foi proposta sob o título de «Austerlitz», e numa cópia execrávelmente tirada, com *dialonages* deficientíssima, muito se pode, no entanto, dizer: o suficiente para constatar um fracasso que, quase pela certa, os dois episódios ainda inéditos não poderão anular. O episódio que agora vimos, e que corresponde ás primeiras quinhentas e tal páginas do romance abunda em contradições formais que são insuperáveis nos termos em que a adaptação é posta e que, ainda por cima, são agravadas por uma patente queda desse sólido classicismo (Chamemos-lhe assim) de que muitos cineastas russos se tornaram mestres e que — a par das graves limitações que lhe eram inerentes — possuia uma real coerência interna».

Recorremos agora á crítica que José Vaz Pereira publicou no Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» (3 de Abril de 1969): «Bondarchuk esqueceu-se que há uma maneira criativa, ardente, transbordante, de conduzir grandes movimentos colectivos em que os seus antigos colegas eram especialistas. Assim, a grandeza de Tolstoi transforma-se na gravura do apartamente burguês, bonita, estilizada, sem expressão. «Austerlitz» é uma parte imensa de um imenso filme de que Hollywood se poderia orgulhar e que mostra que também na U. R. S. S. o conflito entre uma arte verdadeiramente renovadora e uma arte convencional que dispõe de recursos prodigiosos se faz sentir com dolorosa agudeza (...) Temos, portanto, um filme de escrita antiquada. Haverá alguém a ignorá-lo? E temos também uma obra que trocou um classicismo que lhe poderia conferir nobreza por uma vontade demagógica de fazer inovações apressadas que fazem de «Austerlitz» um produto híbrido, oscilando entre o convencionalismo da imagem e a ingenuidade dos processos».

Por fim, transcrevemos parte da crítica de Adelino Cardoso, publicada na extremamente bem elaborada página de cinema da revista «Rádio e Televisão» (3 de Maio de 1969): «*Natasha* é um filme ou parte de um filme nauseativamente aborrecido, uma ilustração de mau gosto dos aspectos pitorescos de uma obra-prima da literatura, feito com uma ostentação de riqueza e com malabarismos técnicos para espantar burguês. Gástam-se duas horas de tempo fílmico para narrar nada, a não ser longas manifestações piegas da menina Natasha, as caçadas, os bailes dos aristocratas, ou cenas de uma guerra em que o povo russo canta, canta. A guerra aparece-nos aqui, aliás, como um pretexto para exibição de esteticismos baratos, com recursos a gigantismos e a truques, que são o expediente dos medíocres sem talento. A guerra, como todas as outras situações deste período crucial da vida russa, está, diga-se também, desligada de enquadramento num real contexto histórico, o que nos parece pecha ideológica grave num filme «socialista». Não sabemos se os russos ganharam esta etapa da concorrência de coexistência pacífica aos americanos. O que sabemos é que foi cometido um grave atentado á arte cinematográfica. Seria mais um, e não valeria a pena gastar tanta tinta com ele, se não viesse de onde vem».

Creio que estas citações são bastante elucidativas. Desde a estreia do 1.º episódio de «Guerra e Paz» em Portugal morreram já dezasseis generais soviéticos. Terá a crítica cinematográfica portuguesa alguma responsabilidade nisso?

EDUARDO PRADO COELHO

• NO AVIZ

TITULO — «Os crimes de Dillinger» («Young Dillinger»).

REALIZADOR — Terry O. Morse.

INTERPRETES — Nick Adams, Victor Buono, Mary Ann Mobley.

Musica: Shorty Rogers. Um nome evocativo para os apreciadores de «jazz».

Um criminoso é o herói de «Young Dillinger», filme tão incompleto como as personagens que pretende retratar. De metralhadora em punho, Dillinger enfrenta a sociedade. O «herói» quer apresentar-se como um rebelde, mas a sua causa é apenas a do inadaptado que pretende impor aos outros as suas regras de indivíduo já deformado e anti-social. Evidentemente que esse indivíduo é de certo modo, um produto da sociedade em que vive. Contudo, determinado sociólogo considera hoje a agressividade como parte inerente da natureza humana, o que pode lançar nova luz sobre a violência entre os chamados «seres racionais».

Dillinger, embora reduza ao mínimo as suas relações sociais, não prescinde de criar a sua pequena «sociedade» — um «gang» —, da qual ele é, «naturalmente» (de metralhadora em punho), o chefe. O ódio, o desejo de vida fácil e uma inferioridade que só é compensada pela falta total de respeito pelo próximo são os motores da aventura, uma versão barata e pouco poética de «Bonnie and Clyde».

V. N.

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA, & C.º
RUA DO CARMO

VIDA MUSICAL

FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

Hoje, às 21 e 30, decorre no Coliseu dos Recreios o terceiro e último espectáculo com «Les Grands Ballets Canadiens» integrado no XIII Festival Gulbenkian de Música. O programa inclui os ballados «Allegro Brillante», de George Belanchine, «Medeia», de Brydon Paige e «O Triunfo de Afrodite», de Norman Walker.

Este espectáculo será repetido, amanhã, no Teatro Gil Vicente, em Coimbra, e no sábado no Coliseu do Porto.

• MARIA VITÓRIA • GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO APRESENTAM
HOJE, ÀS 20,45 E ÀS 23 HORAS
A SENSACIONAL REVISTA
• MÃOS À OBRA! •
com
SALVADOR • VIANA
MARIEMA
MAX • ANITA • DORA • VITOR MENDES • HELENA CARDINALI • MARIANO FRANCO • VITOR ESPADINHA • a atracção MAY AVRIL com ALBERTO CRAZIANO
DOMINGO, vitalícia, às 16 •
ANITA e DORA em «Vícios Inconfessáveis»
ADULTOS

boutique
inauguração
jacques
esterel
hippies
apresentação
jacques
esterel
casino
estoril
dia 23
23 horas
RUA RODRIGO DA FONSECA, 82-A
Penteado e maquilhage: Instituto Harriet Hubbard Ayer.
A equipa «Jacques Esterel», viaja com os aviões da TAP.
A «AUSTIN» transporta «Jacques Esterel» e a sua equipa.
dia 22

Gina Lollobrigida, Phil Silvers, Telly Savalas, Peter Lawford e Shelley Winters constituem a «frente» de um grande elenco reunido por Melvin Frank, na atrevida comédia «Boa Noite, Senhora Campbell»

NO SÃO JORGE: «BOA NOITE SENHORA CAMPBELL»

O S. Jorge é, uma vez mais centro de atenção do publico amante de boas comédias.

Na realidade, a divertida história que Melvin Franck conta em «Boa Noite, Senhora Campbell» é daquelas que não esquecem fácilmente, já pelas suas inesperadas e hilariantes situações, já pelo excepcional nivel de interpretação que um elenco de autênticas «estrelas» lhe confere.

Não é, portanto, de estranhar que, nesta época do ano, a vasta lotação do S. Jorge seja insuficiente para conter os numerosos espectadores que pretendem divertir-se com a hilariante «odisseia» de Gina Lollobrigida ... aliás, Senhora Campbell.

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
Hoje, dia 22, ás 21.30
Ultima récita da Ópera
BODAS DE FÍGARO
de MOZART
Pela Companhia Portuguesa de Ópera
Espectáculo para maiores de 12 anos
DIA 5 DE JUNHO — ESTREIA DA ÓPERA «SERRANA», de ALFREDO KEIL

EXTRAORDINARIA CORRIDA DE TOIROS
EVORA
M/6 anos
DOMINGO 26 DE MAIO
AS 17,15 HORAS
CONCURSO DE GANADARIAS
6 LINDOS TOIROS
de GARCIA FIALHO (Irmãos), JOAQUIM GRAVE, JOSÉ LUPI, D. DIOGO PASSANHA (Herdeiros), D. JOÃO DE NORONHA e JOÃO MALTA
CAVALEIROS
MANUEL CONDE
MESTRE BATISTA
L. MIGUEL DA VEIGA
FORCADOS:
AMADORES DE LISBOA comandador por SALVAÇÃO BARRETO
e AMADORES DE ÉVORA comandados por JOÃO PATINHAS

JOAQUIM MANUEL

NOVO DISCO DE JOAQUIM MANUEL

O cançonetista Joaquim Manuel gravou para a R. C. A. o seu segundo disco, com letras de João Imaginário, Elisa Filipe e de sua própria autoria. Neste 45 rotações, Joaquim Manuel é acompanhado pelo conjunto de guitarras dirigido por Jorge Fontes.

Ainda no próximo Verão, Joaquim Manuel deve deslocar-se a Moçambique para actuar, durante um mês, num restaurante típico de Lourenço Marques.

CONTINUA A DIMINUIR A FREQUÊNCIA DOS CINEMAS

A Direcção da União de Grémios dos Espectáculos, no Relatório e Contas de 1968, ao falar da difícil situação das empresas respectivas, afirma, a certa altura:

«O ano que findou constituiu para nós mais um período de luta persistente orientada no sentido de não se deixar agravar a situação, que, sendo de crise efectiva, se tem mantido estável nos últimos anos, se bem que com uma ligeira tendência desfavorável, como se deduz das últimas estatísticas publicadas. Assim, por exemplo, no Cinema, que é o espectáculo mais concorrido e o que melhor reflecte os movimentos do público, houve um abaixamento de frequência de 600 000 espectadores de 1966 para 1967, e igualmente, no mesmo período, o número médio de espectadores por sessão baixou de 306 para 283».

Dez teatros em Lisboa e dois (apenas) no Porto

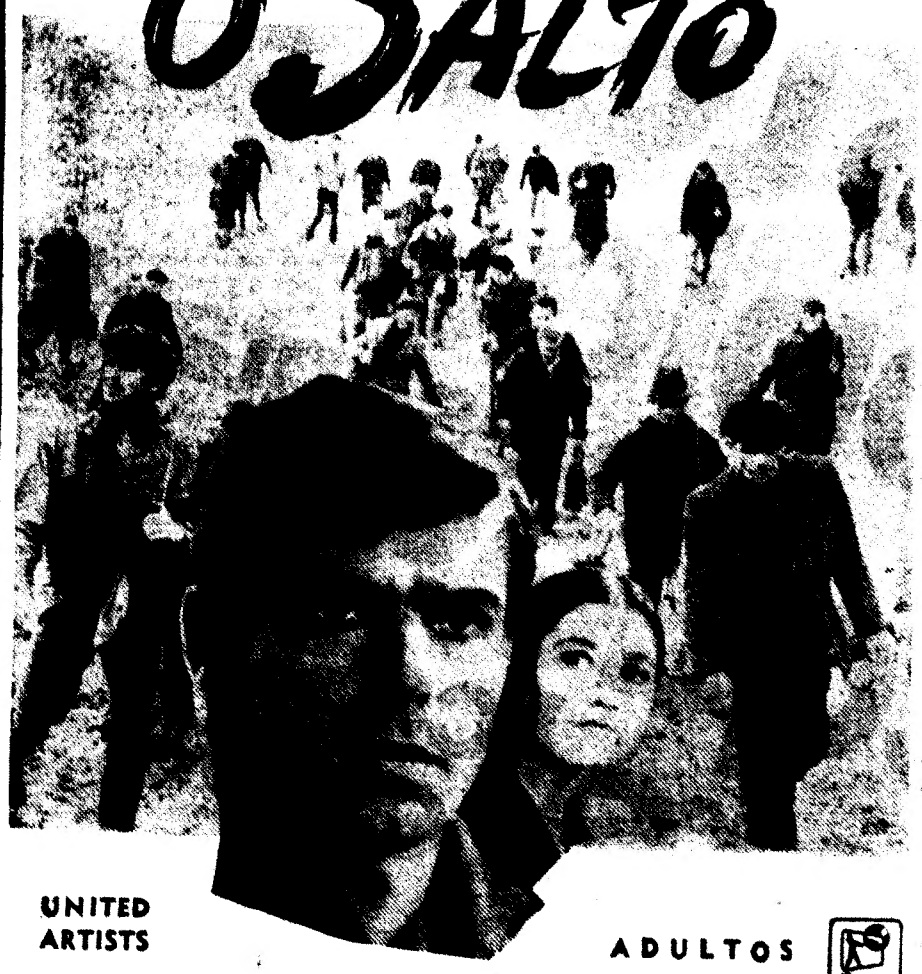
No mesmo documento informa-se, ainda:

«Quanto ao Teatro, não há a assinalar qualquer facto de relevo. O reduzido número de teatros em funcionamento continua desfalcado das salas dos Teatros D. Maria II e Avenida. Em compensação entrou em funcionamento o Teatro Laura Alves, e está em fase adiantada o novo «Maria Matos». Em 1968 estiveram em actividade 10 teatros em Lisboa, com uma lotação total de 7279 lugares, o Teatro Gil Vicente de Cascais e dois recintos na cidade do Porto. Foram apresentadas 70 peças, 50 das quais estrangeiras».

CARTÃO DIPLOMATA
O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto
ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada 64
LISBOA

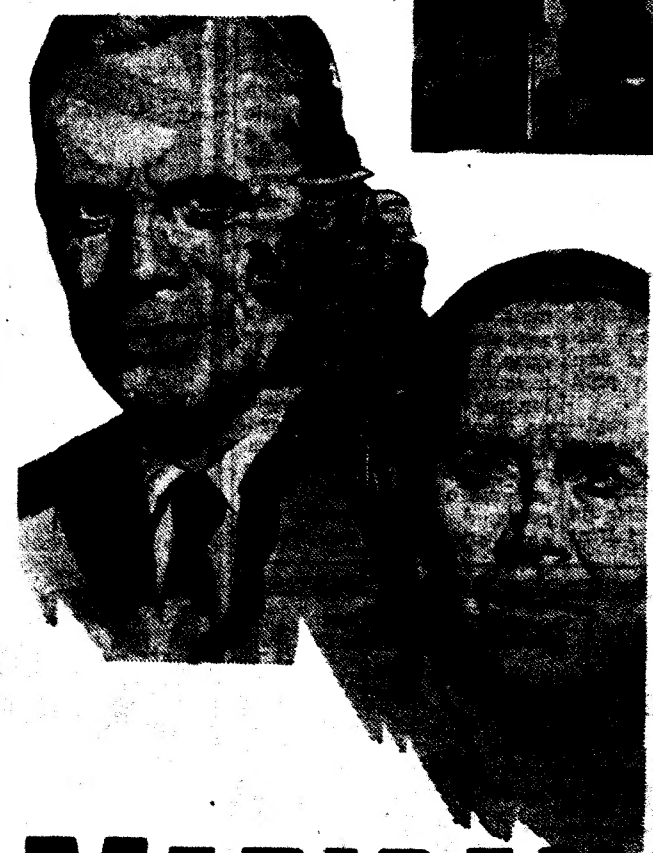
A SURDEZ
A audição é recuperável com um aparelho auditivo adequado. Se não ouve bem consulte sem compromisso MICROSOM caso especializado
LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º, E.
PORTO: Praça de Batalha, 3

estúdio 444
4.ª SEMANA
PARA A NOTAVEL REALIZAÇÃO DE
CHRISTIAN DE CHALONGE
O SALTO
UNITED ARTISTS
ADULTOS
«PRÉMIO DA OCIC»



vem aí a formiga

HOMENS DEMASIADO RUDES PARA SE DEIXAREM VENCER...
MULHERES DEMASIADO APAIXONADAS PARA VIVEREM NA SOLIDÃO!...



HOJE
SENSACIONAL ESTREIA
VOX
AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS
Maiores de 17 anos
RICHARD WIDMARK
HENRY FONDA
INGER STEVENS
HARRY GUARDINO
JAMES WHITMORE
MADIGAN
TECHNICOLOR - SCOPE
UNIVERSAL - SONORO FILME

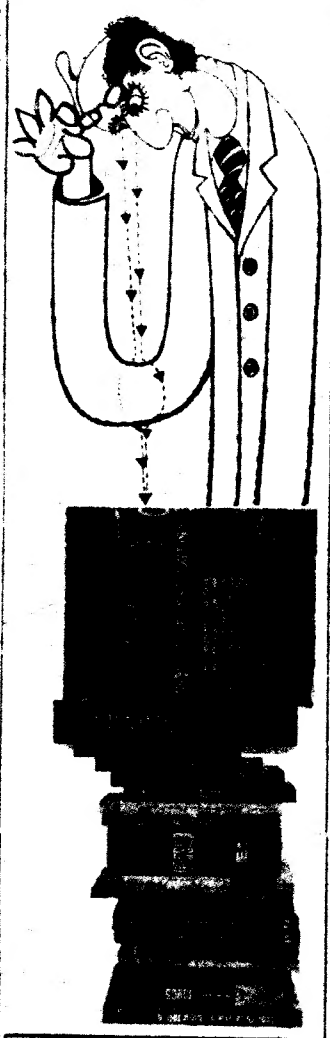
vem aí a formiga

OITO CANÇÕES PORTUGUESAS NO «FESTIVAL DO MUNDO CELTA»

ORENSE (Espanha), 22 — (A. N. I.) — Vinte e cinco canções de quatro países — Portugal, Espanha, Irlanda e País de Gales — concorrem ao quinto «Festival do Minho» («Canção do Mundo Celta»), que se efectua na cidade espanhola de Orense, no fim de Junho.

As canções portuguesas são: «A vida no próprio nada», de Armando Queiroz e José Guimarães, do Porto; «Cruzeiro da aldeia», de Miguel de Oliveira e Fausto da Cruz, de Monção; «Plenitude», de Rocha Oliveira, de Lisboa; «Manhã cedo», de Américo Patela e Rocha Oliveira, de Lisboa; «Chegou a Primavera», de Cidália Maria Pontes de Morais, de Vila Real; «O mundo e nós», de Armando Queiroz e Rodrigues Canedo, de Lisboa, e «Nunca mais quero uma estrela», de Humberto de Castro e Helena Moreira Viana, de Lisboa.

As oito canções portuguesas serão interpretadas numa fase prévia, que terá lugar em Braga no dia 22 de Junho, escolhendo-se três para a final em Orense.



«Falstaff» no ABC Cine-Clube

O ABC Cine-Clube de Lisboa promove amanhã (18 e 40), no cinema Lys, mais uma sessão para os seus associados, exibindo a mais recente obra de Orson Welles: «As badaladas da meia-noite» («Falstaff»).

Antes de iniciada a sessão aceitam-se inscrições para novos sócios.

Academia Nacional de Belas-Artes

Na Academia Nacional de Belas-Artes está aberta a inscrição para a 28.ª Missão Estética de Férias, a realizar nos próximos meses de Agosto e Setembro, em Mafra, sob a direcção do pintor Ayres de Carvalho. Os interessados, estudantes de Belas-Artes e artistas, devem dirigir os seus requerimentos, em meia folha de papel selado, ao presidente da Academia, e consultar as disposições regulamentares e respectivo programa.

CASA DE COMÉDIA
(Janelas Verdes)
Às 16.30 h.
(M. 17 anos)
DANÇA DA MORTE
de August Strindberg
com Cármen Dolores, Augusto Figueiredo e Álvaro Benamor
Às 18.30 h., dias 21 e 28 e às 16 e 22 h., aos sábados
Marcações — t. 677299
SOMENTE ATÉ AO FIM DE MAIO!
Subsidiado pelo Fundo do Teatro

VARIEDADES
HOJE, ÀS 21.45 H.
VASCO MORGADO apresenta
(Adultos)
Laura Alves
NA CÉLEBRE PEÇA
A RAINHA DO FERRO-VELHO
com RUI DE CARVALHO no último ipar vezes de entrada em cena), Rui de Carvalho, Angela Ribeiro, Carlos José Taborda, João Mota, Laura Alves, Canto e Castro, Vasco Morgado Jr., Alda Fialho, Joaquim Almeida, Manuela Maria e ao pequenino Tomás de Macedo
SÓ ALGUNS DIAS

EDITORIAL INOVA E PORTO
FEIRA DO LIVRO
LISBOA/NO STAND DA EDITORA ARCADIA

M/ 6 ANOS
Moita
GRANDIOSA CORRIDA DE TOIROS À PORTUGUESA
Domingo, 25 de Maio
Às 17.30 horas
CAVALEIROS:
VARELA CID
GUSTAVO ZENKL
VÍTOR RIBEIRO
2 GRUPOS DE FORCADOS AMADORES EM COMPETIÇÃO
TERTÚLIA T. DO MONTIJO
GRUPO T. MOITENSE
6 IMPONENTES TOIROS
do DR. ANTÓNIO SILVA e S. AGRO-PECUÁRIA DO SADO

RAUL SOLNADO EM «CONVIDADO PROFISSIONAL»

Raul Solnado volta ao seu Teatro, ao Villaret. A peça (nome ainda provisório) deve intitular-se «O convidade profissional». No elenco, a habitual companhia actuante na sala da Fontes Pereira de Melo e alguns artistas especialmente convidados para o desempenho.

A grande novidade reside na direcção de cena: António Macedo será o responsável. A estreia, marcada para meados de Junho, realiza-se imediatamente após a série de espectáculos com «Black-Out».

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no café e cervejaria Sabino Faria, 15-A.

AMÁLIA e MARIA VALEJO na «Olimpíada da Canção»

«É Lisboa», composição de Eduardo Damas e Manuel Paião vai á segunda «Olimpíada da Canção», em Atenas, de 27 a 29 do próximo mês de Junho. O representante da organização no nosso País, o empresário Artur Pereira, foi incumbido de apresentar um convite ao maestro Jorge Costa Pinto para integrar o júri e, entretanto, está já escolhida a intérprete de «É Lisboa»: a jovem pop-fadista Maria Valejo, que partirá para a Grécia a 25 de Junho.

Dirigido artisticamente por Jorge Iconomidis, este Festival de Canções (agora em 2.ª edição) pretende reunir em Atenas representantes de trinta e dois países, numa tentativa de réplica ao Eurofestival de melodias. Patrocinado pelo próprio Governo grego, o Festival tem como objectivo a propaganda do país e a divulgação de canções ligeiras, a par do estreitamento de relações entre os concorrentes.

Os trinta e dois intérpretes vão desfilar no Estádio Ateniense, competindo por uma valiosa lista de prémios. Para a dupla que vencer estão reservadas estatuetas de Apolo em ouro e 120 000 dracmas (120 contos portugueses), enquanto outros prémios financeiros serão concedidos às nove restantes canções que atinjam a final. Por seu lado, aos intérpretes das três primeiras canções premiadas estão reservadas medalhas de ouro e verbas oscilantes entre 60 mil e 15 mil escudos, enquanto ao cançonetista que se distinguir como mais saliente é concedido um «disco de ouro».

No dia 28, a vedeta-convidada para este Festival é Amália Rodrigues, que se desloca a Atenas acompanhada pelo quarteto de guitarras de Raul Nery.

A primeira edição desta «Olimpíada» de melodias teve a presença de Madalena Iglésias e de Jorge Costa Pinto. Outros nomes do cartaz - 1968: Marino Marini, Leon Borrell, Clodagh Rodgers, Samir Iskandarani, Luis Aguile, Debria Brown, Anna Saint-Clair, Micheline Ramette, Heidi Thuns, Uti, Gerard Gray, Vicky, Gilbert Becaud, Rita Pavone, Madeleine Bell, Nuria Felin, Bruno Lomas, Michel, Alexandra, Niky, Tony Dallara, Jimmy Fontana, Yovanwa, Ricardo Credi, Euzo Guzman, Anneke Grönloh, Ajda Pekkan, Seviwe Tevs e o belga Louis Neefs que, com «Iris», arrebatou o primeiro lugar.

FESTA NACIONAL ARGENTINA

O Embaixador da República Argentina recebe todos os argentinos residentes em Lisboa, no próximo dia 26 deste mês, na Rua Borges Carneiro, 34, 3.º, das 19 e 30 ás 21. Nessa data comemora-se a Festa Nacional Argentina.

III Festival do Filme Publicitário

O III Festival Português do Filme Publicitário decorrerá, como já noticiámos, nos dias 30 e 31 deste mês, nos salões da F. I. L. e nos do Casino Estoril.

Da comissão de honra, que preside ao festival fazem parte o secretário de Estado da Informação e Turismo, dr. César Moreira Baptista; o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, general António Vitorino de França Borges; presidente da Câmara Municipal de Cascais, eng.º António de Albuquerque Azevedo Coutinho; o director-geral da Cultura Popular e Espectáculos, dr. Caetano de Carvalho, e os presidentes da Corporação dos Espectáculos, dr. Mesquita e Carmo; da União de Grémios de Espectáculos, dr. Manuel Teles; do conselho de administração da R. T. P., dr. Ramiro Valadão e da Junta de Turismo da Costa do Sol, sr. Joaquim Miguel de Serra e Moura.

As estreias de hoje

No Vox

Título em português — «Ma digam».
Produção — Americana.
Realização — Don Siegel.
Intérpretes — Richard Widmark, Inger Stevens e Harry Uguardino.
Género — Aventura.
Distribuição — Sonoro Filme.
Processo — Technicolor Scope
Classificação — 17 anos

AOS QUE DUVIDAM AINDA DA INFINITA ARGÚCIA FEMININA... RECOMENDAMOS VIVAMENTE:

BOA NOITE SENHORA Campbell
(BUONA SERA, Mrs. CAMPBELL)

com GINA LOLLOBRIGIDA
SHELLEY WINTERS · PHIL SILVERS · PETER LAWFORD · TELLY SAVALAS

NA FALTA DE UM MARIDO... TRÊS PAIS PARA UMA ÚNICA FILHA!!!

2ª SEMANA NO SÃO JORGE PROGRAMAS PANIK ADULTOS

ora diga-nos...

Já inventou alguma coisa?

O nosso jornal anda a publicar uma série de reportagens sobre os inventores portugueses, que foram premiados (todos os que a ele se apresentaram, sem excepção) no Salão de Bruxelas, o maior do mundo da especialidade. E todos são unânimes em reconhecer — não se sabe se com algum exagero... — a capacidade inventiva dos portugueses. É claro que nem todos, nem uma percentagem relativamente grande, pode inventar o quer que seja. Mas, de qualquer forma, resolvemos fazer a pergunta em epígrafe.

● Pensei inventar uma coisa que já foi inventada: os telecomunicadores *respondeu-nos primeiro José Francisco Dias, de 15 anos aluno do curso de serralharia da Escola Machado de Castro.*

— Mas então?

— Procurei descobrir uma forma melhor, mais aperfeiçoada, e fiz, com uns fios, uma espécie de telefone, diferente dos outros. Mostrei a umas pessoas e acharam a coisa interessante. Mas bom, bom, seria sem fios...

● *Mário Barros, funcionário de um nosso prezado colega e figura conhecida em alguns meios jornalísticos, disse-nos, por sua vez:*

— O que eu queria inventar era o processo de não trabalhar...

— Isso é fácil...

— Fácil? Já cá ando há 27 anos a ver se o descubro e ainda não o consegui. Não trabalhar e ganhar dinheiro, claro...

— ?

— Francamente, nunca inventei nada, nem espero inventar. Mas acho muita piada aos inventores, que por vezes descobrem coisas de bastante interesse.

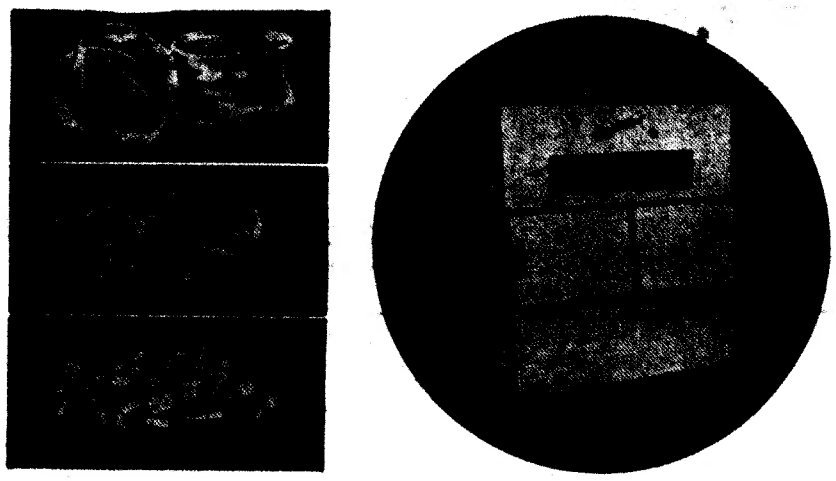
● Não tenho categoria para isso — *ripostou-nos, por último, o sr. Francisco Luís, pintor de construção civil.*

— Mas nunca pensou em nada assim de diferente, no seu campo profissional?

— Falta-me o cérebro.

E, vindo com um bigodinho de meia dúzia de pêlos apenas, seguiu o seu caminho, que estava com pressa e a mais-valia não perdoa...

COM CRYSTAL TIPS...



...HÁ SEMPRE GELO!

HOTÉIS · HOSPITAIS · LABORATÓRIOS
RESTAURANTES · BARES · ETC.
resolveram o problema da obtenção de gelo, em especial nos meses quentes, através das máquinas CRYSTAL TIPS, que nos seus vários modelos produzem de 13 a 204 Kg, diários, de gelo da melhor qualidade e em três formatos diferentes.

exposição em:
MUM MANUEL J. MONTEIRO & Cª Lda
r. da assunção 43, LISBOA 2
tel. 366061/4 324254/6

Faltam em Portugal as estruturas turísticas necessárias para absorver o turismo de massa

— recorda o dr. Alexandre Freire, a propósito do Centro Turístico Internacional da Costa

O Centro Turístico Internacional da Costa, a que já nos referimos por mais de uma vez, está a suscitar o maior interesse no concelho de Almada e serviu já de tema a várias polémicas. Neste momento, porém, tudo indica que o empreendimento será uma realidade, apesar da oposição que surgiu em vários sectores daquele concelho que é, indubitàvelmente, o mais interessado.

A iniciativa do Centro, que se estenderá da Costa da Caparica á Fonte da Telha pertence, como dissemos também, ao sr. dr. Alexandre Freire que, há cerca de cinco anos, projectou um empreendimento idêntico para a Lagoa de Óbidos. Esse projecto falhou e, agora, o dr. Alexandre Freire diz-nos:

— *Fundamentalmente, a idéia da realização de Centros Turísticos Internacionais é uma consequência da evolução turística no pós-guerra, de que resultou o turismo em massa, começado a definir-se com toda a clareza há precisamente 5 ou 6 anos, relegando definitivamente para um plano secundário o tipo de turismo clássico, que, assim, ficou praticamente submerso. Têm-se salientado na Imprensa diária e em publicações da especialidade, assim como em declarações feitas na Rádio e na TV por entidades categorizadas, os vários meios de promoção turística modernamente utilizados junto dos países exportadores de turistas, como sejam a abolição de passaportes, o consentimento de transportes «charters», os cupões de gasolina com bónus, e um sem-número de outras facilidades, todas muito válidas. Todavia e porque não aprofundam o nosso problema turístico, essas pessoas não se apercebem de que os resultados de tais facilidades seriam algo diferentes daqueles que obtêm, com idêntica promoção, os países turísticos da vanguarda. De facto, ao nosso País faltam as estruturas turísticas e as correspondentes infra-estruturas com capacidade suficiente para absorverem o turismo de massa, mediante tarifas e conforto competitivos em relação aos três países turísticos europeus mais avançados: a Espanha, a França e a Itália. Portanto, uma mais intensa promoção turística que possa carrear para o nosso País uma avalancha de turistas que não encontrem aqui tudo o que se propagou e tudo o que eles encontram noutros países, só pode provocar um descrédito e, consequentemente, uma quebra do movimento turístico nos anos futuros. De resto, foi o que se passou em relação ao Algarve, onde nada, além dos hotéis de luxo, da praia, do Sol e do mar, existia que os pudesse entusiasmar e voltarem nos próximos anos. Agora, vai ser muito difícil anular as consequências da nossa imprevisão e fomentar um afluxo moderado de turistas ao Algarve, tão moderado quanto o permitam as suas actuais estruturas e infra-estruturas.*

30 milhões de turistas na Europa (em 1975) utilizando o avião

O dr. Alexandre Freire interessa-se desde há muito por problemas do turismo. E o turismo interessa, hoje, muita gente em quase todos os países. Quais são os caminhos do turismo mundial nos próximos anos?

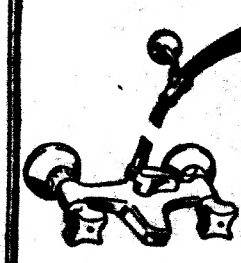
— *Julgo que basta dizer-lhe que, em 1975, o número mínimo de turistas deslocando-se de avião das linhas regulares só na Europa deverá atingir os 30 000 000 por ano, e que se prevê, no mesmo ano, um movimento global, diário, no velho continente, da ordem dos 720 000 turistas, contra os actuais 290 000. Será preciso acrescentar mais alguma coisa? Torna-se, pois, absolutamente necessário que estejamos preparados para receber o afluxo de turistas que se espera nos próximos anos, trabalhando rasgadamente no caminho do progresso, no sentido de criar todas as necessárias estruturas e infra-estruturas de que muito carecemos.*

O centro turístico e as críticas

Como já acentuámos, o Centro Turístico Internacional da Costa tem provocado, no concelho de Almada, algumas polémicas, sendo alvo de críticas mais ou menos acesas. Que se passa? O dr. Alexandre Freire afirma sobre o assunto:

— *Sim, também já me chegaram os ecos dessas afirmações e críticas. Pensando no assunto e procurando esclarecer-me, cheguei á conclusão de que elas provêm de várias origens, que procurarei apontar: por um lado, existem alguns proprietários e negociantes da região receosos de que o empreendimento lhes venha a afectar os seus interesses, na medida em que possa anular as costumadas e desenfreadas especulações que de modo algum consentiríamos e de que a vítima é sempre a própria Nação; por outro lado, temos uns poucos de novos ricos que andam a fazer fortuna á custa das potencialidades de Almada, sem que tenham contribuído para o seu progresso e valendo-se apenas da sua habilidade em aproveitar situações oportunistas resultantes da falta de um plano de conjunto, situações que não pretendem perder e que, de facto, perderão, no dia em que se concretizar a nossa iniciativa. Há ainda alguns que se classificam a si próprios de intelectuais, no topo da posição social do concelho, os quais, mesmo que não tenham uma formação turística que lhes permita ver o problema em toda a sua importância, entendem que nada se pode fazer de útil sem os seus preciosos e displicentes conselhos. Finalmente, continuam sempre a existir* velhos do Restelo *no nosso País e infelizmente, temos de contar com todos eles, temos de admitir que continuam a existir portugueses que se esforçam por manter Portugal um grande pequeno País, em vez de* um pequeno grande País, *como todos deviamos ambicionar e querer. Mas esses portugueses não podem interessar á causa honesta a que metemos ombros, nem á linha de rumo sui generis que traçámos, apoiando-nos nas forças vivas válidas do concelho e nas camadas mais modestas da sua população, que desejamos venham a ser também autênticos beneficiários desta grande iniciativa, de portugueses e* para todos os portugueses.

Em resumo: o Centro Turístico Internacional da Costa está em marcha. A subscrição de acções limita-se, por enquanto, ao concelho de Almada, mas tornar-se-á extensiva ainda a todo o distrito de Setúbal e, mais tarde, a todos os distritos do País, das províncias ultramarinas e ainda aos núcleos de portugueses espalhados pelo mundo.



HANSA
PRÄZISIONSARMATUREN
CENTRO TÉCNICO DE FLUXÍMETROS
Rua António Pedro, 121 - S. C.
Telef. 53 59 07 LISBOA 1

Terreno charneca 1.ª qualidade
VENDE-SE
Com 20 hectares, junto Campo Atlético e Lagoa Melides.
Dirigir: Rua Joaquim Mendes Pereira, 49 — GRANDOLA

FOTO ÉTICA

Seguro de Vida por Medida

10 anos de experiência conduziram-nos a 50 anos de progresso. O SEGURO DE VIDA POR MEDIDA IMPÉRIO marcará uma nova era na sua maneira de pensar acerca de seguros de vida.

Poder dar aos filhos a educação que para eles ambiciona, ser o apoio sólido dos que dependem de si, ter uma velhice sem preocupações económicas... já não serão mais incertezas.

A Companhia de Seguros Império, através do SEGURO DE VIDA POR MEDIDA, pode estudar um seguro à medida do seu caso e substituir por segurança as incertezas que hoje o assaltam.

Com o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA a Império interessa-se pelo seu caso pessoal e quer criar **exclusivamente para si** UM NOVO SEGURO DE VIDA adaptado às suas necessidades e à sua capacidade económica.

Recorte, preencha e envie hoje mesmo o CUPÃO (abaixo). Receberá, completamente GRÁTIS e sem qualquer compromisso, uma edição ilustrada com explicações e exemplos sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

À COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
Rua Garrett, 62—Lisboa 2

Queiram enviar-me a vossa publicação explicativa sobre o SEGURO DE VIDA POR MEDIDA.

NOME_____

ENDEREÇO_____

"AO SEU SERVIÇO"

IMPÉRIO
a sua seguradora

Actualidade internacional

AFIRMA-SE EM PARIS

ALAIN POHER VAI INTENSIFICAR O DUELO POLÍTICO COM POMPIDOU

PARIS, 22 — (R.) — Espera-se que o chefe de Estado interino, Alain Poher, abandone em breve a sua táctica eleitoral de maneiras suaves, a fim de intensificar o duelo político com Georges Pompidou, o candidato presidencial gaullista.

Poher, um político centrista, de 60 anos, obteve êxito espectacular com o seu estilo calmo e é agora considerado favorito na eleição no próximo mês, para suceder ao general de Gaulle.

Em contraste com o dramatismo político do general e com a campanha a toda a pressão de Pompidou, Poher limitou-se até agora a emissões pela Rádio e Televisão.

Contudo, fontes bem informadas disseram hoje nesta capital que Poher poderia começar a discursar em comícios públicos, após o primeiro escrutínio em 1 de Junho.

As sondagens á opinião pública dão Poher como o vencedor final na eleição presidencial e principiou já a especulação nos círculos políticos sobre quem ele escolherá para formar o próximo Governo francês.

Faltando-lhe uma base política firme, Poher escolheria provàvelmente um Governo formado sobretudo por técnicos, incluindo figuras sem forte apoio político partidário.

Pompidou, que já intensificou recentemente a sua campanha, é geralmente considerado como provável vencedor do primeiro escrutínio em 1 de Junho.

Contudo, as sondagens á opinião pública revelaram até agora que o antigo primeiro-ministro gaullista ficará muito longe de obter a maioria total de 50 por cento necessária para uma vitória nítida no primeiro escrutínio.

Poher, que comanda uma grande coligação de apoio antigaullista, venceria provàvelmente Pompidou no segundo escrutínio.

FOI SEM EMOÇÃO QUE SIRHAN ESCUTOU A SENTENÇA

LOS ANGELES, 22 — (F. P.) — Sirhan Sirhan escutou sem emoção aparente a sentença do juiz Herbert Walker, que o enviou para a câmara de gás. O assassino de Robert Kennedy limitou-se a esmagar na mão direita uma cigarrilha apagada.

Depois de lida a sentença, sentou-se, sorriu vagamente, encolhendo os ombros a uma pergunta que lhe fez em voz baixa um dos advogados de defesa e, sem proferir palavra, aguardou calmamente o fim da audiência.

Em tom glacial, o juiz tinha pouco antes rejeitado o apelo á clemência que o senador Edward Kennedy lhe enviara, através da defesa. «Não vejo por que motivo haveria o tribunal de tomar esta carta em consideração. O tribunal tem consciência do bem fundado das decisões do juri. Não vejo razão para mudar agora de opinião».

Nos termos do Código Penal da Califórnia, o juiz Walker (que condenou á morte Caryl Chessman), poderia ter comutado a pena de morte pronunciada pelo juri, numa pena de prisão perpétua. Mas só o fez uma vez, nas 19 penas capitais que pronunciou em toda a sua carreira. O caso transita agora para o Supremo Tribunal da Califórnia, em recurso. Estas formalidades demorarão pelo menos um ano, durante o qual o réu estará na prisão de San Quentin.

WILSON: Está em jogo a própria sobrevivência do Governo trabalhista

LONDRES, 22 — (F. P.) — A própria sobrevivência do trabalhismo como força para governar que, para além da sorte do actual Governo britânico, está em jogo na controvérsia suscitada pelo projecto de lei antigreve: tal é a advertência feita por Harold Wilson aos dirigentes do T. U. C., que ontem estiveram na Downing Street.

Resumindo a sua posição no termo da entrevista, Wilson salientou a extrema gravidade da divisão causada por este projecto no seio do movimento trabalhista e acrescentou: «Isto é sério, muito sério. Penso que o que está em causa, em última análise, é saber se o Governo trabalhista pode sobreviver».

O conselho geral do T.U.C., por seu lado, depois de ter examinado os resultados da reunião da Downing Street, recusou-se a modificar as suas propostas. Estas visam garantir uma maior disciplina sindical em troca da supressão do projecto de lei.

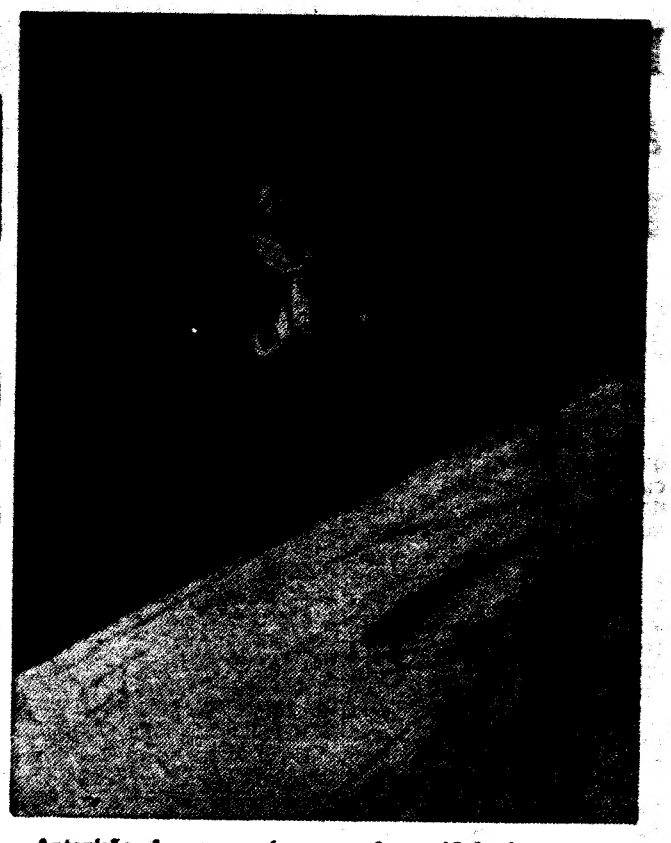
Mas tais propostas foram consideradas insuficientes por Wilson.

GREVE NAS MINAS DAS ASTÚRIAS

MADRID, 22 — (F. P.) — O número de mineiros em greve nas minas das Astúrias elavava-se ontem a 1200. Novos grupos de trabalhadores juntaram-se ao movimento, nomeadamente nos poços Icolasa e San Luis, pertencentes ás hulharias do Norte.

Por outro lado, 40 trabalhadores da empresa Helados Camy, de Viladecans, na província de Barcelona, foram suspensos por «lentidão deliberada na execução do trabalho».

Ao que parece, estes operários agiam por solidariedade com os seus camaradas despedidos no passado dia 19. O conflito nesta empresa teve por base um pedido de aumento para 300 pesetas do salário diário mínimo.



Antevisão do que será o voo do «módulo lunar» até 15 quilómetros da superfície do satélite natural da Terra. «Snoopy» — como foi designado o «módulo» — levará a bordo Eugene Cernan e Thomas Stafford. O começo da manobra de aproximação está previsto para hoje ás 20 e 10. Depois de cumprida a missão, «Snoopy» e «Charlie Brown — a cápsula «Apolo» — voltarão a unir-se, a fim de prepararem o regresso á Terra

A nave «Apolo-10» em órbita circular

(Continuação da 1.ª página)

quando desapareceram os sinais pela Rádio.

IMAGENS A CORES

Por outro lado, imagens de TV a cores de uma Lua cinzenta e acastanhada chegaram á Terra quando a cápsula «Apolo 10» passou sobre a superfície lunar, a uma distância de cerca de 110 quilómetros.

A transmissão, feita ontem á noite pela «Apolo», abrangia uma parte do Equador e das regiões adjacentes, mostrando os mares, crateras e o desolado solo daquele satélite.

O comandante Thomas Stafford afirmou que a superfície esta marcada por novas crateras «que sobressaiam num branco puro e se esbatiam num cinzento e cinzento-acastanhado quando aumentavam em idade».

Uma das imagens mostrava uma montanha com um pico acima do horizonte lunar, contra o azul profundo do espaço.

Utilizando uma objectiva de foco variável para as fotografias de mais perto, os astronautas mostravam dois locais prováveis de alunagem, sendo um deles «um pouco acidentado» na opinião do astronauta John Young.

«O FANTASMA» ERA AFINAL UM POLÍCIA

S. LOUIS, 22 — (R.) — Foi preso ontem o polícia Milton Brookins, casado, de 25 anos, acusado de ser o indivíduo que, com o nome de «The Phantom» («O Fantasma»), atacou mais de 25 mulheres desde o dia 10 de Fevereiro ultimo.

Numa nota deixada pelo «Phanton», este gabava-se det er violado mais de 58 mulheres. No entanto, a Polícia diz que o «Phantom» está implicado em 23 ataques, embora possa ainda haver outros casos que não tenham sido comunicados á Polícia.

Muitas das vítimas eram estudantes e enfermeiras, atacadas, nas suas residências, durante o dia.

As autoridades já suspeitavam que o assaltante estava relacionado com a Polícia, porque algumas das suas notas mencionavam funcionários da Polícia pelos seus nomes e eram assinadas no canto inferior esquerdo, como fazem os agentes da Polícia nos seus relatórios.

RECOMEÇO DAS NEGOCIAÇÕES NO «FIGARO»

PARIS, 22 — (R.) — Jornalistas do «Figaro» decidiram a noite passada recomeçar as negociações com os proprietários, no fim de dez dias de greve, quando a disputa alastrou a outros dois jornais.

Contudo, os jornalistas avisaram que, a despeito das negociações, continuariam com a greve até ser assinado um acordo final.

A paralisação conduziu a uma greve-relâmpago dos redactores do pornal desportivo «L'Equipe» e de «Le Parisién Libéré», que fez com que não fossem publicadas ontem as edições desses jornais.

NORMA

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECCIONAMOS

PARA

EMPRESA DE GRUPO INDUSTRIAL

ENGENHEIRO MECÂNICO

(ADJUNTO DE DIRECÇÃO FABRIL)

QUALIFICAÇÕES PEDIDAS: Conhecimentos e experiência, de 3 a 5 anos, de produção ou de conservação. Conhecimento razoável de inglês e de francês (escrito e falado). Idade: menos de 35 anos.

CONDIÇÕES OFERECIDAS: Lugar com possibilidades de promoção, na estrutura da empresa, segundo o nível de adaptação manifestado pelo candidato. Remuneração compatível. Regalias sociais.

Resposta para a NORMA, indicando ordenado pretendido e «curriculum» escolar e profissional. Rigorosa confidencialidade. Indicar referência: 97/OE 5.

CARROS USADOS

NSU P 30	1960
NSU 110 SC	1966
NSU TT 1100	1966
NSU 1000	1966
NSU 1000	1967
NSU P 4	1967
Fiat 2100	1960
Taunus (Ford)	1967
MG 1100	1965
Consul 202	1964
Cortina	1966
Cadillac Impecável	1962
Ford Thames	1960
Hanbal	1965
Fiat 1100	1957
Taunus (1500)	1964
IMP	1967
Alfa Romeo	1963
Hillman Super	1966
Volvo B-18	
Citroen DS 21	
Ford Anglia	1963
NSU P-4	1963
NSU P 4	1965
NSU 1000	1965
Lotus Elan	1965

AUTO EDUARDO COSTA, LDA.

Rua de Campolide, 27-B

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para o seu deslocação utilize os comboios eléctricos

EM DECLÍNIO A «FIESTA BRAVA» ESPANHOLA

MADRID, 22 — (R.) — A «Fiesta Brava» espanhola, a nobre arte de lidar os touros, está a registar um declínio assinalado por escassez de espectadores, falta de grandes diestros e touros pequenos e fracos que, por vezes, chegam a cair na arena ainda antes de começarem a ser lidados.

Na época de 1969, que começou recentemente, já se verificaram mais escândalos do que em qualquer outra temporada anterior, incluindo uma disputa entre empresários e matadores, que privou o público das grandes praças de dois dos seus ídolos favoritos.

As maiores praças de touros, como a Monumental de Madrid, têm apresentado cartazes de segunda ordem e a Imprensa lança todos os dias urros de indignação contra os interesses financeiros que, afirma, estão a arruinar as touradas em Espanha.

A tempestade, que já há anos vinha a formar-se, tornou-se patente quando os sete maiores empresários da Espanha, conhecidos por «Los Siete Grandes», anunciaram terem estabelecido entre si um acordo destinado a reduzir as quantias a pagar aos matadores e aumentar os preços dos bilhetes.

«CACHETS» MAIS REDUZIDOS

Os «Sete Grandes», que controlam 350 das 600 praças de touros de Espanha, ofereceram contratos globais aos melhores diestros do país, mas com «cachets» mais reduzidos, alegando que tais contratos garantiam aos toureiros a sua actuação num maior número de corridas e, consequentemente, um rendimento total mais elevado.

Muitos dos principais matadores espanhóis aceitaram estas condições. Ora, isso significa que o número das suas actuações deixará de depender da qualidade do seu trabalho e, por isso, a «afición» tem visto poucas exibições com verdadeira classe.

No entanto, dois dos toureiros que maiores multidões atraem às praças de touros, o diestro Manuel Benitez «El Cordobés» e o jovem Sebastian Palomo Linares, uma das grandes promessas do toureio, recusaram-se a aceitar «cachets» inferiores àqueles que costumam receber.

DOIS REBELDES

Os dois declararam guerra aos «Sete Grandes» afirmando que os empresários só pretendiam obter maiores lucros com desprezo pelos aficionados, e formaram um pacto segundo o qual passariam a tourear apenas na condição de receberem determinada percentagem sobre a bilheteira. Por isso, um e outro estão agora impedidos de se apresentar nas maiores praças de touros do país.

Toureando em pequenas cidades e vilas, por vezes em arenas improvisadas, os dois toureiros têm-se deslocado a todas as partes do país alcançando repetidos triunfos perante assistências multidões, enquanto as grandes praças continuam a vender metade dos bilhetes.

Os rebeldes têm deparado com a mais enérgica oposição da parte dos «Sete Grandes» que, este mês, se recusaram a contratar «El Cordobés» para tourear na festa anual de Córdova, sua cidade natal.

PROTESTOS

Esta situação, naturalmente, acarreta prejuízos aos toureiros, devido á lotação limitada das praças em que actuam e, quando «El Cordobés» e Palomo Linares tentaram apresentar-se, este ano, na Feira de San Isidro, em Madrid, com uma série de corridas numa praça de segunda ordem, as autoridades proibiram as touradas, alegando que os lugares extra que eles tinham mandado instalar não ofereciam condições de segurança.

Entretanto, as touradas da Feira de San Isidro provocaram uma tempestade de protestos, com multidões a vaiarem os matadores e a manifestarem a sua frustração ás autoridades, que repetidamente se recusavam a ordenar a substituição dos touros «cobardes».

Os principais críticos tauromáquicos têm afirmado estar em uso a prática de «fazer a barba» á haste dos touros, para os tornar menos perigosos. Os críticos acusam também os ganadeiros de apresentarem touros pequenos, demasiadamente novos e sem ferocidade.

Tudo isto resultou no afastamento de grande parte do público das praças de touros, afastamento para o qual contribuiu também o aumento dos preços dos bilhetes e a crescente campanha da Imprensa, que pede a intervenção das autoridades para se curarem as enfermidades que afectam a «Fiesta».

«El Cordobés» e Palomo Linares — dois rebeldes do toureio

PRESOS CEM ESTUDANTES EM BUENOS AIRES

BUENOS AIRES, 22 — (R.) — Foram presos cerca de cem estudantes a seguir a desordens que se registaram nesta capital a noite passada quando milhares de estudantes efectuavam marchas de luto por dois colegas mortos a tiro em recontros com a Polícia.

As desordens ocorreram quando a Polícia carregou com bastões sobre os manifestantes e disparou granadas de gás lacrimogéneo. Os estudantes ripostaram com pedras e pernas de cadeiras.

Cerca de cem manifestantes detidos durante as desordens foram condenados a 30 dias de cadeia por perturbarem a paz.

Entretanto regista-se em toda a Argentina agitação entre os estudantes desde que as manifestações começaram no princípio da semana passada por causa de agravos académicos, incluindo o aumento do preço da alimentação na Universidade da cidade de Rosário, a 420 quilómetros ao norte de Buenos Aires.

As manifestações transformaram-se em violência nas ruas em grande escala quando dois estudantes foram alvejados a tiro em recontros em Rosário e Corrientes 96 quilómetros mais ao norte.

DESORDENS EM BONN

BONN, 22 — (F. P.) — Travaram-se ontem violentas desordens na Universidade de Bonn, onde centenas de estudantes ocuparam a reitoria e causaram depredações. A Polícia conseguiu evacuar o edifício, empregando matracas. Um estudante ficou ferido e dois foram presos.

AS TROPAS ESTRANGEIRAS DEVEM DEIXAR O VIETNAM ANTES DAS ELEIÇÕES

—declara a sr.ª Nguyen Thi Binh

WASHINGTON, 22 — (F. P.) — A sr.ª Nguyen Thi Binh, chefe da delegação da F.N.L. sul-vietnamiana ás conversações de Paris, não excluiu, durante uma entrevista concedida em Estocolmo á cadeia norte-americana National Educational Television, a participação no Governo sul-vietnamiano transitório — que deverá preparar eleições livres e democráticas — de personalidades que tenham feito parte das instâncias governamentais precedentes. A sr.ª Thi Binh pôs, todavia, a condição de que estas individualidades tenham «uma óptica verdadeiramente nacionalista» e desejem realmente a paz. Acrescentou ainda que as tropas estrangeiras deveriam ser evacuadas antes de se realizarem as eleições.

EXPLOSÃO

SAIGÃO, 22 — (F. P.) — Uma formidável explosão fez-se ouvir esta madrugada, provinda do depósito de munições de Go Vap, situado a dez quilómetros ao norte de Saigão, e que é o mais importante de todo o sector da capital sul-vietnamiana. O comando sul-vietnamiano não dispõe ainda de pormenores sobre as causas da explosão, que foi seguida de outras durante cerca de meia hora. Ao que parece, os governamentais conseguiram impedir que as explosões se propagassem. Não está afastada a hipótese do depósito de munições ter sido atingido por foguetes. No decorrer dos últimos 15 dias, os tiros «vietcongs» que visavam a base aérea de Tan Son Nhut e posições situadas entre esta base e a aldeia de Hoc Mon, englobavam um sector onde se encontra o depósito de munições de Go Vap.

O Vietcong visou também a base aérea de Bien Hoa e três foguetes de 107 mm atingiram as pistas sem provocar prejuízos.

Os governamentais assinalam também recontros ao sul de Da Nang, onde foram mortos doze «vietcongs», e no sector de Xuan Loc, onde foram encontrados os corpos de quarenta «vietcongs». As Forças governamentais que entraram nestes combates sofreram perdas consideradas «ligeiras».

O antifestival de Cannes foi um êxito

CANNES, 22. — (F. P.) — Começada há quinze dias, perante a indiferença geral, a Quinzena dos Realizadores, organizada á margem do Festival de Cannes, pela Sociedade de Realizadores Franceses, terminou ontem em pleno êxito.

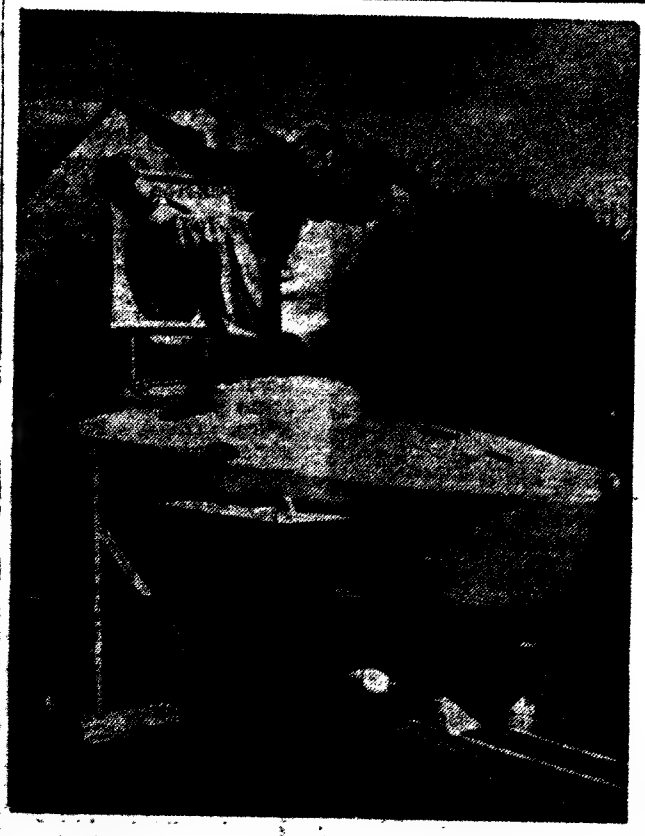
Mais de 10 000 espectadores vieram ver gratuitamente as 70 longas metragens e 40 curtas metragens de 25 nacionalidades diferentes, seleccionadas pelos promotores desta manifestação: Jacques Doniol-Valcrose, Richard Dumbo e Pierre Henri Deleaud.

O êxito deste antifestival em que ninguém acreditava nos meios cinematográficos explica-se de várias maneiras.

A selecção dos filmes competidores era, no conjunto, bastante mediocre, apesar da presença de algumas obras-primas que a Quinzena dos Realizadores oferecia aos curiosos e aos cinéfilos — filmes que nunca poderão ser vistos noutro lado ou que serão alterados pela censura.

Muitos eram filmes de carácter mais ou menos pornográfico, sádico e político. Assim «O belo trabalho» (anónimo) testemunha a repressão policial no Quartier Latin, enquanto o «Duo para canibais», da norte-americana Susan Sountag, trata do domínio psicológico de um casal por outro casal.

Esta Quinzena permitiu múltiplos contactos e algumas operações financeiras interessantes para os jovens realizadores. A Quinzena suscitou também um novo interesse por um cinema mais livre, decidido a forçar as reticências da censura.



MINI-SUBMARINO

Vernon Hobbs, cidadão britânico, construiu no seu jardim um mini-submarino, que tem cerca de dois metros de comprimento e pode descer até 7,5 metros de profundidade

ÚTERO ARTIFICIAL

WASHINGTON, 22 — (R.) — Um cordeiro ainda por nascer, conservado vivo num útero artificial, morreu 14 horas depois de ser retirado da mãe.

O dr. Warren Zapol, um dos médicos do Instituto Nacional de Cardiologia em Bethesda, no Maryland, declarou que, em experiências anteriores, semelhantes, cordeiros tinham vivido na matriz artificial transparente durante 55 horas.

Médicos estão a fazer experiências com o útero artificial para descobrirem se um dia ele poderá ser usado numa emergência para salvar a vida de bebés humanos ainda por nascer.

O cordeiro morreu ontem quando se partiu um tubo de alimentação — revelou um funcionário do Instituto.

Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa

Sede: R. do Alecrim, 46-1.º — Telef. 3 47 31 — LISBOA-2

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DA 5.ª SECÇÃO DE ACTIVIDADE «INDÚSTRIA DE PETRÓLEOS»

AVISO

Em virtude de se prever grande afluência de associados e dada a insuficiência da sede deste organismo para conter o número de presenças previsto, foi transferida para a ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE LISBOA, sita na Rua das Portas de Santo Antão, N.º 89, a Assembleia Geral Extraordinária da 5.ª secção de actividade «INDÚSTRIA DE PETRÓLEOS», que, conforme anúncio, publicado em 17 do corrente nos jornais «Diário de Lisboa» e «Diário Popular», e aviso convocatório oportunamente expedido, havia sido marcada para a nossa sede.

Mantêm-se o dia, hora e ordem de trabalhos indicados nos referidos anúncios e aviso convocatório.

Lisboa, 21 de Maio de 1969

A COMISSÃO DIRECTIVA

OITO CONTOS POR CANÇÃO EM PORTUGAL — Mireille Mathieu vem a Portugal: dentro de semanas cantará no Hotel Algarve. A cançonetista francesa, que efectuou recentemente uma bela digressão pelos Estados Unidos da América do Norte, receberá qualquer coisa como três mil dólares (84 contos) por dez interpretações

Foram de 102 mil contos os lucros (no exercício de 1968) do Banco Nacional Ultramarino

O relatório e contas do Banco Nacional Ultramarino relativos ao exercício de 1968 encontram-se publicados para serem presentes à assembleia geral ordinária convocada para sábado próximo, dia 24, pelas 16 e 30.

A evolução dos lucros do Banco pode apresentar bem a evolução da expansão daquele estabelecimento de crédito: em 1964 foram de 86 mil contos, subindo para 94 mil, no ano seguinte, atingiram 101 600, em 1966. Foram de 98 646 no ano de 1967, para voltarem a 100 897 contos em 1968. Com o saldo do exercício anterior, atingiram, em 1968, 102 841 contos.

O relatório regista a mudança no leme do governo, com a nomeação do prof. Marcello Caetano para a Presidência do Conselho. Nessa altura era o prof. Marcello Caetano presidente da assembleia geral do Banco.

Diz depois o relatório que «apesar das providências legislativas e da acção do Grémio Nacional dos Bancos e Casas Bancárias, a mais desenfreada concorrência continuou a imperar entre os bancos. A lei continuou a ser desrespeitada com sério prejuízo daquelas instituições que não quiseram seguir tão maus exemplos».

Prossegue: «Durante o ano de 1968, continuámos a dar a nossa franca colaboração ao Governo financiando vários empreendimentos que permitiram à Província de Moçambique pagamentos escalonados, possibilitando-lhe assim dar realização imediata à execução de planos relativos a obras de construção e melhoramento de estradas, pontes, portos, caminhos de ferro e outros».

Regista depois o relatório diversas viagens dos seus administradores comissário do Governo e governador a diversas dependências na metrópole, em Paris e no Ultramar.

Numerosos significativos são os dos empréstimos e contas correntes caucionadas. São, em 1968, relativamente a Moçambique, 3 474 362 contos; nas restantes províncias ultramarinas, 156 449 contos, e na metrópole, 1 745 337 contos, num total de 5 376 148 contos.

Outros números são elucidativos. Por exemplo, o montante dos efeitos descontados no Banco em 1968 foi de 20 645 346 contos.

As notas em circulação, neste banco emissor, são de 2 300 882 contos.

Os depósitos elevaram-se a 7 800 913 contos, enquanto o capital e reservas subiram a 867 707 contos.

O relatório é assinado pelo governador dr. Francisco Vieira Machado, pelo vice-governador D. Luís Pereira Coutinho, pelos administradores drs. Abel Beja Corte Real, A. J. Castro Fernandes, Camilo Afonso Pereira de Oliveira, José Manuel Passeiro, Luís Esteves Fernandes, Pedro Gaivão e Samuel Rodrigues Sanches.

Para o conselho fiscal entrou, neste exercício, o antigo ministro eng.º José Canto Monis.

MARCADAS AS DATAS DO FECHO DAS AULAS

Foram superiormente determinadas as datas do encerramento das aulas nos diversos estabelecimentos escolares.

Assim, no dia 11 de Junho, terminam as aulas nos liceus; no dia 14, nas escolas do ensino técnico, e, no dia 30, nas escolas dos ensinos preparatório e primário.

Antigos alunos da Escola Gil Vicente

Amanhã, os antigos alunos da Escola Gil Vicente reunem-se no tradicional jantar de confraternização. As inscrições podem fazer-se pelos telefones 310557 (dr. Américo Couto); 610599 (Lucília Beja Sardo) e 327498 e 715471 (José Beja).

A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO EM BALÃO

ISOLADO NAS DESERTAS UM HOMEM DE 40 ANOS ESPERA BOM VENTO PARA A SUA AVENTURA

FUNCHAL, 22. — Na imensidão rochosa das ilhas, um braço agita-se em despedida. Francis Brenton, o habitante solitário das Desertas, vê o nosso barco afastar-se, de regresso à Madeira, cujo perfil montanhoso se desenha no horizonte, 24 milhas a noroeste.

Por RUI CAMACHO
Correspondente do «Diário de Lisboa» na Madeira

Francis Brenton não é um misantropo fugido do mundo. O seu isolamento voluntário naquelas ilhas inóspitas e desabitadas tem por objectivo realizar os últimos preparativos e aguardar condições de tempo favoráveis à concretização do seu audacioso projecto — a travessia do Atlântico num balão de hidrogénio.

As Desertas oferecem-lhe condições excepcionais para o início da odisseia, não só pela sua situação geográfica, como por constituírem uma defesa contra as multidões de curiosos que poderiam fazer malograr a complexa operação de partida.

Vivendo na gruta de abrigo usada pelos caçadores de cagarras (espécie de aves marinhas cujas penas

No interior da gruta que lhe serve de abrigo, o argonauta inspecciona o equipamento de enchimento do balão

são utilizadas em colchoaria) que em tempos operavam na Deserta Grande, Francis Brenton vai armando na praia do porto natural da ilha o complicado arsenal necessário à montagem, ao enchimento e à largada do seu balão, para o qual foram transportadas já 48 garrafas de hidrogénio.

Depois de tudo pronto, será necessário esperar que sopre vento de Nordeste sem intensidade excessiva, para que as turbulências não provoquem qualquer acidente, à largada. Ninguém pode prever, nem ele próprio, o dia em que Francis Brenton poderá insuflar o seu balão e ser levado por ele para o outro lado do Atlântico.

Engenheiro, etnógrafo e navegador solitário

Francis Brenton é um homem que há pouco ultrapassou os quarenta anos, mais franzino do que seria de esperar de um inglês de boa cepa que desde muito novo se fixou nos Estados Unidos. Em boa verdade, nada de menos apropriado se poderá dizer de Francis Brenton do que afirmar que ele algum dia se fixou em qualquer parte. Os seus olhos extraordinàriamente vivos viram já muitas das mais estranhas terras do globo; a sua extraordinária energia, manifesta em gestos nervosos e no contrair dos músculos secos, por debaixo de uma pele curtida por muitos sóis, teve já de lutar contra as condições adversas dos desertos, dos mares e das florestas.

Foi a retolha de artefactos etnográficos das civilizações mais primitivas que hoje subsistem, destinados à colecção do Museu Etnográfico de Chicago, que o levou por esses duros caminhos de solidão, quando abandonou a profissão de engenheiro. Mas o seu espírito de aventura não tardou a sobrepor-se aos propósitos científicos ou a andar a par e passo com eles. Assim, Francis Brenton atravessou sòzinho o Atlântico três vezes, tendo desenvolvido um novo processo de navegação para determinar a longitude.

Entre as muitas peças recolhidas nas suas pesquisas e deambulações etnográficas, achou ele com que fazer o mais estranho meio de transporte para uma travessia transatlântica que é possível imaginar-se. Utilizando duas canoas escavadas em troncos, uma por índios colombianos e outra por negros senegaleses, fez com elas um pequeno «katamaran», vivendo a longa viagem na piroga colombiana e utilizando a senegalesa como flutuador, para equilíbrio da vela.

Já anteriormente Francis Brenton realizara uma travessia solitária do Atlantico, entre a Inglaterra e o Haiti.

Essa odisseia, descrita por Francis Brenton num livro de grande sucesso — «Sierra Sagrada» —, tornou-o uma celebridade mundial. Mas o mundo esquece fàcilmente as celebridades e a fama não chega a toda a parte. Seriam, por isso, bem poucos os portugueses que se lembravam de ter ouvido alguma vez o seu nome, antes de ser anunciada a nova aventura que o trouxe a estas ilhas.

Breves noções de como atravessar o Atlântico num balão

— É tudo muito simples. Não tem dificuldade nenhuma, nem qualquer perigo, como vê...

Esta frase é sistemàticamente metida por Francis Brenton a cada passo da descrição do seu plano, como palha entre peças de louça frágil. Parece-nos sèriamente preocupado em que não o julguemos inconsciente ou louco e daí o seu cuidado em manter a clareza das suas explicações e dos fundamentos de absoluta segurança com que afirma que realizará a viagem.

A simplicidade do processo de Francis Brenton é um facto e chegamos mesmo a convencer-nos da sua segurança.

O balão que idealizou, tem a forma de uma almofada quadrada, com 15 metros de lado. O cesto é suspenso de um dos vértices, o que mantém uma das diagonais do quadrado num plano vertical. Dos vértices que ficam na diagonal horizontal, partem duas adriças que se unem em V, ligadas a um grosso cabo de «nylon» com 180 metros de comprimento e 120 kilos de peso. Esse cabo vai em parte suspenso e em parte a boiar no mar. Se os braços do V formado pelas adriças que ligam o cabo ao balão, forem iguais, este seguirá a direcção do vento, uma vez que a superfície plana do balão se manterá perpendicular a essa direcção, funcionando o cabo flutuante que o balão arrasta, como um leme. Mas se algum dos braços do V for encurtado (o que pode ser feito por um sistema de roldanas ligado ao cesto) a superfície do balão formará um ângulo variável com a direcção do vento e o rumo poderá ser alterado com um desvio de cerca de 20° para estibordo ou bombordo.

O processo de governo do balão que, ao fim e ao cabo, é uma autêntica vela flutuante, assemelha-se, como se vê, ao processo de bolina utilizado na navegação marítima à vela.

Vários factores, principalmente as diferenças de temperatura do ar, fazem variar a força ascensional de um balão, fazendo-o subir ou descer entre limites muito afastados. O processo clássico de «controle» de altura de um balão é, como se sabe, aliviar lastro quando é necessário subir e esvaziar gás quando se quer descer. Isto não se pode fazer constantemente, porque tanto o lastro como o gás não são recuperáveis nem inesgotáveis.

Com o balão de Francis Brenton, é também o cabo que serve de leme que se encarrega de um «controle» automático de altitude e de fazer descer o balão até à superfície, sempre que o navegador o queira. O seu peso total é insustentável pelo balão, mas este só está sujeito ao peso da parte que vai suspensa e não ao da que flutua. Quando as variações de temperatura ou de pressão atmosférica fazem o balão descer, este liberta-se de um peso correspondente à diminuição do comprimento da parte suspensa do cabo e descerá muito pouco até encontrar o equilíbrio. Quando as condições atmosféricas actuam de modo a fazê-lo subir, tudo se passa ao contrário.

Levado pelo vento em constante calmaria

Francis Brenton, que tem o organismo adoptado a um consumo mínimo de alimentos, leva mantimentos e água potável para mais de duas semanas, mas espera atingir os Estados Unidos em duas semanas, impulsionado pelos ventos alíseos até à zona equatorial, ao largo do nordeste sul-americano, e pelos ventos de leste predominantes nessa região, que, paralelamente à linha formada pelas costas do Haiti e de Cuba, o levarão algures, ao sul dos Estados Unidos ou nas Antilhas, mais provàvelmente à ilha americana de Porto Rico.

No cesto do balão, feito segundo as técnicas tradicionais de uma indústria madeireense que tem nos Estados Unidos o seu mais importante mercado, dois grandes letreiros vermelhos com a inscrição «Unibasket-Madeira» indicam para o exterior a fábrica que o executou.

Lá dentro, num diâmetro de cerca de metro e meio, arrumam-se até as bordas (com 1,20 m de altura) as provisões de alimentos e água, cabos, uma âncora, rádio, aparelhos de navegação, uma jangada pneumática e material de caça submarina para uso em caso de emergência e, além de muitas outras coisas, também Francis Brenton, para quem não sobra muito espaço. Tudo isso, disposto meticulosamente, é um prodígio de arrumação e cuidadosamente pesado atinge 250 quilos, incluindo o cabo de arrasto.

Fizemos notar a Francis Brenton que, não tendo o cesto qualquer forro, seria certamente incómodo suportar o vento à altitude de 50 a 70 metros a que seguirá.

— *Não, aqui não haverá vento...*

— ?

— *Sendo muito fraca a resistência do cabo que vai a boiar, seguirei aproximadamente à velocidade do vento que me leva e na mesma direcção, de modo que não o vou sentir... É tudo muito simples. Não tem dificuldade nenhuma, nem qualquer perigo, como vê.*

Francis Breton fala ao «Diário de Lisboa», entre o jornalista e o cesto onde viajará

AS VOSSAS JÓIAS
podem ser modernizadas. Uma sugestão sem compromisso pode V. Ex.ª obter na
Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telef. 32 45 64

CHOCOLATES TAGIDES
D · LISBOA · QUELUZ

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preços compramos: Pagamos muito bem
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Torre de Babel

por João Medina

UM ENIGMA POLICÍACO

Modificando ligeiramente um conhecido ritão francês, digamos que há no fundo de todos os homens um polícia que dorme (ou, se preferirem, um juiz). A história verdadeira que a seguir contamos pretende justamente fazer despertar no leitor esse instinto policíaco (honni soit...), de moldo a decifrar um pequeno enigma, um desses inúmeros casos que o quotidiano engendra e os tribunais deslindam. A cena passa-se num bar de Strasbourg, perto da catedral, à uma da manhã, pouco antes do estabelecimento fechar. O que a seguir se passa vai ser narrado em duas versões distintas e, como se verá, perfeitamente contraditórias. O leitor fará depois o resto, ou seja, irá levantar o dedo acusador e apontá-lo para Pierre ou para François. Digamos que diante do juiz, Pierre aparece como a vítima e François como o acusado. Vamos aos factos. Fala primeiro Pierre, o queixoso:

«Entrei no bar para pedir à empregada a chave do meu quarto. Estava sòzinho; devia ser uma da madrugada. O bar estava quase a fechar. Sou pedreiro e tenho vinte e nove anos.

Quando eu acabava de falar à criada, François, que se encontrava sentado numa mesa a beber cerveja, levantou-se e veio oferecer-me uma rodada. Como o não conhecia, recusei o convite. François, reparando então no meu relógio, disse-me: «Tens aí um relógio catita, carambal» Notei que os olhos dele brilhavam. Pensei que talvez ele me quisesse assaltar quando eu saísse do bar, de modo que disse à empregada do bar que me guardasse o relógio. François reparou no meu pedido e perguntou-me porque procedia assim. Retorqui-lhe que devia dinheiro e que deixava, portanto, o relógio como penhor. François tirou nessa altura uma nota de cem francos do bolso e dispôs-se a pagar a minha dívida, o que eu recusei. A criada disse então: «Ou pagas tudo ou fico com o teu relógio.» Mas François depois de insistir em dar-me os cem francos, partiu de repente sem me dar tempo de lhe devolver a nota.

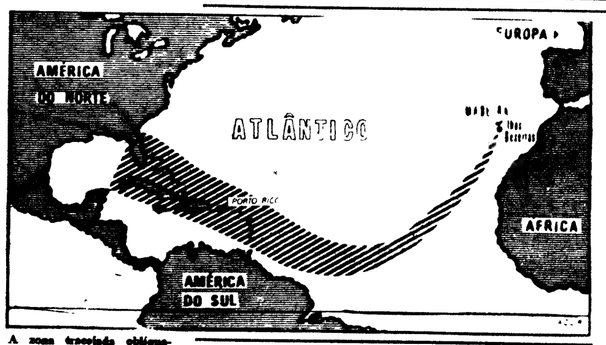
Fiquei perplexo, mas tive receio de ir atrás dele para lhe dar o dinheiro. Quando saí do bar, uns quinze minutos depois, vi um homem que me esperava; era François.

Ele avançou para mim e deu-me uma facada na cara e outra no pescoço. Apesar de estar bebado, os golpes feriram-me profundamente; estive 15 dias hospitalizado. Quando saí do hospital, procurei o meu agressor. Como o não conhecia, tive dificuldade em encontrá-lo. Um dia, ao cair da noite vi-o entrar para um restaurante perto da praça do Corbeau. Chamei então a polícia.»

Depoimento de François: «Eu estava sòzinho no bar, a beber uma cerveja, quando vi entrarem três pessoas que vieram instalar-se na minha mesa, a única que ainda tinha cadeiras livres. Uma dessas pessoas era Pierre. Pierre pediu-me que lhe pagasse uma bebida, pois estava falido. Disse-lhe que não. Pierre propos-me então vender-me o relógio dele, uma cebola sem valor. Recusei porque tenho dois relógios e não preciso de cebolas como as do Pierre. Virei as costas a Pierre e bebi tranquilamente o resto da minha cerveja. Quando paguei a conta, tirei do bolso um maço de notas; reparei que os olhos de Pierre brilhavam: era um brilho de cobiça. Pensei que ele queria assaltar-me quando eu saísse do bar. Olhando-me com insistência, Pierre pediu-me nessa altura que lhe emprestasse pelo menos dez francos. Para que me deixasse em paz dei-lhe efectivamente os dez francos. Pierre e os outros dois amigos saíram do bar. Esperei que se passassem alguns minutos, após o que também eu me fui. Ao chegar à praça da catedral, vi os três homens que me esperavam. Eles avançaram para mim com um ar ameaçador. Para me defender, tirei do bolso a minha navalha, dei dois golpes no que estava mais próximo e fugi pela Rua de Rohan, em direcção ao rio. Ao contrário do que afirma Pierre, eu estava perfeitamente sòbrio pois não bebera mais do que uma cerveja.»

Eis, portanto, as duas versões. Raramente duas testemunhas terão apresentado depoimentos tão divergentes. Falta deslindar o caso. Quem disse a verdade? O queixoso? o acusado? O agressor ou o agredido? No fundo, tanto faz dar razão a um ou a outro; no plano da imaginação, ambas as histórias são «perfeitas»; só a realidade permite, portanto, optar por uma ou por outra. E a realidade (no caso vertente, a empregada do bar) escolheu como exacta a versão de Pierre, o agredido. De modo que François, o homem da navalha, foi condenado a quatro meses de pena suspensa. Razão tinha Montaigne quando dizia que a verdade era uma jarra com duas asas.

Estrasburgo, Maio de 1969.



A zona tracejada obliquamente indica, no mapa, a rota que Francis Brenton pretende seguir

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
COMO O FAZ, HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

UMA GRANDE OBRA
DE FERNANDO NAMORA
CIDADE SOLITÁRIA
Livro de pujante mas contida maturidade, que foi integrado na prestigiosa «Universal Bibliothek» da editora alemã Philipp Reclam.
Col. «Obras de Fernando Namora», 276 págs. 50$.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — Mem Martins
Delegação de Lisboa:
R. das Flores, 45-2.º
Delegação do Porto:
R. de Entreparedes, 6-2.º

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

Em ALMADA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Veríssimo, Praça da Restauração, 12.

O alicerce da legitimidade da empresa privada está na utilidade da sua função social

— afirmou o prof. Marcello Caetano no Palácio da Bolsa

Além do discurso que proferiu na cerimónia da posse dos novos presidente e vice-presidente do município portuense (e que ontem reproduzimos na nossa «Edição da Noite»), o Chefe do Governo produziu ainda ontem, declarações no Palácio da Bolsa e no Quartel-General da Região Militar.

Ao falar no Palácio da Bolsa, disse o prof. Marcello Caetano:

«Quis a Associação Comercial do Porto distinguir-me considerando-me seu sócio honorário. Sei o que essa distinção representa nos usos desta Casa e no quadro social da cidade. Por isso, aqui venho agradecê-la.

A minha vida de homem de leis e de político trouxe-me muitas vezes ao Porto e permitiu-me com frequência o convívio com a sua gente de todas as classes e dos mais diversos sectores profissionais. De tal convívio nasceu em mim o respeito por esta maneira de ser, simples, lhana, franca e devotada, onde se nota bem viva a generosidade característica do povo da região.

Cresceu e enriqueceu o Porto como centro comercial do Norte do País. Aqui recebe o nome secularmente glorioso, o vinho provindo dos alcantis do Douro que por esse mundo fora aquece os corações com chispas da reverberação do sol de Portugal nos xistos das serras que formam o vale do rio famoso. Por aqui passa, a caminho de longínquos mercados, o produto do trabalho das províncias laboriosas de Entre Minho e Mondego que juntam agora às farinas da terra as actividades fabris. E pelo Porto entram muitas das máquinas e das matérias-primas vindas do estrangeiro ou de além-mar — pois cada vez devemos importar menos alimentos e artefactos à medida que o engenho e o esforço caseiros os vão proporcionando em quantidades crescentes às necessidades da grei.

A navegação e o comércio ilustraram o Porto, antes que da raça rude dos seus artífices saísse a plêiade de industriais de cuja iniciativa brotaram as fábricas que enxameiam a cidade e os seus arredores.

Tem sido o comércio através da História, e continua a ser na nossa época, um dos principais motores de desenvolvimento económico e do progresso social. Por via dele vão os produtos à procura dos consumidores, vencendo distâncias, derramando-se por largos espaços, alcançando locais insuspeitados pelo produtor. E graças ao engenho do comerciante, a oferta do produto cria a necessidade da procura ou imprime-lhes novas cambiantes adendo-a de insuspeitadas potencialidades.

«Um comércio dinâmico deixa de ser o acessório discutível da produção agrícola e industrial, para se converter no seu mais precioso colaborador»

Na actividade comercial tem, pois, ensejo de manifestar-se em plena pujança a livre iniciativa. Da inteligência, da perspicácia, da audácia do comerciante, pode resultar a descoberta de um mercado ou a transformação dele. Do aperfeiçoamento dos métodos usados, em consequência de uma atenta observação das condições económicas e da psicologia do consumidor, quando existam condições de elasticidade da procura, depende o alargamento da produção, o aumento das vendas e o embaratecimento dos produtos. Um comércio dinâmico deixa de ser o acessório discutível da produção agrícola e industrial para se converter no seu mais precioso colaborador, na medida em que proporciona ao produtor colocação certa e remuneradora dos bens produzidos e estimula a actividade criadora.

Não quero esquecer aqui a acção daqueles comerciantes do mato, que em África constituíram, quase sempre, os pioneiros da civilização. Ainda há pouco, nesta cidade, foi celebrado o centenário de Silva Porto, cujo nome baptizou uma das mais belas cidades do interior de Angola. Mercadores modestos, que em épocas de total incomodidade se aventuraram pelo sertão e se fixaram em paragens inóspitas, nem sempre seriam modelos de virtudes; mas, falando a linguagem dos interesses, que é sempre aquela que os homens mais fàcilmente entendem, souberam criar laços sociais com os gentios, levando-lhes quantas vezes as primeiras notícias de uma cultura diferente, e proporcionando-lhes contacto com as comodidades lementares da vida civilizada. Foram milhares, esses homens de negócio, que isolados se estabeleceram pelo interior da África portuguesa e por lá viveram largos anos, apoiados na amizade dos nativos e constituindo muitas vezes famílias numerosas, onde abundavam os descendentes mestiços.

«Cada homem deve ter oportunidade de se realizar»

Está hoje muito em voga desdenhar do esforço individual, como meio de ascensão social e instrumento de progresso colectivo. Espalha-se, sobretudo entre a juventude a idéia de que as melhorias apreciáveis da condição humana hão-de resultar de transformações da sociedade — e quase se prega, de mistura com o desdém pelas élites, a desvalia do indivíduo e o desmérito da acção pessoal. Como é errada essa visão das coisas!

Não há, não pode haver progresso da humanidade sem que os homens sejam individualmente melhores. A humanidade não é mais do que a expressão abstracta dos valores característicos da espécie humana. São os homens que a compõem, é nos homens que ela se manifesta. O progresso humano tem necessàriamente de resultar da elevação do homem nos seus sentimentos, no seu carácter, na sua inteligência, no seu conhecimento do mundo, na sua capacidade de agir. E isto não o conseguem subitamente as leis, nem o produzem instantâneamente as revoluções; há-de ser obra daqueles homens que, desvendando já mais largos horizontes, se empenham em promover a ascensão dos restantes.

Bem sabemos, como todos os sofredores, é grande o preço até doloroso. Não se realiza pois que só por todos — salvo nas fórmulas pomposas com cujas palavras às vezes as multidões se embriagam e iludem — e não se processa por modo uniforme. A ideia de que para melhorar o homem é preciso aniquilar a sua personalidade, mergulhando-o na massa anónima, confundindo-o na monstruosidade de uma vida colectiva onde não lhe reste iniciativa, nem arbítrio, nem recato, nem perspectivas de afirmação individual, é, pelo menos para nós, filhos de cultura latina e cristã, uma ideia redondamente falsa. Cada homem deve ter oportunidade de se realizar, isto é, de esclarecer a sua inteligência e de desenvolver a sua acção — tendo neste caso como limites as necessidades inelutáveis da convivência e da solidariedade sociais.

«É necessário que a empresa privada se compenetre da sua função social»

Da livre iniciativa, da aventura da acção individual resultam por vezes, inconvenientes graves, prejuízos até para a colectividade? Não o negaremos. A Humanidade é assim: um misto de qualidades e de defeitos. E essa mistura projecta-se inevitàvelmente, em toda a humana empresa. Nenhuma obra até hoje realizada no mundo, pelos homens, isolada ou colectivamente, pôde isentar-se do risco dos erros, da tara dos vícios do peso dos insucessos. O que é admirável, para mim, é como através dessa acção falível, mau grado todas as sombras que entenebrecem o esforço humano, se haja conseguido caminhar tanto. Temos de pagar o tributo das imperfeições da nossa natureza para conseguirmos melhorar o mundo e tornar mais nobre a vida.

Vinha tudo isto, a propósito do papel do comerciante na civilização. Creio que à empresa privada, está ainda reservado um largo papel no desenvolvimento económico do nosso País.

Mas, é necessário que a empresa privada se compenetre da sua função social. O empresário hoje em dia, não pode pensar só no seu interesse, nem reduzir a sua acção à prossecução do lucro. A lei respeita a liberdade de iniciativa, o interesse pessoal o ânimo lucrativo, na medida em que neles reconheça estímulos válidos de uma actividade socialmente útil. Todo o empresário — no comércio, na indústria como na agricultura — assume uma responsabilidade perante os seus concidadãos: obriga-se a prometer-se a empenhar um capital, graças ao qual, coordene e dirija técnica e trabalho para enriquecer a colectividade e contribuir para o bem-estar geral. Dando e garantindo emprego, primeiro. Produzindo em condições cada vez melhores, depois. Por isso, a empresa não pode ser fruto do improviso: nem quando é lançada, nem enquanto é desenvolvida. E o Estado não pode desinteressar-se dela, apoiando as iniciativas, mas, sempre, quando encontradas de boa

---

(Continua na pág. seguinte)

DISCURSO AOS MILITARES:

«Espero dentro em pouco resolver alguns dos problemas cuja solução está ao alcance do Tesouro e do legislador»

No quartel-general da 1.ª Região Militar, o Presidente do Conselho afirmou:

Agradeço reconhecidamente, sr. general, o ensejo que me proporciona de conhecer e saudar os oficiais que servem na 1.ª Região Militar e as palavras que acaba de me dirigir.

Fui educado á luz dos princípios segundo os quais a nobreza do homem está em servir o próximo e acima de tudo em servir a Pátria até ao sacrifício.

Não estavam ainda em voga as ideias que entronizam o egoísmo e procuram dourar a expansão dos apetites, dos caprichos, das fantasias, dos gozos, dos vícios e das paixões de cada um como exaltação da liberdade — uma liberdade que, não tendo limites, não sendo desenvolvida dentro dos quadros da disciplina social, não traduzindo o domínio da razão inteligente sobre a natureza instintiva, é normalmente mera libertinagem e juridicamente perigosa anarquia.

Continuo a pensar que só é saudável a sociedade onde os indivíduos admitam restringir os seus interesses na medida em que o exija o interesse da colectividade. E que, só podem subsistir as nações que sejam capazes de fazer prevalecer ideais colectivos, sobre o desvario das conveniências individuais.

As Forças Armadas representam em todos os países escolas onde se aprende a servir a colectividade, onde se cultiva o «espírito de disciplina e onde se exalta a dádiva generosa da vontade, a renúncia consciente a comodidades e interesses e o sacrifício da própria vida ao serviço da Pátria.

No mundo de hoje, mais do que nunca, importa preservar esta reserva de energias morais. Quando, por todo o lado, vemos ruir disciplinas e instaurar-se a confusão dos valores no meio da cobardia das atitudes importa que as virtudes militares fiquem incólumes. A crise actual é passageira, como passageiras têm sido outras crises análogas através da história. As sociedades não podem subsistir sem leis que coordenem e harmonisem as actividades dos seus membros, tornando compatíveis os interesses de uns com os outros e a s esferas de liberdade de cada um. Porque só há liberdade onde exista disciplina.; Quando se permita a um indivíduo que faça tudo quanto lhe apeteça, a sua vontade irá fatalmente oprimir a vontade dos outros. Mas se a esses outros se der igual licença, teremos logo a luta dos egoísmos a tender para a vitória do mais forte.

«A lei é expressão de um ideal de justiça e sobrepor-se à força bruta»

A lei é expressão de um ideal de justiça a sobrepor-se á força bruta. E os exércitos, como os órgãos de segurança, são a força legítima que assegura o prevalecimento dos critérios racionais da lei sobre os caprichos fortuitos da violência, a força salutar que garante o predomínio da razão colectiva sobre as insubmissões dos apetites individuais. A's vezes pode discutir-se se as forças armadas das grandes potências servirão sempre a causa do direito nos conflitos internacionais. No nosso País, onde constitucionalmente se condena há mais de meio século a guerra como forma de dirimir litígios entre Estados, não há lugar para guerras injustas. As Forças Armadas portuguesas têm sido exclusivamente empenhadas na defesa dos direitos nacionais. Direitos que, por mais fundados que estejam em títulos jurídicos e na vontade do povo, foram nos últimos anos, com frequência, ameaçados e até mesmo ofendidos, obrigando-nos a constante vigilância e pronta reacção.

O País tem dado de bonmente a massa anónima dos soldados e marinheiros para as fileiras, esses bravos, animosos e generosos soldados e marinheiros que ainda agora encontrei na Guiné, em Angola e em Moçambique a bater-se galhardamente, com o mais puro entusiasmo patriótico. Do País têm saído os milhares de graduados e oficiais milicianos que tão aprumadamente suprem, ao cumprir o serviço militar, obrigatório, as deficiências dos quadros permanentes.

Mas talvez não haja na opinião pública a noção exacta de quanto tem sido dura, nos últimos vinte anos, a vida daqueles que abraçaram a carreira das armas. Desde a segunda grande guerra que os oficiais do quadro permanente têm sido chamados a servir fora do Continente Europeu, em comissões sucessivas e árduas.

Em muitos casos, contam-se por ourtos meses, os intervalos de serviço na Europa. Frequentemente, a separação das famílias prolonga-se por longas épocas, sobretudo, quando os filhos chegam á idade da frequência de cursos superiores, em que mais precisariam da presença e orientação paternas. São sacrifícios reais que o Governo não pode ignorar e a que não pde ficar indiferente. Espero, dentro de pouco tempo, resolver alguns problemas suscitados por tais situações — aqueles problemas cuja solução está ao alcance do tesouro público e das faculdades do legislador.

«O Governo cumpre um dever de justiça para com as Forças Armadas»

Tenho a consciência de que o Governo cumpre desse modo um dever de justiça para com as Forças Armadas, ao mesmo tempo que tomará providências para melhorar a organica da defesa nacional, tanto nos órgãos centrais, como nos teatros de operações a fim de tornar mais eficiente a acção militar. Oxalá estas medidas resultantes da visita do Chefe do Governo ao Ultramar correspondam nos seus efeitos às intenções que as ditam. Dessa visita, sr. general e srs. oficiais, trouxe eu muitas lições inesquecíveis. Mas a primeira de todas, colhida ao ver a juventude que dia a dia arrisca a vida na defesa do território pátrio, ao assistir aos transportes apaixonados dos portugueses que não querem deixar de o ser, e, também, ao visitar os feridos nos hospitais como ao meditar sobre as campas dos mortos em combate, é a de que não podemos hesitar na retaguarda. Não podemos hesitar na luta contra o abandono e a traição. Não podemos hesitar em combater propagandas derrotistas. Não podemos hesitar na vigorosa acção contra a má organização, os preconceitos, a negligência, a burocracia, que empatem o esforço da defesa, o dificultem ou o encareçam.

Cientes de que as guerras modernas deixaram de ser constituídas por combates frontais de grandes exércitos para se traduzirem em mil pequenos conflitos disseminados pelo mundo inteiro; sabedores de que os adversários da nossa causa pretendem vencer-nos minando ideológicamente as resistências morais, sueditando sob formas variadas a subversão no próprio coração do País, conquistando posições de domínio da informação e da propaganda — não podemos ser tão loucos que lhes dêmos liberdade á toa, desarmando o Estado em face do envenenamento da opinião e tornando-se impotente para prevenir e reprimir os atentados contra a segurança interna e exterior da Nação. Prestou V. Ex.ª, sr. general, justa homenagem ao Chefe do Estado. O Presidente do Conselho, responsável pela condução política da defesa nacional, associa-se com fervor ás palavras dirigidas ao Chefe Supremo das Forças Armadas que tão distintamente tem sabido encarnar os altos ideais que as inspiram, as determinam e as condicionam. E na sua pessoa sinto-me permitido saudar as Forças Armadas de Portugal.»

3000 CONTOS DE PREJUÍZO
NUM INCÊNDIO QUE DESTRUIU
PARTE DE UMA FÁBRICA DA COVILHÃ

COVILHÃ, 22 — Um incêndio destruiu o 1.º andar de uma fábrica de lanifícios da Covilhã, cerca das 3 da manhã de hoje. Os prejuízos elevam-se a 3000 contos.

O fogo verificou-se na Fábrica de Lanifícios S. Domingos, de José Vicente, nas instalações da secção de fabricação, armazém de matérias-primas fazendas, escritórios e arquivos.

A' chegada, os Bombeiros Voluntários da Covilhã, comandados pelo ajudante sr. Teotónio Ribeiro, prontamente montaram 5 agulhetas, das quais duas de 50, duas de 70 e uma de alta pressão. Durante cinco horas desenrolou-se o combate ás chamas. Os bombeiros conseguiram evitar que o fogo se propagasse ao rés-do-chão, onde está instalada a secção de tecelagem, com 36 teares.

Só parte dos avultados prejuízos está coberta pelo seguro.

Não se conhecem ainda as causas do incêndio, mas supõe-se que a origem possa ter sido um aquecedor deixado ligado por descuido.

Não houve ferimentos graves entre os bombeiros, mas um ficou com ligeiras escoriações na cara.

UMA GATA AMAMENTA SEIS COELHOS

COVILHÃ, 22 — Criador de galináceos e coelhos, o sr. José Opinião, casado, guarda fabril, verificou que uma das coelhas parira seis crias e morrera depois. Sucedeu, então, que uma gata, além de aleitar um filho, passou a dar de mamar aos seis coelhos.

O caso suscitou o maior interesse e muitas pessoas têm ido admirar o admirável exemplo dado pela gata que «adoptou os seis coelhos órfãos».

MARCELLO CAETANO NO PORTO

(Continuação da 1.ª página)

tivos da F. N. A. T. e muita gente enchia as bancadas e os terrenos em volta.

Na tribuna de honra, o presidente da F. N. A. T., sr dr Bento Parreira do Amaral, entregou a medalha de ouro comemorativa da inauguração daquele estádio ao sr. prof. Marcello Caetano e fez depois uma breve saudação, á qual o Presidente do Conselho respondeu em breves palavras de agradecimento.

Seguidamente, o Presidente do Conselho desceu ao terreno de jogos, onde foi rodeado por numerosas pessoas que dele procuravam abeirar-se, para o envolverem em manifestações de simpatia. E foi a custo e morosamente que aquele estadista conseguiu, finalmente, chegar junto do seu automóvel.

O Presidente do Conselho visitou depois o Bairro da Vilarinha, onde os seus moradores lhe manifestaram entusiástica recepção. Nas varandas e janelas pendiam colchas e colgaduras e o chão estava pejado de verdes. Dali seguiu para o Bairro do Cerco do Porto, a fim de visitar o Centro de Formação Profissional n.º 2, onde era aguardado por diversas individualidades. A entrada, o Chefe do Governo, foi convidado a descerrar uma lápida comemorativa da visita, sob uma outra descerrada pelo sr. Presidente da Republica aquando da inauguração do Centro.

O sr. prof. Marcello Caetano dirigiu-se depois para o Hospital de S. João, a fim de visitar o sr. dr. Jorge da Fonseca Jorge, antigo governador civil, que ali continua internado. Foi recebido pela esposa daquele e ainda pelo director clínico e outros médicos daquele hospital.

Cerimónia no Sindicato dos Empregados de Escritório

Depois de sair do hospital, onde grande numero de enfermeiras e funcionários se encontravam em filas para o saudar, o sr. prof. Marcello Caetano dirigiu-se para as instalações do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório do Distrito do Porto.

Aí, á entrada, foram-lhe apresentados cumprimentos pelos seus dirigentes, após o que se efectuou uma breve sessão de boas-vindas.

No uso da palavra, o presidente daquele sindicato, sr. Manuel Ferreira da Silva, referiu o significado da visita do «homem que, tirando lições do passado, vive o presente e está construindo o futuro, numa linha de renovação que a própria continuidade da vida de um povo exige, precisamente porque é vida». Noutro passo do seu discurso, o orador disse: «Os trabalhadores têm ainda, sr. Presidente, mais e bem concretas razões para lhe prestarem um particular testemunho de admiração e confiança». A propósito, salientou a alteração da legislação sindical, a regulamentação das relações colectivas do trabalho, instituindo um sistema de arbitragem e a revisão do regime jurídico do contrato individual de trabalho, que submeteu a parecer da Camara Corporativa.

Mais adiante, aquele dirigente sindical declarou que a direcção quis perpetuar a visita com o descerramento de uma lápida alusiva na sua sede, e entregar ao Chefe do Governo a sua medalha de ouro, a qual foi imposta ao Presidente do Conselho pelo ministro das Corporações.

O prof. Marcello Caetano, depois de agradecer, encaminhou-se por entre aclamações, para a União de Grémios dos Comerciantes do Porto, onde recebeu os cumprimentos dos dirigentes corporativos e onde foi obsequiado com um almoço.

Tarde em Matosinhos

Depois do almoço, o Presidente do Conselho seguiu para Matosinhos, onde o comércio local e a industria encerraram os estabelecimentos. Em Leixões, visitou a refinaria da Sacor, na Estrada de Almeiriga no Cabo do Mundo. Antes de partir para Pedras Rubras onde tomará o avião de regresso a Lisboa, o Chefe do Governo visitará, ainda, as obras do terminal portuário, com paragem no cais de descarga para navios de 100 000 toneladas.

O discurso do Chefe do Governo aos comerciantes do Porto

(Continuação da pág. anterior)

conduzidas, e integrando-as no esforço comum de que não devem divorciar-se.

«Os tempos do nacionalismo económico vão passados»

A tendência actual para a criação de grandes espaços económicos, onde se movimentem livremente os homens, os capitais e as mercadorias, vem abrir novas perspectivas, criar novas preocupações e onerar com novas responsabilidades os governantes e empresários.

Se bem que a Nação continue a ser realidade bem presente no espírito e no modo de viver do homem europeu, os tempos do nacionalismo económico vão passados.

Nem conseguiremos — nós e outros povos da Europa ocidental — fechar as fronteiras aos movimentos da mão-de-obra, nem evitar que os capitais, mobilíssimos por natureza, busquem os lugares e aplicações mais rentáveis, nem já agora erguer barreiras proteccionistas á cujo abrigo as actividades nacionais possam vegetar sem competição exterior.

Temos de nos penetrar bem destas ideias, até para deixarmos de encarar as aplicações de capitais estrangeiros no nosso País, como actos de colonialismo económico. Esses capitais serão benvindos quando venham efectivamente ajudar ao fomento interno e não explorar-nos e tudo o que devemos fazer é evitar a sua proveniência de uma só fonte, facilitando a diversidade nacional dos investidores.

A extensão dos mercados que se nos abrem e a concorrência a que as novas condições nos sujeitam, até no mercado interno, obriga a rever a dimensão das empresas susceptíveis, de entrar no jogo internacional ou de ter de o sofrer. Todavia, a preocupação de nos apetrecharmos para a dura luta dos tempos correntes e vindouros, não deve ser o sinal da condenação, por sistema, da média e da pequena empresa.

Se em certos sectores poderá ser imperiosa a concentração de muitas pequenas empresas a fim de se obterem as unidades poderosas e resistentes com capacidade para enfrentar o embate dos mercados, noutros a pequena e a média empresa devem ser cuidadosamente acarinhadas e sustentadas como factores de estabilidade social e até como garantias de gestão equilibrada, conduzida á escala humana.

Desde que, vai passada mais de uma dezena de anos, se começou a anunciar a formação da zona europeia de livre câmbio, mais tarde concretizada parcialmente com a instituição da E. F. T. A., tem o governo chamado repetidamente, a atenção dos interessados para os novos tempos e os novos costumes.

«Uma agricultura sã, uma indústria próspera, um comércio válido»

Nunca será demais insistir no apelo á iniciativa privada para que não perca tempo, o pouco tempo ainda ao seu dispor, para se adaptar ás circunstâncias.

Friseí há momentos que o alicerce da legitimidade da empresa privada estava na utilidade da sua função social. É nestes momentos críticos que tal utilidade mais se revela. Gozando de flexibilidade que falta ás empresas do Estado, possuindo uma liberdade de movimentos, de contratação e de adaptação que os serviços públicos não dispõem, beneficiando de sensibilidade á conjuntura que permite prever e ajustar a cada momento planos e projectos, a empresa privada demonstrará o que vale na medida em que souber ultrapassar as dificuldades da hora e ganhar para o País e para os portugueses esta batalha difícil da luta pela riqueza nacional.

Atravessamos um momento grave da História — da História do Mundo e da História de Portugal. Há soldados que arriscam a vida e vertem sangue em frentes onde se defende a integridade do solo pátrio. Mas todos os portugueses deverão considerar-se mobilizados. O esforço económico é tão essencial á vitória como a acção militar. Para que o País possa caminhar com segurança precisamos de ter uma agricultura sã, uma indústria próspera, um comércio válido. É uma frente de combate onde também se carece de homens decididos, corajosos, e perseverantes. E onde não faltam os inimigos — a começar pelos nossos defeitos, a nossa impreparação o nosso atraso — mas que sabemos vencer graças ás qualidades que sempre o povo português soube afirmar em todos os campos nos momentos críticos da sua existência colectiva».

Estão no Porto o ministro e o subsecretário de Estado do Exército

PORTO, 22 — O ministro do Exército, sr. brigadeiro José Manuel Bettencourt Rodrigues e o subsecretário de Estado, sr. coronel João António Pinheiro visitaram, esta manhã, o Centro de Instrução e Condução Auto N.º 1 aqui aquartelado. Aqueles membros do Governo, acompanhados pelos primeiro e segundo comandantes da 1.ª Região Militar, foram recebidos ali pelo comandante da Unidade, sr. tenente-coronel Manuel Carlos Passos Esmeriz; e na biblioteca, saudados pelo comandante do C. I. C. A. I, que manifestou o prazer que todos sentiam pela honrosa visita e aludiu á preparação dos militantes daquela unidade que, em breve, seguirão para o Ultramar. No final foram oferecidos galhardetes da unidade, aos visitantes. Estiveram presentes todos os comandantes e oficiais das unidades da guarnição.

Seguiu-se uma sessão de trabalhos, finda a qual houve visita ao quartel e, depois, um almoço na messe.

De tarde, aqueles membros do Governo visitaram o Hospital Regional N.º 1.

Actua na Azambuja a jovem (de 17 anos) que deseja ser matadora de toiros

AZAMBUJA, 22 — Ana Maria, a jóvem de 17 anos, natural da Azambuja, que continua a desejar ser matadora de toiros, vai reaparecer no próximo dia 25, na praça de toiros da sua terra natal, por ocasião da Feira de Maio nesta vila, para tourear pela primeira vez, dois puros novilhos em pontas. A sua actuação integra-se num festival ali realizado em benefício dos Bombeiros Voluntários da Azambuja.

Do cartaz constam ainda nomes dos cavaleiros amadores Sommer de Andrade e Carlos Empis, o aspirante a novilheiro Manuel Claudino e o grupo de forçados Amadores da Azambuja.

A fiscalização dos laboratórios

(Continuação da 4.ª página)

ticas. O dr. Santos Silva encomiou aquela uniformização, que nos Estados Unidos, segundo afirmou, tem obtido excelentes resultados. Contudo o dr. Fernando Godinho opôs-se a esta perspectiva e, pelo contrário, advogou uniformização apenas de técnicas, e mesmo esta devendo estar permanentemente sujeita a discussão. O ponto 13 e último na concernente á normalização biológica dos resultados analíticos: foi discutido o interesse de se conseguirem valores biologo-analíticos médios, segundo as regiões e as diferenciações sociais e somáticas — valores que, segundo parece, escasseiam no nosso País. Foi frisado que, sendo o farmacêutico o técnico que está mais em toda a parte, ele tem possibilidades unicas, impares de adregar a recolha de elementos que sirvam para o conseguimento dessas tabelas médias.

A conveniência deste ponto era muito controversida. O dr. Faicão sustentou que as alterações genéticas constantes e a alteração dos constitutivos biológicos legitimavam a actualização puramente dos valores considerados médios, sem o que o trabalho do analista não podia ser efectuado em moldes aceitáveis. O dr. Godinho insistiu na necessidade do «contrôle» de qualidade e afirmou que a responsabilidade da elaboração destes valores deve pertencer a um departamento central normalizador, que recolherá, mas ao mesmo tempo elaborará, interpretará e informará os laboratórios periféricos.

SENHORA

dando as melhores referências, ofereço-se para tomar conta de crianças ou acompanhar raparigas nos meses de Junho, Julho, Agosto.

Resposta para I.M.M. — R. 5 de Outubro, 853 — Porto.

O CHEFE DO ESTADO VAI AMANHÃ A PORTALEGRE

Festejando, amanhã, o dia da cidade (419 anos de existência), Portalegre recebe a visita do Chefe do Estado, que ali inaugurará diversos melhoramentos. Ser-lhe-á entregue a medalha de ouro do concelho, atribuída pela primeira vez.

Entre as obras a inaugurar, figuram: um Centro de Saúde Mental, no antigo Convento de Santo António; um bloco habitacional, para funcionários públicos e administrativos, no Bonfim; a segunda fase do abastecimento de água á cidade e um pavilhão gimnodesportivo.

GRANDE CAMPANHA DE FRIGORÍFICOS

NOVOS PREÇOS
NOVOS MODELOS
NOVAS CONDIÇÕES DE VENDA

FIAT | ARISTON | LINDE | PHILCO

SEM fiador
SEM entrada inicial

Visite as 2 lojas

Vapedrone

prestações mensais desde 77$50

SEDE 54 Rua da Vitoria 56 Telef. 33323

FILIAL 17 Rua dos Fanqueiros 19 Telef. 320376

Fatos de Banho e Bikinis • milhares em «stock»
a partir de esc.: 80$00
para todos os gostos • grande sortido para crianças

estabelecimentos
A POMPADOUR

R. Garrett, 28 · R. Augusta, 140 · Av. 5 de Outubro, 51-A LISBOA R. das Carmelitas, 70 PORTO

CINTOS DE SEGURANÇA
CAMPANHA

CADA VEZ SE TORNA MAIS PERIGOSO CONDUZIR

Dia a dia, o perigo aumenta na estrada.
É absolutamente necessário que faça
todo o possível para salvaguardar
a sua vida e a dos seus.
Tenha uma melhor protecção no seu carro
com cintos de segurança.
Os cintos de segurança têm salvo
milhares de vidas.
Conduza com o conforto de protecção extra
que lhe oferece o cinto de segurança
e procure uma boa marca
com fecho magnético (aumenta a segurança):
o cinto de segurança Kangol (magnético).

C. SANTOS S.A.R.L.

CALOR

O ESPECIALISTA DOS FERROS DE PASSAR

DE LINHAS ELEGANTES E DE GRANDE PRECISÃO

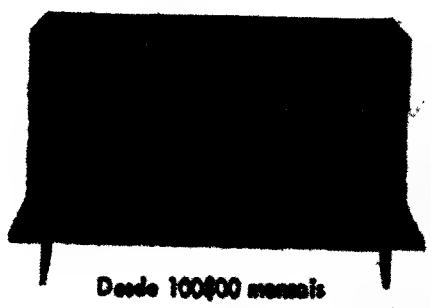
PARA PASSAR A FERRO NADA HÁ MELHOR QUE O MEU

2 ANOS DE GARANTIA

RADIOS TELEVISORES GRAVADORES DITAFONES RADIOS TELEVISORES GRAVADORES

Grande Campanha de Vendas

GRUNDIG



Desde 100$00 mensais

A. OLIVEIRA

Av. Almirante Reis, 91-A

sem entrada · sem fiador

✝

Alferes
Piloto Aviador
FRANCISCO ALBERTO DOS REIS LINO NETTO

Missa do 1.º Aniversário

A família manda rezar missa por sua alma na Igreja de S. Sebastião da Pedreira pelas 16 horas do sábado, 1.º aniversário da sua morte, no serviço da Pátria, em Angola (Negage). Será celebrante o capelão da Força Aérea Padre Domingos Gomes.

✝

GUILHERME SILVA

FALECEU

Rosa da Conceição e Silva, Maria Natália Fernandes da Silva e Silva, Maria do Céu Lima Santos seu marido e mais família comprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu muito querido marido, pai, avô e parente e que o funeral se realiza amanhã, às 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.

AGÊNCIA MACHO
Telef. 22027

dia a dia

HOJE PODE VER...

EUROVISÃO «APOLO 10»

ATRAVÉS da rede da Eurovisão, a RTP transmite a 5.ª e a 6.ª reportagens durante o voo da «Apollo-10» que terão lugar pelas 19 horas e 19 e 55, respectivamente.

O MOTOR E O HOMEM

COORDENADO por Cunha e Sá, a rubrica «O Motor e o Homem», a transmitir pelas 21 horas, incluirá os seguintes assuntos:

- Novos modelos de submarinos: Do submarino voador ao submarino nuclear;
- Os Transportes Europeus Modernizam-se: o mais recente Metropolitano e o comboio mais luxuoso;
- Um sistema de condução sem visibilidade;
- O Festival dos Veículos Motorizados Militares;
- O automóvel a vapor novamente na ordem do dia;
- A Escola de Condução da Polícia Metropolitana de Londres.

Noite de cinema:

A RODA DA FORTUNA (THE BAND WAGON)

PELAS 21 e 55, será projectado o filme de Vincent Minelli «A Roda da Fortuna» (The Band Wagon), com Fred Astaire e Cyd Charisse.

Fred Astaire é a estrela brilhante e simpática da história de um espectáculo e de um amor...

Cyd Charisse e Fred Astaire: o efémero regresso aos «bons velhos tempos»

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da Tarde — Canções do Nosso Tempo; 17 e 25: A Orquestra de...; 17 e 35: Do Chiado até á Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 50: Rádio rural — Música é música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 30.º Episódio do Folhetim «O Imortal de Florença»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pela Orquestra Tonny Hatch. 22 e 40: Variedades no Estúdio; 22 e 30: Música ligeira; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º e 2.º Actos da Ópera «Aida» (Verdi); 18: Música do Século XX — Parte de um Concerto integrado no Festival «Reconnaissance des Musiques Modernes» — realizado em Bruxelas, no Palais des Beaux-Arts; 19: Crítica Literária, pelo dr. Bigotte Chorão; 19 e 10: Folclore Português, Música na Ilha Terceira (Açores) recolhida por Artur Santos; 19 e 25: Música de piano; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música Instrumental; 20 e 30: Cantata BWV 32 (Bach); 21: Parte de um Concerto pela Academia de Instrumentistas da Emissora Nacional sob a direcção do maestro e pianista Franco Maninno; 21 e 41: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 22: Cinco peças de sabor popular (Schumann) — solistas; 22 e 20: Poemas Sinfónicos; 23: A Voz do Oriente 1 e 15: Fecho

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Música de piano; 23 e 30: Música francesa — Um programa cedido pela Radiodifusão-Televisão Francesa; 0 h. Sonata em Ré Menor op 27 n.º 3 «Balada» para violino Solo; 0 e 9: Sinfonia n.º 3 (Copland) — Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, sob a direcção de Leonard Bernstein; 1: Fecho

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 55: Eurovisão; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Vamos Jogar no Totobola; 21: O Motor e o Homem; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema 23 e 45: Telejornal e Fecho.

II Programa — Às 21 e 28: Abertura, 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Folhetim «Os Companheiros de Jehu»; 22 e 15: TV Clube; 22 e 45: Universidade na TV; 23 e 40: Telejornal e Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa** — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: «Mistérios do Rosário»; 20 e 20: 7.º Transmissão do voo da «Apolo 10»; 21: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Série do Oeste — «O Grande Vale»; 23: Eurovisão; 23 e 55: Telejornal e Fecho.

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Teatro «O Homem da Caneta de Ouro»; 23 e 30: Telejornal e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Às 19 e 10: Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 02: Um conjunto; 21 e 09: Portugal de hoje; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa, 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — Às 16. Programa C.D.C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02. Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM 67 e Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30 :Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea, 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Um conjunto; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Nort. dia a dia; 21 e 03: Orquestra; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as Nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radioroma; 18: Artistas portuguesas; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada, 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades, 21 e 30: Fados e guitarradas; 21 e 45: A orquestra de Harry James; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radioroma, 18: Uma Orquestra; 18 e 30: Terço, Benção e Missa Vespertina, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 50: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Musaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s. — 94,4 mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30

2.º PROGRAMA

A EMISSÃO será preenchida pelos habituais serviços de notícias, pelo 11.º episódio do Folhetim «Os Companheiros de Jehu», com Claude Giraud, e já exibido no I Programa em 23 de Janeiro de 1967, seguindo-se — pelas 22 e 15 — o «TV Clube» da série «O Mundo a Cantar», pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia.

Este programa, já transmitido, também, no I Programa, no passado dia 18 do corrente, incluí uma pequena digressão musical, a qual, depois de começar em Portugal, nos levará á Irlanda, Alemanha, Silésia, Rússia e Suécia.

A terminar a emissão do emissor UHF, será apresentado, ainda, a rubrica «Universidade na TV».

ir ou não ir na onda

REPRESENTAR PORTUGAL...

Ainda ontem o «Talismã» relucidia no erro já epidémico: que Maria Velejo representará Portugal *não sei em que festival de cantigas, e que a representante do nosso País, etc., etc.*

Parece urgente retinar este [illegible] *de particípações canoras em diferentes certames comerciais. É verdade que cada país tem os cançonetistas que merece, mas convém aliviá-los do peso da representação, até para não ferir a modéstia que distingue quase todas as «vedetas» portuguesas...* — C.

canal da crítica

«OJE À BILHAR»

Hoje não há crítica. Decretei. Tens férias, leitor. Eu, também. Crítica para quê? Para falar do Ironside? Cala-te, menino! Como dizia o Herculano de bronze: «Não vês que estou a tratar de coisas sérias?»

Ainda me lembrei de escrever qualquer coisa a respeito da lição de português da TV Educctiva, **a aula do prof. Aldónio Gomes a que raramente falto. Ùltimamente tenho-me encontrado com frequência em desacordo e isso inquieta-me.**

Tenho de escrever sobre isso, para me libertar. Aldónio Gomes não me saiu aquilo que se possa chamar um «gramaticão». Saiu-me, direi antes um moralista. entre uma e outra coisa não sei que abomine eu mais. O moralista da linguagem é, em geral, um consumidor de amor á lista. O moralista, em questões de linguagem, é um «gramaticão» envergonhado. Digamos que é um «gramatiquinho». Isto dói-me, porque não vi á nada Aldónio Gomes neste papel.

Foi a propósito de pontuação e maiúsculas. O professor era de opinião que nem no domínio da legalidade, nem no da estética, não havia nada que justificasse a eliminação deles na língua portuguesa.

Acredito que Aldónio Gomes não conhece bem os efeitos que certos escritores modernos conseguem com a abolição dos pontos e vírgulas, ou com a sua desarticulação. E quanto ás maiúsculas, só lhe digo que condenar pura e simplesmente a sua inutilização é remar contra a maré — exactamente por questões de estética. A arte tem razões que a gramática desconhece.

Evidentemente que se podia pensar na missão ortodoxa de Aldónio Gomes. Mas a *TV Educativa* não tem funções escolares — e sem perigo demasiado Aldónio Gomes podia ir avançando que a história de abolir pontuações e maiusculações não é para todos: é só para os artistas ou para os ignorantes. Assim se poupava a estéticazinha ké o k mintres sa. E também se salvava a moralzinha que é o que interessa ao professor.

Lembrei-me de falar disto, mas não falo, não gosto de semear favas cozidas, a emissão foi na segunda-feira, onde isso já vai, santinho! De maneira que lá crítica é que não faço, olha, leitor, não te convido para um passeio a Almeirim e Azambuja como o nosso antepassado Garrett, porque nos tempos de hoje não há tempo para viagens tão demoradas. Mas convido-te para uma partidinha de bilhar.

Alto!, bilhar à portuguesa e não como aquele bilhar neurastécnico do chefe Ironside, onde se usava uma infinidade de bolas. Eu, para carambolar em duas já é o que se sabe, quanto mais!

Lá esse interesse espectacular teve o episódio ontem. Qué lá saber do Vance: já sei que ele vai passar umas ricas férias na prisão... Qué lá saber do Tim Paterson: já sei que ele vai ser engenheiro... Qué lá saber do irmão dele: já sei que vai regenerar-se, ser elemento útil à sociedade... E depois, irmão que bate em irmão, tem cem anos de perdão, ou coisa que o valha.

Isso já eu sabia tudo, melhor dizendo: isso já eu pré-sabia. Mas a actuação ao bilhar daquele Money Howard, isso foi de arregalar o olho. Mas pra mim vêm os americanos de carrinho: pensam que eu não sei que as bolas eram puxadas por cordelinhos. Aliás, se eles puxam os cordelinhos a tudo, por que razão não haviam de os puxar às bolas daquele bilhar psi aqui á tri co?

O chefe Ironside não foi rubrica policial: foi rubrica desportiva. Valeu a pena a ver — mas não dá matéria

(Continua na página seguinte)

CISNE

DINHEIRO!...

APLIQUE-O EM

J. PIMENTA, S. A. R. L.

OBTENDO JUROS OU RENDIMENTOS DE 7 A 10%

ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA OU COM RENDIMENTO GARANTIDO DURANTE 12 ANOS POR ESCRITURA PÚBLICA

INFORMAÇÕES: Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq. em Lisboa Telefones 45843-47843

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

suficiente para ser levantado auto.

De maneira que hoje não há crítica. Sejamos paralíticos todos, como o Ironside

Montemos todos nas nossas cadeirinhas de rodas e vamos jogar uma partidinha de bilhar: Já aviso: só jogo a 500 dolas e tomei lições com o Howard. Pois...

M. C.

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

AOS COMERCIANTES DE SUCATA DE TODO O PAÍS

IMPORTANTE

LEILÃO

De SUCATAS pertencente a

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

SÁBADO, ÀS 15 HORAS

Serão vendidas nos armazéns desta Empresa Publica, sitos na Av. de Ceuta (Esquina da Rua do Arco de Carvalhão) — Lisboa

IMPORTANTES lotes de sucatas donde destacamos principalmente:

22 toneladas de cabo telefónico c/ chumbo e cobre, 9 ton. de fio de cobre cádmio de linhas aéreas, 4,5 ton. de fio de cobre isolado, 2 ton, de fio Jumper, 2 ton. cabo c/ lona e plástico, 5 ton. de chumbo limpo, 11 ton. de ferro forjado e ainda menores quantidades de: cordões telefónicos, fio cobre isolado a papel, limalha de latão, fio de cobre esmaltado e queimado, pneus, listas telefónicas, corda, serapilheira, bobinas telefónicas, contadores de chamadas, alumínio e antimónio, latão limpo e sujo, ferro em chapa e em viga, placas de baterias, tubo de ferro, caloríferos a petróleo, diferencial, Duplicador Ormig, máqs. de contabilidade Bourroughs, e DIVERSOS DE IMPOSSIVEL DISCRIMINAÇÃO:

EM EXPOSIÇÃO diàriamente no local das 9 às 12 e das 13 às 17 horas.

Em distribuição gratuita as listas do material a leiloar.

TRATA E PRESTA TODAS AS INFORMAÇÕES A

SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1
Telefs. P. P. C. (9 Linhas)
532929 - 51478 - 532446

AFRA FILHOS, LDA.

ANTÓNIO CASANOVA

Na Casa de Repouso dos Inválidos do Comércio, procede-se, no domingo, ás 11 horas, ao descerramento de um medalhão-retrato de António Casanova, sócio fundador e figura de grande vulto na vida daquela prestimosa instituição.

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

ESTAÇÃO DE SERVIÇO CIDADE NOVA, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do seu sócio gerente Sr. João Simões Pereira e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus (Capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

GARAGEM SIMÕES PEREIRA, LDA., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do sócio gerente da firma Sr. João Simões Pereira, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas da Igreja de S. João de Deus (Capela A), para jazigo de família, no cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

AUTO MONUMENTAL DO AREEIRO, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do seu sócio gerente Sr. João Simões Pereira e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus (Capela A), para jazigo de família, no cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

OS EMPREGADOS DA ESTAÇÃO DE SERVIÇO CIDADE NOVA, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do sócio gerente da firma Sr. João Simões Pereira e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus (Capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

OS EMPREGADOS DA GARAGEM SIMÕES PEREIRA, LDA., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do sócio gerente da firma Sr. João Simões Pereira, e que o seu funeral se realiza, amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus (Capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

OS EMPREGADOS DA AUTO MONUMENTAL DO AREEIRO, LDA., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do sócio gerente da firma Sr. João Simões Pereira, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus (Capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

AUTO NEW-YORK, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do seu sócio gerente Sr. João Simões Pereira e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus (Capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

J. J. PEREIRA & AMARAL, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do sócio gerente da firma Sr. João Simões Pereira, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas da Igreja de S. João de Deus, (Capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

GRANDE GARAGEM LISBOA-PARQUE, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do seu sócio gerente Sr. João Simões Pereira, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus (Capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

OS EMPREGADOS DA AUTO NEW-YORK, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do sócio gerente da firma Sr. João Simões Pereira e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus (Capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

OS EMPREGADOS DE J. J. PEREIRA & AMARAL, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do sócio gerente da firma Sr. João Simões Pereira, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas da Igreja de S. João de Deus (Capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que faleceu, em combate, na provincia de Angola, o furriel miliciano n.º 07109664, Adelino Fernando de Castro, filho de Domingos Castro e de Ana Emília Rebolo, natural de Guimarães.

PARDILHÓ

Maria Luísa Valente de Almeida

FALECEU

Seus filhos, genros, netos, bisnetos e toda a família. Participa o seu falecimento e que o seu funeral se realiza amanhã para o cemitério local.

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

João Simões Pereira, Maria Dina Mendes Simões Pereira, João Abílio Mendes Simões Pereira mulher e filhos, seus irmãos, cunhados, sobrinhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua muito querida mulher, mãe, sogra, avó, irmã, cunhada, tia e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus (Capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

A. G. MAGNO, LDA.
Av.ª Almirante Reis, 129
Telef. 51586

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

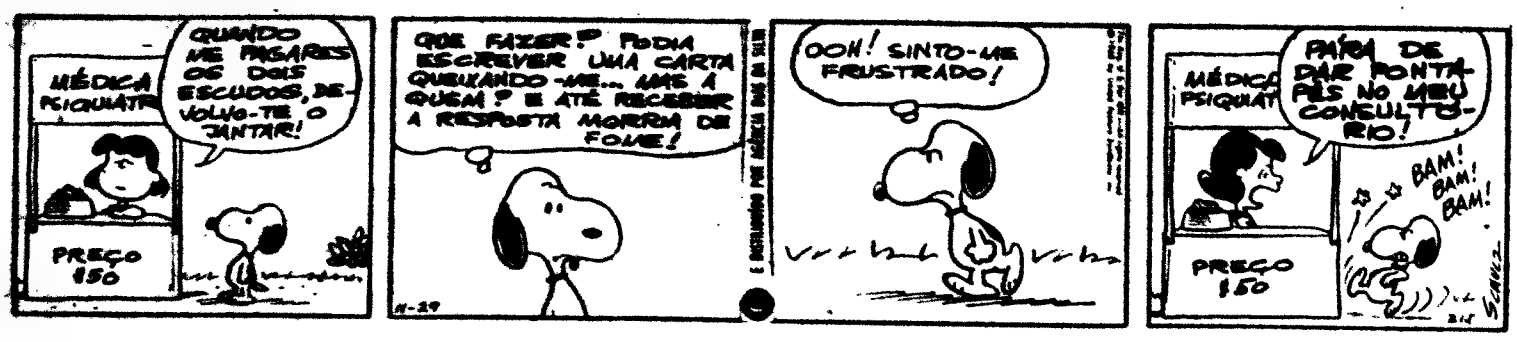
OS EMPREGADOS DA ESTAÇÃO DE SERVIÇO MONUMENTAL DA ROTUNDA DA ENCARNAÇÃO, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do sócio gerente da firma Sr. João Simões Pereira, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas da Igreja de S. João de Deus, (Capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

D. Argentina Mendes Simões Pereira

FALECEU

OS EMPREGADOS DA GRANDE GARAGEM LISBOA-PARQUE, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da esposa do sócio gerente da firma Sr. João Simões Pereira e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 10 horas, da Igreja de S. João de Deus (Capela A), para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos

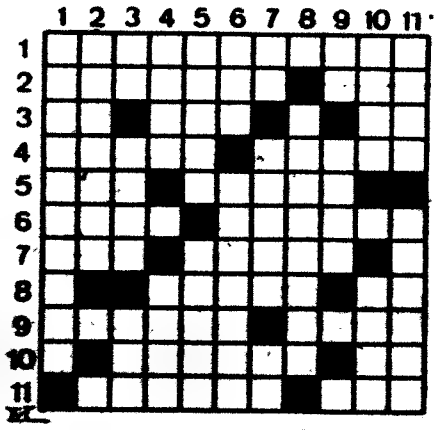
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5184

HORIZONTAIS: 1 — Linguista francês, que desenvolveu no seu país o estudo das línguas românicas. 2 — Império da África oriental, que já se chamou Terra do Preste João Junto. 3 — Senhor (abrev.). Víscera. A ti. 4 — Restar. Ergam. 5 — Onta. Dava atenção 6 — Incapaz. Nome dado, na Idade Média, ao trovador profissional, isto é, que aceitava paga pelas suas composições. 7 — Preposição. Sobrecéu. 8 — Folhas. Idem (abrev.). 9 — Ire com grande rapidez. Qualquer 10 — Atado. Pertences 11 — Célebre. Alguma.

VERTICAIS: 1 — Tirava as tarpas 2 — Imputo. 3 — Zombo Tombar. Flanco. 4 — Habita. Estavam. 5 — Região da antiga Grécia, ao sul da Macedónia, onde estava o célebre oráculo de Dodona. Custo. 6 — Consentimento. Empreganas 7 — Alto ai! Engelho. Compaixão. 8 — Óxido natural de ferro. 9 — A tua pessoa. Querida. 10 — Ser. O mesmo. 11 — Rilham Lamacento.



Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5183

HORIZONTAIS: 1 — O. SILÊNCIO. 2 — Raia. Fartum. 3 — Ais. Dá. Ia. É. 4 — Parei. Fá. 5 — Rol. Atar. Ri. 6 — Oba. 7 — Diana. A. Oca. 8 — Altar Tesos. 9 — VIRTUDE. Cai. 10 — Adiamos. 11 — Mios. Asco.

VERTICAIS: 1 — Ora. Radavam. 2 — Aipo. Iludi. 3 — Sisal. Atrio. 4 — Ia. Inates. 5 — Dea. Atum. 6 — Éleito. DOS. 7 — Na. Abates. 8 — Criara. 9 — Ita. Opcas. 10 — Ou. BRAÇOS. 11 — Mesl. Atila.

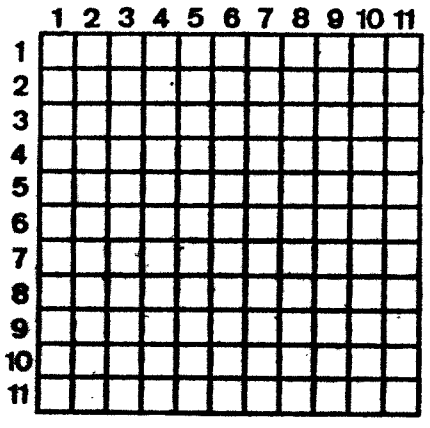
(Provérbio: O SILÊNCIO É A VIRTUDE DOS FRACOS).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9027

HORIZONTAIS: 1 — Porto e cidade de França. Ponho açamo a. 2 — Fechas as asas para descer mais depressa. Grupo de três. 3 — Cidade dos Estados Unidos. 4 — Antes de Cristo. Estacionam. Cento e cinco. 5 — Predestinar. Campo de cereais. 6 — Cólera. Preposição. 7 — Tormentoso. Prendera com os eleos. 8 — Abonara. 9 — Nascente. 10 — Artigo definido. Transfer para outro dia. Viração. 11 — Do Pérsia. Osso do braço.

VERTICAIS: 1 — Espécie de palmeira, que fornece fibras muito sólidas. Cidade de França. 2 — Missiva. Catedral. Campeão. 9 — Caminho. Língua da serpente. 4 — Rapa. Entonteces. 5 — Convir. Insecto díptero, espécie de mosca. 6 — Sufixo que designa estado. General de Napoleão. 7 — Na parte posterior. O mesmo que efemense. 8 — Transgressão de um preceito legal. Língua dos Romanos na antiguidade. 9 — Camareira. Afie. 10 — Pedra de moinho. Acreditara. Viração. 11 — Avarento. Vantagem.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9026

HORIZONTAIS: 1 — Japão. Presa. 2 — Atuar. Aunir. 3 — Reima. Lamas. 4 — Ras. Ari. 5 — Ar. Às. 6 — Arte. Anos. 7 — Aumente. 8 — Amimo. Tasco. 9 — Ria. Reo. Ias. 10 — Maia. Aços. 11 — Ossos. Anosa.

VERTICAIS: 1 — Jarra. Camo. 2 — Ateare. Mios. 3 — Puis. Raiais. 4 — Aam. Atum. Ao. 5 — Oras. Amar. 6 — Em. 7 — Pala. Anto. 8 — Rua. Unta. An. 9 — Emma. Oásico. 10 — Siares. Cass. 11 — Anais. Cassa.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Maio de 1939 publicava:

«**BERLIM, 22 — A cerimónia solene da assinatura da aliança política e militar entre a Alemanha e a Itália realizou-se na grande sala de recepção da Chancelaria do Reich.**

«**No centro da sala foi colocada uma grande mesa sobre a qual se viam duas pastas vermelhas que continham exemplares do pacto, um em alemão, outro em italiano. Em toda a sala se viam tapeçarias. Havia apenas três cadeiras.**»

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

UM FOLHETO DA C. P. SOBRE CIRCUITOS TURÍSTICOS

A C. P. acaba de publicar um folheto alusivo aos serviços que a rede «EUROPA-BUS» pode proporcionar aos turistas na presente temporada onde consta, além de uma descrição pormenorizada das excursões e circuitos portugueses, a relação de todas as linhas, circuitos e excursões nos outros países.

Peça folheto e esclarecimentos nas secções de informações de Lisboa, Porto e Coimbra, nos despachos centrais e nas agências de viagens

ERROS EVITÁVEIS

Errar é próprio dos homens e verifica-se que são profundamente humanos *muitos dirigentes do desporto. Claro que sempre haverá erros, desportivos e outros. Mas alguns francamente, eram evitáveis e podia-se muito bem, com um pouco de cuidado e atenção, impedir situações de melindre e desagrado.*

Em poucos dias tivemos agora mais dois «casos», ambos nascidos do descuido de quem dirige.

Aconteceu que a Federação Portuguesa de Futebol (que, coitada, tem andado muito na berlinda...) marcou para Setubal a final do campeonato da terceira divisão, entre o Farense e o U. Lamas.

Os farenses marcaram hotel em Setubal, organizaram excursões, trataram de tudo — mas eis que surge um protesto dos nortenhos, pelo simples facto de que Faro fica muito mais perto da cidade de Bocage.

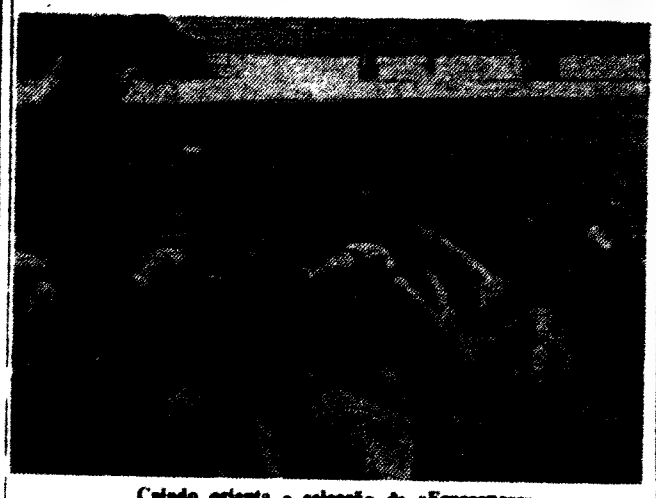
Vai daí a Federação considerou importante este pormenor geográfico e transferiu a partida para Lisboa. Perfeitamente aceitável. Pergunta-se, no entanto: era necessário vir o Lamas ensinar geografia á Federação?

Outro exemplo de erros evitáveis tivemo-lo agora no ciclismo. Terminou o «Prémio Laranjina C» e foi dado como vencedor o sportinguista Vítor Rocha. Camisola amarela, flores, tudo. Dois dias depois, no entanto, vem a Associação esclarecer que se tratava de lapso, devido ao facto de faltar ao juri, quando fez as contas, a classificação de uma etapa anterior. E vendo bem as coisas, quem ganhou foi Vítor Tenazinha, também do Sporting. (Sorte que se tratasse de dois corredores do mesmo clube, pois só isto terá evitado uma tempestadezinha...). Pergunta-se: não deveria o juri ter á mão todos os documentos necessários á elaboração da classificação final? E se os não tinha por que se «atreveu» a anunciar o vencedor?

É sempre delicada a missão dos que dirigem e dos que têm de decidir. Indispensável se torna que não sejam eles a avolumar, com erros evitáveis, a agitação de que volta e meia enferma o arraial desportivo. Acontece... mas faça-se o possível por que aconteça — o menos possível.

M. Z.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



Caindo orienta a selecção de «Esperanças»

«Esperanças» a treinar para o jogo no Funchal

Em estágio e em preparação a selecção nacional de «esperanças» que, na tarde de quarta-feira, no Estádio dos Barreiros, no Funchal, receberá a Inglaterra.

Ontem efectuou-se no Estádio Nacional um treino de conjunto, que decorreu com agrado e interesse, tendo a selecção marcado cinco golos e a equipa treinadora dois.

O seleccionador ainda não se decidiu quanto á definitiva constituição da equipa acreditando-se, porém, que não deve andar longe da seguinte:

Damas; Barros (Carlos), Caló, Humberto Coelho e Murça; Pavão e Toni (Nené); Camolas (Chico), Nelson, Petita e Diamantino (Noémio).

Na segunda-feira os jogadores que regressam aos seus clubes para tomarem parte na taça «Ribeiro dos Reis» voltarão para estágio, seguindo, ao fim da tarde, de avião para a Madeira.

A «TAÇA DAS TAÇAS» PARA O SLOVAN

BASILEIA, 22. — O Slovan de Bratislava (que eliminara, entre outros, os portugueses do F. C. Porto) foi o vencedor da «Taça Europeia dos Vencedores de Taças», vencendo na final o F. C. Barcelona por 3-2, com 3-1 ao intervalo.

Os espanhois podem lamentar-se da má actuação da sua defesa, que facilitou a vitória dos checos. Estes impuseram-se pela sua capacidade física e pela categoria do seu sector defensivo, mas os catalães praticaram, durante largo período da primeira parte e no início da segunda, um futebol superior.

Árbitro: Laurens Van Ravens (holandês).

SLOVAN — Vencel; Filo, Hrivnak, Horvath e Zlocha; Josef, Capkovic e Hrdlicka; Cvetler, Moder e Capkovic II.

BARCELONA — Sadurni; Franch, Olivella, Rife e Silvestre; Pellicer e Zabalza; Zaldua, Castro, Fusté e Rexach.

BRIDGE, EM OFIR

Portugal-Espanha e Torneio Luso-Espanhol

A Federação Portuguesa de Bridge, através do Centro Regional do Norte e com o patrocínio da Direcção-Geral de Turismo, promove de amanhã a domingo duas importantes competições de bridge:

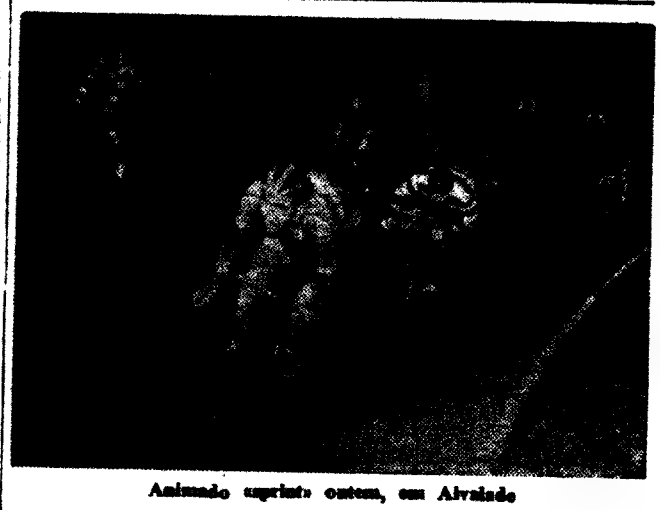
O II Portugal-Espanha (2.ª Taça Ibérica) e o Torneio Luso-Espanhol, aquela prova por intermédio de selecções nacionais e esta a todos os interessados dos dois países ibéricos.

A equipa portuguesa, capitaneada pelo sr. eng.º Rui Pinto, será composta pelos srs. dr. Francisco Calheiros dr. João Moura, dr. João Nuno Cruz, dr. Jorge Monteiro dos Santos, eng.º Rui Silva e sr. Rui Morais Sarmento. Na representação espanhola os mais conhecidos são os internacionais Muñoz, Hogores e Puigdoria.

A equipa feminina portuguesa para formar os pares mistos, será composta pelas sr.as D. Maria Antónia Paulo de Barros, D. Maria Helena Dias da Cunha, D. Maria Nobre da Costa, D. Maria de Lurdes Brion e D. Eugénia Bivar.

Na prova luso-espanhola deverão participar bridgistas vindos de Madrid, Barcelona e Galiza. Também do centro do nosso País deverão aderir á iniciativa alguns praticantes, nomeadamente do distrito de Coimbra.

Ambos os torneios decorrerão no Hotel do Pinhal, em Ofir, realizando-se nas noites de amanhã e sábado o Portugal-Espanha e nas tardes de sábado e domingo o torneio luso-espanhol. Na 6.ª-feira, amanhã, pelas 20 horas, naquele hotel haverá um «cocktail» dedicado aos participantes e no domingo á noite realizar-se-á um jantar de gala com distribuição de prémios e atracções, devendo estar presentes algumas individualidades do concelho de Braga.



Animado «sprint» ontem, em Alvalade

CICLISMO

Benfica: mais vitórias na pista de Alvalade

Organizado pela Associação do Sul realizou-se, ontem á noite, no Estádio Alvalade, um festival de ciclismo em pista.

Os resultados verificados foram os seguintes:

20 voltas para «populares» — 1.º, António Beirão (Benfica), 13 m. 42 s.

Perseguição á americana para amadores — 1.º, Benfica (Fernando Vieira e João Pinhal), 2 m. 58 s.

Critério de 25 voltas para profissionais — 1.º, Fernando Mendes (Benfica), 28 pontos.

Eliminação para amadores — 1.º, Manuel Lopes (Sporting).

Uma hora á americana para profissionais — 1.º, equipa do Benfica (Manuel da Costa e Manuel Luís), 97 voltas.

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

Castigos pesados para dois árbitros

A Comissão Central de Árbitros analisou em profundidade e pormenorizadamente alguns casos recentes.

Mais relevantes os de Salvador Garcia, a propósito de declarações feitas contra a própria C. C. A. e de Manuel Fortunato pelo modo como dirigira, sob o ponto de vista disciplinar, o último Benfica-F. C. Porto.

Depois de serem observados em pormenor todos os pontos, a C. C. A. resolveu suspender Salvador Garcia, por um ano e Manuel Fortunato por 90 dias.

●

Ao princípio da tarde partiu para La Croix, a equipa de juvenis do Benfica que, naquela cidade francesa irá tomar parte num torneio internacional.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

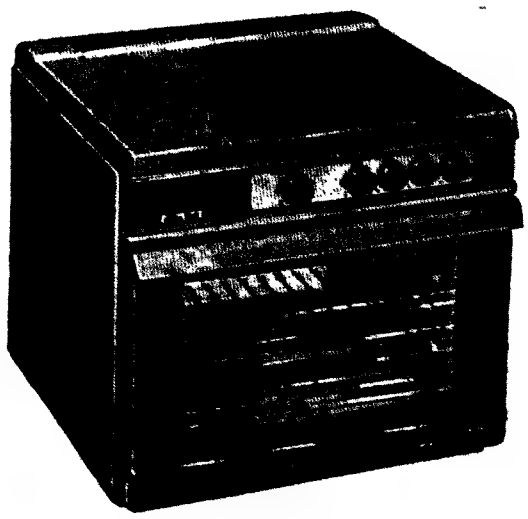
O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias do Lago, Matosinhos, Foz, Avenida dos Aliados, Carolinas, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Almeida de Trindade, Rua do Conde Colonil, Constituição, Praça da República, Gaifim e Anjos, a partir das 22 e 30, e na Tabacaria do Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 23 horas.

troque o seu fogão "modesto" pelo NOVO

inox Presmalt

Minha Senhora:

A Presmalt acaba de lançar no mercado a última maravilha para cozinhas modernas: Um fogão em aço inoxidável, com vidro na porta do forno, que é o primeiro do tipo a ser vendido em Portugal.
Mais ainda, a Presmalt valoriza, no acto da compra, o seu fogão antigo. Dirija-se hoje mesmo a um dos estabelecimentos nossos representantes.
Dê à sua cozinha um presente sensacional: Inox-Presmalt.



UMA BELEZA PARA OLHAR... E COZINHAR!

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

AGORA É QUE VAI SER BOM...

BALIZAS MAIORES NO HÓQUEI EM PATINS

• Um avançado (LIVRAMENTO) e um guarda-redes (VÍTOR DOMINGOS) apreciam a inovação

Em Lausanne, tentou dar-se um passo em frente, no sentido de reconduzir o hóquei em patins a antigo esplendor e projecção, especialmente no que respeita ao caso português. Tanto assim que no Congresso Internacional foi presente uma proposta, pensada e redigida pela nossa Federação.

Partiu-se do princípio de que o público se «divorciou» em grande parte da modalidade porque ela perdeu espectáculo e emoção. Muito certo, em determinados aspectos. Assim, pensou-se em fazer determinadas alterações a fim de elas restituirem ao jogo velocidade, espontaneidade e o atractivo do golo — que é sempre grande.

Ora bem: era a seguinte a proposta portuguesa:

1 — Aumentar as balizas de 1,05 × 0,82 cm. para 1,55 × 1,05.

2 — Nenhum jogador poder prender a bola no seu meio rinque mais de 15 segundos.

3 — Proibição de passar a bola para trás no próprio meio campo.

4 — Reduzir o tempo de jogo para 15 minutos cada parte.

Depois de discussão e comentários, foi resolvido aprovar, sòmente, a alteração das dimensões das baliza, o que, na nossa opinião, sem ser acompanhada pelas outras importantes modificações dá a ideia de não vir resolver o problema...

Critérios que têm de se aceitar mas, francamente, não se compreendem muito bem...

Interessa-nos, porém, é saber o que alguns jogadores pensam do caso.

E foi por isso mesmo que escutámos, para já, as opiniões de Vítor Domingos, guarda-redes da selecção nacional, e de Livramento, outro famoso «internacional».

O ponto de vista de Vítor Domingos é o seguinte:

— Francamente não penso que o aumento das balizas venha resolver o problema. O que eu acho, isso sim, é que se deveria modificar a lei no que respeita ao «penalty» para obrigar os elementos das defesas a jogarem fora da área e a abrirem o jogo. Assim, fecham-se, defendem-se, dão pontapés na bola e, como não há falta, lá vão evitando os golos. Além disso, um grande aumento de tamanho vai modificar o medo de jogar dos guarda-redes. Quando é que eu, que jogo há 18 anos de uma maneira, estarei adaptado? Creio, sinceramente, que a modificação da lei da grande penalidade é que restituiria ao hóquei muito do que lhe falta agora.

Curiosamente, Livramento opina pelo mesmo diapasão:

— A diferença de tamanho é tão pequena que pouco irá alterar o actual panorama do jogo. A alteração de medidas não irá oferecer a quantidade de golos em que se pensa. O que se devia fazer, isso sim, era alterar a lei do «penalty» para obrigar os defesas a jogarem fora da área, pois agora andam lá dentro perfeitamente impunes. Por isso é que não há mais golos...

C. Ourique e Parede — «guias» no Torneio de Abertura

No pavilhão dos Salesianos disputaram-se, ontem à noite, os três encontros referentes à segunda jornada da fase final do Torneio de Abertura de Hóquei em Patins, organizado pela Associação de Patinagem de Lisboa.

Os resultados:

C.U.F., 2-C.A.C.O., 5
Oeiras, 4-Sintra, 7
Parede, 4-Belenenses, 2

Este desafio foi dado por concluído pelo árbitro quatro minutos antes do tempo regulamentar, por terem sido expulsos três dos cinco jogadores dos «azuis».

A classificação ficou assim estabelecida: 1.º, C. Ourique, 2 vitórias (10-3), 6 pontos; 2.º, Parede, 2 v. (6-3), 6; 3.º, Sintra, 1 v. 1 d. (8-6), 4; 4.º, Belenenses, 1 v. 1 d. (6-6), 4; 5.º, C.U.F., 2 d. (4-9), 2; 6.º, Oeiras, 2 d. (6-12), 2.

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Hungria-Checoslováquia.	X
Espinho-Leça	1
Penafiel-Braga	X
Lamas-Peniche	1
A.Viseu-Tramagal	2
Valecamb.-T. Novas	X
Covilhã-B. Mar	2
Gouveia-Sanjoanense ...	X
Alhandra-Oriental	2
Leões-Atlético	2
Seixal-Mantijo	X
Sesimbra-Luso	1
Portimon.-Lusitano	1

Piscina aquecida de Aveiro
Avenida de Roma
Funciona todos os dias sem interrupção das 9 às 22.45 h
Tel 72.67.94
Temperaturas: água 27° Ambiente 29°

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

A «TAÇA» ESTÁ A ANIMAR

A EQUIPA DO BENFICA ENTROU HOJE EM ESTÁGIO

Já hoje podemos fornecer sobre o aliciante acontecimento algumas informações.

Assim: o jogo do Restelo, não começa, como os outros, às 16 horas; começa às 17 e 30.

Na equipa do Belenenses — o encontro da primeira mão disputa-se no Estádio do Restelo — não deverá haver alterações, em relação aos últimos desafios efectuados. Apenas subsiste uma dúvida: Saporiti. Queixa-se de um pé. Deverá alinhar (tem experimentado sensíveis melhoras) mas, se não lhe for possível recuperar, será substituído por Lua.

Ainda não está resolvido, mas tudo indica que os belenenses entrarão em estágio em Carcavelos, a partir de amanhã.

Os benfiquistas entram hoje em estágio

A equipa do Benfica entra hoje, em Oeiras, em estágio. Concentrados os seguintes jogadores: José Henriques, Nascimento, Adolfo, Humberto Coelho, Zeca, Raul, Jacinto, Malta da Silva, Toni, Jaime Graça, Coluna, Praia, José Augusto, Torres, Eusébio e Simões.

Os benfiquistas deverão apresentar a mesma equipa que em Luanda eliminou a do A. S. A.

Estágio para os «leões»

O Sporting, no jogo da primeira mão, vai defrontar o União de Tomar. Os «leões» têm umas «contas» a ajustar com os tomarenses. Para o «Nacional», derrota em Tomar e empate em Alvalade. Conseguirão desforrar-se?

Tudo parece indicar que sim, porque, ao passo que os «leões» parecem ter crescido, neste final de época, o inverso parece registar-se entre os unionistas...

Mas, há sempre surpresas, e o Sporting tem sido pródigo em fornecê-las...

Sabe-se que, no seu estádio, os sportinguistas entrarão em estágio amanhã.

«TAÇA DAS FEIRAS»

O Newcastle é finalista

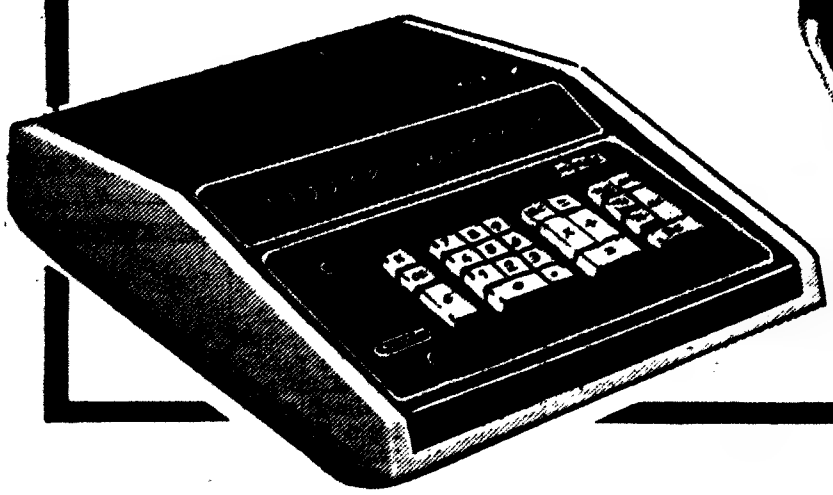
NEWCASTLE, 22. — (R.) — O Newcastle United venceu a noite passada por 2-0 o Glasgow Rangers, após um desafio repleto de incidentes em que, após tumultos e desordens, «furiosos da bola» acabaram por invadir o campo. Ficaram feridas 22 pessoas e a Polícia, com o auxílio de cães, viu-se em sérias dificuldades para limpar o campo após o árbitro ter terminado o desafio dez minutos antes do termo, depois da desordem generalizada que se seguiu ao registar-se o segundo golo do Newcastle.

O Newcastle defrontará agora o Dozsa, da Hungria.

SHARP

CALCULADORA ELECTRÓNICA CS-32A

Com a primeira calculadora japonesa que emprega circuitos integrados, SHARP toma a dianteira no mercado mundial. A CS-32A é uma calculadora electrónica para usos múltiplos, fácil de operar e adequada para o comércio em geral, indústria, engenharia, finanças e cálculos científicos



Representante exclusivo
SEMA ELECTRÓNICAS
RÁDIO MARÍTIMA
Lisboa — Av. 24 de Julho, 69 - 1.º — Telef. 67 62 18 / 67 42 85
Porto — R. Dr. Afonso Cordeiro, 17-21 — Matosinhos — Telef. 3 60 23

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Bloc.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	530$	—
Consolidado 5%	540$	540$	541$
Consolidado 5 1/2%	—	642$	648$
Centenários 4%	1.520$	1.520$	1.525$
Obrig. Tesouro 5%	—	1.007$	1.008$
Externa Série	—	600$	650$
Externa Série A	—	—	820$
Externa 3.ª Série	—	—	750$
Externa 3.ª Série A	—	—	920$
Caminhos 1.ª Série	—	—	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A — 1 5% 58	—	—	970$
C P 4 1/2% 62	—	—	910$
C P 5 1/2% 67	—	—	1.010$
C U P 6%	—	1.010$	1.012$
C U P 6% 68	1.015$	1.015$	—
Gás Electr 4% 46	860$	850$	870$
Gás Electr 4 1/2% 51	—	830$	—
Gás Electr 5% 54	—	910$	—
Gás Electr 5% 58	—	980$	940$
Gás Electr 5% 59	—	900$	—
Gás Electr 5% 62	—	935$	950$
Gás Electr 5% 63	—	927$	—
Gás Electr 5% 65	—	920$	—
Gás Electr 5% 67	1.030$	1.027$	—
M e A Alentejo 5%	—	845$	855$
M e Cávado 5%	—	—	—
M e Cávado 6%	—	1.015$	—
M e Douro 5%	860$	855$	—
M e Douro 6%	1.015$	1.014$	—
M e Norte Port 5%	—	—	—
M e T Estreio 6%	1.013$	1.012$	1.014$
M e Zêzere 5% 55	—	—	—
M e Zêzere 5% 57	—	—	855$
Lanove 6%	1.025$	1.023$	1.027$
Metropolitana 4%	—	945$	—
Metropolitana 4 3/4%	—	1.025$	—
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	—	850$	860$
Nitratos 5%	—	850$	—
Nitratos 5% 60	—	850$	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port Catul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	935$	945$
Sacor 5% 60	—	910$	915$
Siderurgia 5% 2.º	—	830$	840$
Siderurgia 5% 3.º	—	—	840$
Siderurgia 5% 4.º	—	—	—
Sonete 5%	840$	835$	840$
T A P 4%	—	—	—
Termoeléct Port 5%	855$	850$	860$
U E P 4 3/4%	—	825$	—
U E P 4%	—	835$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	835$	85$
U E P 5% 60	—	840$	850$
U E P 5% 63	—	860$	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	1.149$	1.145$	1.147$
Alentejo	830$	830$	835$
Angola	—	2.220$	2.250$
Burnay	—	—	—
Crédito Predial	2.350$	2.300$	2.380$
E Santo	—	—	—
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas & B.	17.000$	15.000$	9.000$
B B Açores p.	—	5.000$	5.200$
B B Açores n.	—	—	—
B. Atlântico p.	7.000$	6.500$	—
Portugal n.	—	2.470$	—
Portugal p.	2.950$	—	3.000$
Totta Aliança	5.850$	5.800$	5.850$
Ultramarino n.	1.990$	1.990$	2.000$
Ultramarino p.	2.300$	2.290$	2.310$
Seguros			
Alentejo	—	70$	74$
Douro	—	—	—
Mundial	470$	465$	475$
Seguros	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	11.000$	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	740$	740$	745$
Ag Cassequel	—	665$	680$
Ag Insomati	—	1.600$	—
Ag Navas	—	—	400$
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Borar	—	—	100$
Sur	—	81$5	83$
Cabinda	245$	244$	245$

Ultramarinos	Bloc.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1.525$	1.520$	1.530$
H e Revue	—	600$	630$
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	118$5	118$5	120$
Sonete A	—	—	—
Sonete B	—	—	—
Zambézia	—	382$	390$
Angolana	80$	80$	80$5
Diversos			
Cidla	—	7.350$	7.450$
Gin Leirla	—	—	—
Gin Tejo	—	5.000$	5.250$
Cal Navegação	—	—	—
C U F	—	1.200$	—
Ins Aliança	—	—	600$
Nac Navegação	2.800$	—	—
Petroquímica	—	2.160$	—
Port e Colónias	1.500$	1.500$	1.520$
Port Celulose	—	3.550$	—
Port Pesca	—	—	1.240$
Port Tabacos	515$	512$	515$
Sacor	5.250$	5.200$	5.300$
Siderurgia Nac	—	—	—
Sosa	2.730$	2.750$	3 000$
Tabacos de Portugal	870$	870$	880$
Tabaqueira	—	11.500$	—
U F Asbeto	750$	745$	755$
Agua Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	400$	—	—
Aguas Lisboa 4%	415$	412$	420$
Aguas Lisboa 6%	—	—	—
Electr Beira	1.530$	530$	1.600$
Gás Electr	383$	382$5	383$5
H e Alto Alentejo	155$	155$	155$5
H e Cávado	1.255$	1.255$	1.260$
H e Douro	1.236$	1.235$	1.237$
H e Norte Portugal	—	305$	309$
H e T Estreio	—	—	—
H e Zêzere	1.305$	1.300$	—
Nac Electricidade	1.365$	1.365$	1 370$
Termoeléctr Port	1.390$	1.385$	1.395$
U E P	—	195$	197$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	167$5	172$5
F I D E S	—	110$3	113$6

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez 65 = 100)

	15/5/69	21/5/69	22/5/69
GERAL	118,6	120,6	121,1
METROP	115,7	117,9	118,4
ULTRAM	139,8	140,6	141,1

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul		
— Rands de 1 e 2	86$00	88$00
— Rands de 5 e 10	86$50	89$00
América		
— Dollars de 1 e 4	28$45	28$55
— Dollars de 5 e 1 000	28$35	28$75
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$30
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$80	7$80
Espanha — Peseta	$39,8	$41,3
Holanda — Florim	7$75	8$00
Inglaterra — Libra	67$20	69$20
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$60	5$10
Bélgica — Franco	$51,5	$55
França — Franco	5$20	5$60
Suíça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro		
Inglaterra — Libra ouro	$25$00	$40$00
Inglaterra — 1/2 Libra	265$00	285$00
Ouro fino — Barra	39$70	41$20

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 19 Tel. 21178

Do estrangeiro em poucas linhas

MIL MORTOS

NOVA DELHI, 22 — (F. P.) — O ciclone que devastou o Sueste da Índia fez um milhar de mortos e uma dezena de milhões de dólares de estragos.

Só no distrito de Guntur houve 270 mortos, segundo fonte oficial. Este distrito, rudemente atingido pela tempestade, é o mais fértil na cultura de arroz e de tabaco.

● NOMEADO O SUCESSOR DE EARL WARREN

WASHINGTON, 22 — (F. P.) — O presidente Richard Nixon nomeou o juiz Warren E. Burger, de 61 anos, do Tribunal Federal do Distrito de Columbia, para presidente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Sucede, assim, ao juiz Earl Warren, que se deve reformar no próximo mês, com a idade de 78 anos, depois de ter presidido ao Supremo Tribunal durante 16 anos.

A nomeação do juiz Burger, que é republicano, deve agora ser aprovada pelo Senado, cuja maioria é democrática.

● A ROMÉNIA PARTICIPARÁ NA REUNIÃO DE MOSCOVO

VIENA, 22 — (A. N. I.) — A Roménia anuncia que se fará representar na conferência mundial comunista de alto nível, marcada para o dia 5 de Junho, em Moscovo, por uma delegação presidida pelo chefe de Estado e secretário-geral do Partido Comunista, Nicolau Ceausescu.

A decisão, difundida pela agência romena Agerpress, foi tomada na reunião de ontem da comissão central do Partido Comunista. Na mesma sessão, foi decidido que o décimo congresso do Partido se inicie no dia 4 de Agosto.

VISITA À REFINARIA DA SACOR NO PORTO

No âmbito de um programa estabelecido, decorre, amanhã, ás 10 e 30, a visita de um primeiro grupo de industriais do Norte á Refinaria da Sacor no Porto e ao terminal portuário de Leixões, seguindo-se um almoço na Casa de Chá da Boa-Nova.

A técnica ao serviço do turismo

Integrado no conjunto de empreendimentos turísticos que, com decisão e celeridade, está a converter o Algarve numa das estâncias de repouso e prazer mais agradáveis da Europa, encontra-se Vilamoura, entre Faro e Alfubeira.

É já uma bela e grandiosa realidade, mas a sua completa realização converter-lo-á, dentro em pouco, no empreendimento turístico de maior envergadura de toda a Europa.

Apraz registar que em tão vasta e complexa obra apenas se utiliza técnica portuguesa, tanto no projecto como na realização.

Dos projectos respeitantes ao conjunto já construído ocuparam-se duas organizações: a Lusotecna, que concebeu e projectou as estruturas resistentes e as instalações especiais, e a Gefel, á qual coube toda a parte arquitectónica.

A magnífica realização constitui contribuição valiosa para o desenvolvimento das possibilidades turísticas nacionais e honra a técnica portuguesa no campo da urbanização e da construção civil.

GUILHERME SILVA

FALECEU

A GELADARIA ROMA participa a todos os seus clientes e amigos o falecimento do seu sócio e amigo, cujo funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.

GUILHERME SILVA

FALECEU

A firma MANUEL JOSÉ DE CARVALHO, LDA., participa a todos os clientes e amigos, o falecimento do seu querido sócio e que o funeral se realiza, amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.

GUILHERME SILVA

FALECEU

Os empregados da firma MANUEL JOSÉ DE CARVALHO, LDA., cumprem o doloroso dever de participar a todos os clientes e amigos, que por Deus foi servido chamar á Sua Divina Presença, o seu muito querido patrão e que o funeral se realiza amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.

GUILHERME SILVA

FALECEU

Os sócios da PASTELARIA BENARD, cumprem o doloroso dever de participar a todos os clientes e amigos, o falecimento do seu querido sócio e que o funeral se realiza, amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.

GUILHERME SILVA

FALECEU

OS EMPREGADOS DA PASTELARIA BENARD, participam a todos os clientes e pessoas de suas relações o falecimento de seu patrão e amigo, e que o funeral se realiza amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.

GUILHERME SILVA

FALECEU

Os sócios da PASTELARIA MARQUES, cumprem o doloroso dever de participar a todos os clientes e amigos, o falecimento do seu querido sócio e que o funeral se realiza, amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.

GUILHERME SILVA

FALECEU

OS EMPREGADOS DA PASTELARIA MARQUES, participam a todos os clientes e pessoas de suas relações o falecimento de seu patrão e amigo, e que o funeral se realiza amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.

GUILHERME SILVA

FALECEU

A Direcção do Grupo Desportivo do pessoal da Firma MANUEL JOSÉ DE CARVALHO, LDA., cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus associados e amigos, o falecimento do seu chorado sócio e que o funeral se realiza, amanhã, dia 23, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus, para o cemitério do Lumiar.

PARDILHÓ

Maria Luísa Valente de Almeida

FALECEU

MERCADO DOS VIDROS IDEAL, LDA., participa o falecimento da mãe e sogra dos sócios Maria Luísa Roque e João Rodrigues Roque e que o funeral se realiza amanhã para o cemitério local.

PARDILHÓ

Maria Luísa Valente de Almeida

FALECEU

EMPREGADOS DO MERCADO DOS VIDROS IDEAL, L.DA, participam o falecimento da mãe e sogra dos sócios da Firma e que o seu funeral se realiza amanhã para o cemitério local.

Jorge de Sousa Alves Afonso

(Funcionário do Pinto de Magalhães)

MISSA DO 2.º ANIVERSÁRIO

Sua mulher e família participam que amanhã, dia 23, pelas 18.30 h, será rezada missa na Igreja da Madalena pelo seu eterno descanso.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Senfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto com Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

A C. P. acaba de editar um folheto descritivo com o plano das «EXCURSÕES» a realizar no corrente ano, que poderá ser solicitado nas Secções de Informações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais e nas Agências de Viagens autorizadas.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — MADIGAN — Vox

VOX
(Adultos) Tel. 728898
HOJE às 21.45
NOITE DE ESTREIA
Henry Fonda e Richard Widmark na dramática e violenta história de um detective
MADIGAN
Technicolor — Technirama
Às 15.15 e 18.30 (Adultos)
JOGOS PERIGOSOS

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 326762
As 15.15, 18.30 e 21.45
Um Western dos autênticos! DEAN MARTIN, ROBERT MITCHUM e INGER STEVENS no filme de Henry Hathaway
O PREÇO DE 5 JOGADORES

Em complemento: APOLO 8 — Jornada à volta da Lua.

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 21.45
Uma história vivida com nervos de aço!
2.ª SEMANA
UMA NOVA CARA NO INFERNO
com George Peppard — Gunte Hamerski — Raymond Burr
TECHNICOLOR

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M. 12 anos) Tel. 927893
Às 21.30 h.
Um grande filme de acção e «suspense»
O VALE DO MISTÉRIO
com Richard Egan e Julie Adams

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 616375
As 21.30
SERVIÇO SECRETO ITALIANO
com Nino Manfredi e Giorgia Moll

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
As 21 h.
A NOITE ESCALDANTE DO INSPECTOR JOSS
AMOR CLANDESTINO

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
As 17 e 21.30 h.
O DIABO ATRÁS DA PORTA
com Ingrid Thulin e Maurice Ronet

POLITEAMA
(Adultos) Tel. 326305
HOJE: 15.15 (p. r.) e às 21,30
EM 2.ª SEMANA
UM SENSACIONAL FILME DE MISTÉRIO, «SUSPENSE» E ACÇÃO EXPLOSIVA
NADA DE ROSAS PARA O. S. S. 117
com John Gavin e Margaret Lee (Tecnicolor)

HOJE, ÀS 18.30 — SESSÃO CLÁSSICA (M. 17 anos)

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
Às 15.15, 18.15 (P. r.) e 21.30
EM 4.ª SEMANA
DE ENCHENTES
UM ÊXITO SENSACIONAL DE CONSTANTE GARGALHADA
BONANÇA & C.ª
com Eugénio Salvador, Nicolau Breyner, Marisema e outros consagrados artistas

IMPÉRIO
(M. 12 anos) Tel. 555134
OSCAR para o MELHOR FILME ESTRANGEIRO DO ANO!
Às 15.15 e 21.30
O INCÊNDIO DE MOSCOVO — A VITÓRIA
3.º episódio de «GUERRA E PAZ»
70 m/m — Mosccolor
Real. SERGEI BONDA RUHUK segundo a obra de LEO TOLSTOY

ESTÚDIO
(M. 12 anos) Tel. 555124
As 15.30, 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA
Technicolor — Technirama
CHARLY
Um filme de Ralph Nelson
com Cliff Robertson e Claire Bloom

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779086
As 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
Emigrantes portugueses
O SALTO
com Mário Pico e Ludmila Mikael
Realização de Christina de Chalongue

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
As 21.45
Um tema que voltou este ano ao festival de Cannes para provocar polémica
OS CRIMES DE DILLINGER
com Mick Adams

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 56556
Às 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite
6.ª SEMANA
Alain Delon, Romy Schneider e Maurice Ronet em
A PISCINA
Um filme de Jacques Deray

CONDES
Teatro 322523 326710
As 15.15 e 21.15
10.ª SEMANA TRIUNFAL
do filme mais desejado de sempre
E TUDO O VENTO LEVOU
com Clark Gable e Vivien Leigh
70 mm Technicolor

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 557173
As 15.15, 18.15 e 21.30
George Peppard e Jean Seberg em
PÊNDULO

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
A história de um detective acusado de ter assassinado a mulher!
PÊNDULO
com George Peppard e Jean Seberg

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 555762
As 15.15, 18.30 e 21.45
Paul Newman e Sylva Koscina numa comédia que vai dar que falar!
A «GUERRA» SECRETA DE HARRY FRIGG
Fotografia em Technniscope e Technicolor

Metro: Estação Picoas

MONUMENTAL
(Adultos) Tel. 555131
9.ª SEMANA
Às 15 e 21.30
FUNNY GIRL
Uma rapariga endiabrada com Barbra Streisand e Omar Sharif

LIZ
(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 h.
O DOCE CORPO DE DEBORAH
DAVID E LISA

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 328917
As 21.30
O DESCONHECIDO DESEJADO (Le Viol)
UM ITALIANO EM LONDRES

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
em 2.ª SEMANA
Uma comédia que tem dado que falar!
BOA NOITE SENHORA CAMPBELL
com Gina Lollobrigida e Telly Savalas

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Em continuação de ESTREIA
SHIRLEY MACLAINE em
A FELICIDADE DA SR.ª BLOSSOM
Technicolor

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

TRINDADE — Às 21 e 30: «Bodas de Fígaro» (12 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Lords Internationals» (12 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: Anatomia de uma história de amor» (12 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45: e às 23: «Mãos à obra» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 20 e 45 e às 23: «Pepsie» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «A rainha do ferro velho» (17 anos)
CASA DA COMÉDIA — Às 22: «Dança da Morte» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Os canhões de Navarone» (12 anos).
PARIS — Às 21: «Sítios com Alas» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «O prazer de matar» (12 anos).
OLÍMPIA — Às 19: «O misterioso dr. Leo» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Hércules o Libertador» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «O Marinheiro» (17 anos)
IDEAL — Às 21: «O magnífico estrangeiro» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Kiowa» (12 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «O Justiceiro» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «A noite é perversa» (17 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 21: «O ódio que gerou amor» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «A presa humana» (12 anos).
A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «5 destemidos para Singapura» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «O último comboio do Katanga» (17 anos)
BOMBEIROS VOL. LOURES — Às 21 e 30: «A noiva estava de luto» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 30: «A estrada da vida» (12 anos) e ACADEMIA — Às 21 e 15: «Mulheres e recrutas» (12 anos)
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «Os filhos do Leopardo» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «O homem do golpe perfeito» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Diabolik» (17 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Uma mulher no Cimento» e «No Mundo da Moda» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Jesse James contra a filha de Frankenstein» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «O Diabo atrás da porta» (17 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Tempestade na Fronteira» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Uma incógnita chamada Dottye (17 anos)

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Um império na selva» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «A conquista de Bagdad» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Uivo à 4.ª-Feira» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Um idiota em Paris» e «RHM em Paris» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Como ganhar um milhão» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Django atira primeiro» (17 anos).

HOMENAGEM AO DR. IVO CRUZ

O Conservatório de Música do Porto realizou, nesta cidade, um concerto de homenagem ao maestro e compositor dr. Ivo Cruz, director do Conservatório Nacional e fundador da Orquestra Filarmónica de Lisboa e da Pró-Arte.

Do programa, inteiramente constituído por obras do homenageado, foram intérpretes o director do Conservatório da capital do Norte, dr. José Delerue, e os professores Manuela Araújo, Hélia Soveral, Fernanda Wandschneider, Natália Clara, Alberto Gaio Lima e Fernando Jorge de Azevedo.

O sr. dr. Delerue, dirigindo-se ao homenageado, salientou a sua obra como compositor e a sua acção em prol da valorização e divulgação da música e dos músicos portugueses, dentro e fora do País, fazendo referência especial ao ciclo «Amores de Poeta», sobre poesias de Camões.

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno B

AJUDA — Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro 117 (633288) e Boa Hora, R. dos Quartéis 25-27 (637777)
ALCÂNTARA — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020).
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (712070) e Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) e Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B ao Poste d'Água (710581).
AREEIRO — Vera Cruz, Pr. António Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (724941) e Onilde, Av. João XXI, 13-A (726848) e Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (710465)
ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. Arroios, 215 (459079)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 56-B-C (junto à Av. Sacad. Cabral) (770776) e Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) e Segres, Aven. Luís Bivar, 69-71 (472131) e Correia de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (47385).
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nobel, R. Actor Vale, 58 (junto à Fonte Monumental lado Sul) (842152)
BAIRRO ALTO — Leber, R. Diário de Notícias, 81 (323428)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (84 1122).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zire, P. das Casas Novas, 66 (310172).
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Rosema, Rua B 7, à R. Marquês de Olhão, (383800).
BAIXA — Estácio, Pr. D. Pedro IV, 60-63 (327057-324224) e Merlo, R. da Assunção, 17-19 (321289).
BENFICA — Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (702532) e Sousa, Est. de Benfica, 429-43 (780027).
CAMPO DE OURIQUE — Perfirio R. Franc Metrass, 59 (663349)
CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 138 (774682).
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (680304) e Ivone, Lda., Rua Silva Carvalho, 282-C (650760)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Novas Costa, 33-35 (780181)
CONDE DE REDONDO — Jaime José da Costa, R. Conde de Redondo, 68-72 (54342).
ESTEFÂNIA — Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (44158)
ESTRELA — Peixes e Parente, R. de Santo António à Estrela 96-98 (665196) e Martins, Calçada do Estrela, 67 — (660823).
GRAÇA — Arnall, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) e Morão, L. da Graça, 69 (880700).
INTENDENTE — Intendente, L. Inf. Pina Manique, 50 (47886)
LUMIAR — Alameda, Av. dos Lírios da Torres, 201-B (790942) e S. Tomé, Est. do Desvio lote, 12-C (790704).
MADRAGOA E SANTOS — Fontoura de Carvalho, Rua de Santos-o-Velho, 12 (662075).
OLIVAIS — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (381612) e São Paulo, R. 2, Lote 826, à Estrada de Moscavide—Olivais-Sul (310711) e Higiene, R. Cidade Vila Cabral ex Rua B, n.º 4, L. 43, Zona Poente (310026)
PEDROUÇOS — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, 1 P M., 3 (610256)
PICHELEIRA — Morlas, Calç. da Pichelaria, 40-B-C (720709) e 728395)
RATO — Soares, Av. Álvares Cabral, 1 (684282).
REGO — Pratas & Mota, Rua da Beneficência, 91 (773728).
RESTELO — Tenaria, R. Rodrigo Reinel, 3-A (611614) (à encosta do Restelo próximo dos Marinhais)
S. PAULO — Central, R. de S. Paulo, 108 (320899).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) (843439) e Martins, Lda., Rua Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara — Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel 251234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 66 (Tel 213958).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 182 (2432034).
OEIRAS — Godinho, Rua Cand. do dos Reis, 98 (2480090)
PAREDE — Grimalho, Av. da República, 87-A (247120)
ESTORIL — Lopes, R. Hangar, 3 (260008).
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (261186)
CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento, 19, 41 (280141) — Cascais, Rua Conde de Monte Real — Bairro Cabras (282407).

● Linha de Sintra

AMADORA — Mata, P. D. João I, lote 146 — Bairro Janeiro (932756) e Central, Av. Carlos Lopes, 25 (932210) e Igreja, P. da Igreja, lote 2 (937740) e Jardim, Av. Conde de Oeiras, lote X-1 — Reboleira (938424).
DAMAIA — Centiange, Estrada Militar, Lote D (Tel. 97 10 28).
QUELUZ — André, Av. Elias Garcia, 91 (950043) — Queluz, Av. Miguel Bombarda, 128-A (951841).
CACÉM — Central R. Elias Garcia, 28 (940094).
MEM MARTINS — Quinta Sta. Mem Martins, 485, Lº 00 21.
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (980456)
SINTRA — Misericórdia, Largo Dr. Gregório de Almeida, 4 (Telef. 980391)
COLARES — Colares, Abreja (Tel. 2990851)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 19 — (284100)
ALHOS VEDROS — Guerra, Rua Cândido dos Reis, 80 (224060)
ALMADA — Magalhães, R. Capitão Leitão, 10 (270242)
BAIXA DA BANHEIRA — Atlantge, Est. Nacional, 174 (224141)
BARREIRO — Central — Av. Alfredo da Silva, 48 (2278207)
COVA DA PIEDADE — Centro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (270121).
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 16 (2890479)
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (230008)
SESIMBRA — Lopes, R. Larga dos Reis, 67 (2290248)
SETÚBAL — Oliveira, L. da Misericórdia (22160) e Brasil, P. do Brasil (24788)
SEIXAL — Godinho, L. da Igreja, 5 (2218580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361858 e Companhias Reunidas, 537011 e Gascidla 538821 e Gascidla (dom. e feriados) 882069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 e Voluntários 588524
POLÍCIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 e Segurança Pública, 366141 e Judiciária, 585380 e Marítima, 326456 e Internacional, 362721 e Viação e Trânsito, 42205 e G.N.R. (área rural), 56865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665842 e Enfermagem permanente, 766161 e Enfermagem de urgência, 43738 e Hospital de Santa Maria, 775171 e Hospital de S. José, 860181 e Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 e Transfusões, soros e oxigénio, 538524 e Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 768456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 e Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 e Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 e Estação fluvial (T. Pass), 525845 e Estação Marítima de Alcântara, 668196 e Estação Marítima de Rocha, 672445 e Estação fluvial (Belém), 638581.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
R. do Teno - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M. 15 anos)

RESTAURANTES «O MANEL»
Todos os dias o famoso LAMPREIA e ARROZ DE SARRABULHO à MINHOTA
ALTO DO RESTELO, 2, 1.º
Telef. 37892
Parque Grátis

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA TO LYN
e o afamado arroz CHAO CHAO

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA (Lisboa-Setúbal)
Telef. 22 82 49
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR, TOMAR CHÁ

COZINHA ALENTEJANA
Serviços de almoços no jardim
Encerra às 2.ªs-feiras
Av. de Aeroporto, 162
Telef. 72 70 71

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Telef. 790211
Salões de Chás, 144
SANTARÉM BANQUETES
e conjunto privativo

Diário de Lisboa

DL

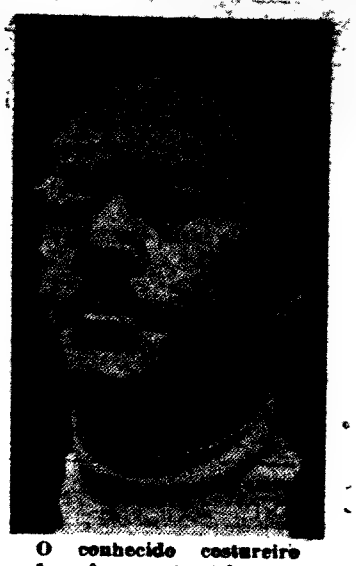
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

PORTUGUÊS CONDENADO À MORTE (À REVELIA) NUM TRIBUNAL FRANCÊS

HAVRE, 22 — (F. P.) — Um cidadão português, António Gonçalves dos Santos de 36 anos, foi condenado à revelia á pena de morte pelo tribunal de Orne, acusado de tentativa de assassínio com premeditação.

Esta sentença severa é um dos episódios de uma verdadeira «vendetta» que opõe há mais de 20 anos duas famílias portuguesas.

Em 1948, numa aldeia de Montalegre, um certo Albino Dias Teixeira foi mortalmente ferido á paulada por um conterraneo, José Joaquim Gonçalves Laje. Este ultimo foi preso, e cumpriu 12 anos de cadeia. Mas, logo que foi libertado, vários parentes do defunto ameaçaram-no de morte. Para escapar á vingança, passou clandestinamente para França e instalou-se em Godisson (Orne), com uma falsa identidade. Todavia, a sua noiva deu o endereço do fugitivo e um membro do clã, Teixeira Gonçalves dos Santos, foi encarregado de executar a «vendetta». Em 2 de Janeiro de 1966, o Gonçalves Lage foi atingido enquanto dormia, por doze balas de pistola. Por milagre, escapou á morte, mas recusou-se a revelar a identidade do agressor, que regressou a Portugal e só foi identificado dez meses mais tarde.



O conhecido costureiro francês, que também canta canções de sua autoria

JACQUES ESTEREL EM PORTUGAL

Jacques Esterel, o famoso costureiro francês, e seus manequins privativos chegam hoje a Lisboa, a fim de amanhã á noite, em espectáculo de gala que se efectua no Casino Estoril, apresentar os seus modelos. Entretanto, ao fim da tarde de hoje, Esterel inaugurará, na Rua Rodrigo da Fonseca, 82-A, uma «boutique» com o seu nome, no decorrer de um «cocktail» em que estarão presentes diversos convidados.

Além de costureiro, Jacques Esterel é também artista — e amanhã, no Casino Estoril, interpretará algumas das suas canções, acompanhando-se á viola. Quatro manequins femininos e um masculino apresentarão a sua colecção para o Verão de 1969 — sendo apresentadores do espectáculo Fred Adison e Mlle. Gina Gardal.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava muito nublado ou encoberto e o vento era fraco ou moderado do quadrante Sul.

TEMPERATURAS DO AR, ÀS 9 HORAS — Coimbra, 16°; Faro, 18°; Funchal, 18°; Lisboa, 16°; Penhas Douradas, 0°; Portalegre, 12°; Porto 6°.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua, 26°; mínima: Penhas da Saúde, 5°,4.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No atmosfera: 8°,5, na água do mar: 15°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado do quadrante Sul; aguaceiros.

Amanhã
Nascer do 6 e 18
Ocaso às 20 e 48

Dia 24 Dia 31 Dia 7 Dia 15

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 22 — 8 e 02 (3,1 m); 20 e 20 (3,4 m). Dia 23 — 9 (3,1 m); 21 e 17 (3,3 m). Dia 24 — 10 (3,1 m); 22 e 20 (3,3 m).
BAIXA-MAR: Dia 22 — 1 e 18 (1,5 m); 13 e 27 (1,6 m). Dia 23 — (1,6 m); 14 e 25 (1,8 m). Dia 24 — 3 e 18 (1,7 m); 15 e 37 (1,8 m).

Eden, quando da sua última estadia em Portugal

ANTHONY EDEN VEM A PORTUGAL

Chega ao nosso País na próxima terça-feira o antigo primeiro-ministro britânico «sir» Anthony Eden, hoje «lord» Avon. Vem acompanhado de sua esposa, devendo permanecer em Portugal — que já visitou por duas vezes, uma delas oficialmente, em 1952, na qualidade de ministro dos Negócios Estrangeiros da Grã-Bretanha — até 5 de Junho.

A deslocação de «lord» Avon ao nosso País deve-se á iniciativa da Associação Portuguesa de Criadores de Gado Hereford, a fim de que o ilustre visitante proceda, em 2 de Junho, na Feira Nacional de Agricultura, patente em Santarém, á entrega solene de uma taça com que será premiado o criador do touro Hereford vencedor do concurso promovido durante aquela importante manifestação agro-pecuária.

ESCOLHIDO O TERRENO PARA A CONSTRUÇÃO DO LICEU DE QUELUZ

QUELUZ, 22 — Após várias diligências efectuadas junto ao Ministério da Educação Nacional e a contento de milhares de pessoas que ansiosamente aguardavam tão util resolução governativa, vai ser um consolador facto a construção do tão almejado como util Liceu Nacional de Queluz, que muito contribuirá para o descongestionamento dos Liceus de Oeiras e de Lisboa, além de evitar futuras aglomerações no Liceu de Sintra (ainda por concluir).

Para o efeito, foi, há dias, lavrada a escritura de cedência do respectivo terreno entre o Ministério das Obras Publicas e a Direcção dos Monumentos e Edifícios Nacionais. Segundo o despacho do ministro das Obras Publicas o imóvel, que terá 35 salas, um pavilhão gimnodesportivo e uma piscina, além dos indispensáveis refeitórios, será brevemente construído numa área de terreno com cerca de 30 000 metros quadrados, situado na Avenida Paiva Couceiro, entre os terrenos da Igreja Nova e do Quartel do R. A. A. F. de Queluz, no qual já foram iniciadas as convenientes sondagens.

A concretização deste melhoramento não só irá dar o maior desenvolvimento á freguesia de Queluz, composta por 50 000 habitantes, como ainda virá ao encontro dos desejos de milhares de famílias de alunos residentes na Damaia, Amadora, Queluz de Baixo, Belas, Barcarena, Cacém e povoações da linha do Oeste, das quais a vila de Queluz é centro geográfico.

III Encontro Anual da D. P. D. C. P.

Realiza-se amanhã e depois, no hotel Muxito, o III Encontro Anual da A. P. D. C. P. (Associação Portuguesa dos Directores e Chefes de Pessoal).

O tema base trata do «Desenvolvimento do pessoal» e inclui ainda os seguintes aspectos: «Desenvolvimento do pessoal dirigente», «A remuneração como dinamizador do desenvolvimento do pessoal» e «A participação na empresa».

Dada a atinência dos elementos que integram este encontro com os temas em estudo, prevê-se um animado debate sobre assuntos da maior importancia na vida moderna das empresas.

O. T. E. C. EM ALGÉS

Esta noite, pelas 21 e 45, no Teatro Studium, de Algés, o Teatro Experimental de Cascais representa a peça de Schiller «Maria Stuart». A receita do espectáculo reverte a favor do Grupo de Teatro Primeiro Acto — feliz iniciativa a que o nosso jornal se tem referido diversas vezes e cuja própria sala se encontra em construção.

A criação dos passeios pelo Tejo elogiada na reunião do Município

— O porto de Lisboa criou uma barreira difícil de transpor — afirmou o general França Borges na reunião mensal do Município, em resposta a uma curta oração do vereador Vasconcelos Pimentel para elogiar a criação dos passeios fluviais.

O presidente da Camara Municipal concedeu, entretanto, que a ocupação da beira-Tejo pelo porto «é aceitável», mas urgia dar a conhecer o rio a toda uma população de pequenos recursos — e daí as baixas tarifas do passelo.

Reunião morna, com a presença dos dois vice-presidentes e nove dos doze vereadores, foi realmente a de hoje. Leitura dum ofício do Município portuense sobre a criação (em Lisboa) da Avenida Cidade do Porto, aprovação de alguns projectos (construção de habitações para funcionários da C. M. L. a norte da estação do Rego, montagem de colectores de reforço na Avenida de Berna), adjudicação de empreitadas e resoluções sobre a compra de parcelas de terreno.

Numa intervenção espontanea o vereador eng.º Santos e Castro referiu-se aos discursos do Chefe do Governo ontem proferidos no Porto. «Notáveis mensagens á Nação», cheias de «conceitos mais que razoáveis», els como lhes chamou o vereador. E de passagem:

— *Diz-se que os povos não produzem génios na sequência de todas as gerações. Mas eu tenho a impressão de que encontrámos um novo génio na pessoa do professor Marcello Caetano.*

«A RAPOSA» é, indiscutivelmente, uma das obras mais adultas que o cinema nos tem oferecido. Baseada na obra «The Fox», de D. H. Lawrence, esta produção da Warner-Seven Arts constituirá um dos maiores êxitos cinematográficos do ano. Interpretada por Anne Heywood, Keir Dullea que vemos na foto numa das cenas do filme, e Sandy Dennis. «A raposa» será estreada em breve em Lisboa

PESSOAL PARA A FACULDADE DE CIÊNCIAS

Na secretaria da Faculdade de Ciências de Lisboa, recebem-se, até 6 de Junho, declarações de candidaturas para os lugares, além do quadro, do grupo de Química: técnicos experimentadores, experimentadores e catalogadores.

ESTATUETAS

Em mármore ou em metal, com cerca de um metro, compram-se em bom estado. Resposta a este jornal ao n.º 276.

JAPÃO?
E TODO O EXTREMO ORIENTE
TEM DOIS CAMINHOS À ESCOLHA
ROTA «SOBRE O PÓLO»
EXPRESSO «TRANS-ASIÁTICO»
AMBOS CRIADOS PELA SAS
A PIONEIRA DAS ROTAS MODERNAS
PRÓXIMAS PARTIDAS DE EXCURSÕES ORGANIZADAS
27 de Junho
4 de Agosto
19 de Setembro
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS OU A
SAS
Av. da Liberdade 23c 3 LISBOA Telf. 57130 52563

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

STAR
A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 563/22 DE MAIO DE 1969

(páginas centrais)

...sa a responsabilidade

por Manuel Ferreira

POSITIVAMENTE que as nossas coisas da cultura por via de regra não merecem por parte dos estrangeiros um cuidado tranquilizador. Embora exista, nomeadamente na Europa, um certo número de lusófilos atentos ao que por cá se passa, a verdade é que isso não basta, nem de longe, para que nos consideremos tratados com a dignidade a que, sejam quais forem as nossas limitações, temos juz. A propósito, de tempos a tempos a nossa Imprensa faz-se eco de reparos sobre imperfeições, ou, mais concretamente, de mutilações da responsabilidade de quem se incumbe de discorrer acerca das nossas artes ou letras. Lembramo-nos, por exemplo, que há alguns anos Manuel de Azevedo, no *Diário de Lisboa*, amargava e oportunamente, chamava a atenção para erros e falhas do *Dicionário de Cinema*, de Georges Sadoul, no capítulo dedicado a Portugal, por si já tão modesto, e ainda por cima truncado por uma autoridade no género. Agora mesmo se pode dar conta da forma imprevista e desconcertante como a nossa literatura moderna é tratada num dicionário estrangeiro. Isto são apenas dois casos dos muitos que se poderiam apontar e com os quais a todo o momento tropeçamos em artigos, ensaios, dicionários, obras de divulgação. Certamente que há relativas excepções e é justo que se assinale aqui a da publicação recente do dicionário checo de literatura ibérica, que, pelo menos na parte que nos toca a nós portugueses e até onde é possível a um português que desconhece a língua checa apreender os dados ali inscritos, revela um esforço de seriedade digno de ser posto em evidência e não ficará mal manifestar a nossa gratidão a Pavla Lidmilová e a Zdeněck Hampl, a quem se deve a parte dedicada ao nosso País.

Ora, vêm de alguns anos a esta parte as literaturas africanas de expressão francesa ou inglesa a ser alvo de atenções especiais e, por arrastamento, como não podia deixar de ser, á nossa literatura ultramarina é concedida, por vezes, um certa atenção. Mas quantas não são as ocasiões em que ela é também vítima de injustiças. Pois se, com efeito, um número embora restrito, como é evidente, de personalidades se encontra apetrechado para lhe prestar um óptimo serviço (e tem prestado), divulgando-a e prestigiando-a (o caso de Gerald Moser, por exemplo) com outros, porém, não acontece assim. Ainda em artigo recente *(Estudos Africanos* — in *Cultura e Arte*, do *Comércio do* Porto, 24/12/1968), João Alves das Neves se insurgia contra algumas injustiças de especialistas das literaturas africanas, e com ele estamos inteiramente de acordo, na observação que faz a Claude Wauthier que, em *L'Afrique des Africains (Inventaire de la negritude)*, «ignora Castro Soromenho, assim como o acontecimento sensacional da literatura cabo-verdiana, além de vários escritores válidos seja qual for o ângulo de observação da Guiné (Guiné está aqui a mais, sublinhamos nós), São Tomé e Príncipe, de Angola e Moçambique», porque «no fim de contas não é só em francês que se exprime «la renaissance culturelle africaine», mas também em inglês e português.

Por outro lado, observe-se que Lilyan Kesteloot numa obra ambiciosa e valiosa, *Anthologie négro-africaine (panorame critique des prosateurs, poètes et dramaturges noirs du XX^e siècle)* concede, é certo, representação a Castro Soromenho, Noémia de Sousa e António Jacinto e num esforço de seriedade cita mais alguns, regista ainda o fenómeno cabo-verdiano assinalando as revistas *Claridade* e *Certeza*, porém, na nota introdutória não deixa de lamentar que «a produção literária destas áreas permaneça pouco conhecida na zona francófona, por falta de traduções».

Estamos, pois, frente a um panorama geral que afecta toda a nossa cultura. Daí que se compreenda perfeitamente esta desmistificação de Vitorino Magalhães Godinho, a propósito da historiografia estrangeira sobre a época das Descobertas:

«A historiografia estrangeira sobre a expansão dos séculos XV e XVI parece justificar o cunho de acérrima propaganda impresso á historiografia portuguesa pelo Visconde de Santarém e Joaquim Bensaúde. Reportemo-nos, apenas, a obras recentes e de reconhecida categoria. Em *Le XVI^e Siècle* de Henri Sée e A. Rébillon (1934) consagra-se ás navegações portuguesas uma página únicamente, e na qual quase todas as frases estão erra-

(Continua na 2.ª página)

O Teatro Português visto por uma estrangeira

Entrevista com a prof.ª Luciana Stegagno Picchio, por Carlos Porto

É DA AUTORIA DE UM ESTRANGEIRO uma das raras, e a melhor, das «Histórias do Teatro Português» — ironia que vários fados explicariam embora dificilmente pudessem justificar.

Razão, se necessária, que impunha ouvissemos a prof.ª Luciana Stegagno Picchio fora do ambiente, mais mundano do que dialogante, das recepções e conferências de Imprensa, para que a autora da «História do Teatro Português», de que a «Portugália» fez uma bela edição, nos esclarecesse sobre alguns dos tópicos que a sua obra levanta.

Basta um contacto de momentos com Luciana Stegagno Picchio para uma vez mais experimentarmos a sensação melancolizante de estarmos fora do mundo, vasto mundo, até da Europa, pequeno mundo. Aqui fechados, aqui muralhados, descobrimos uma vez mais a nossa condição de habitantes de «ghetto», condição de que (talvez) já não tenhamos consciência e por isso não tentemos modificar (pelo menos lá onde podemos quase tudo: em nós próprios).

Esse pequeno contacto é como que o entreabrir de uma janela que dá para outros horizontes — outros horizontes, outras maneiras de estar no mundo, de fazer o mundo. Em Luciana Stegagno Picchio o saber não é erudição — é cultura; a cátedra (perdão!) não é imposição — é comunicação e diálogo; a inteligência não é fingimento e afectação — é uma capacidade de entender o mundo.

Como se verá no que se segue...

Começo por pedir à prof.ª Luciana Stegagno Picchio que me fale da sua obra e da sua vida, na medida em que esta possa esclarecer a primeira, para do geral passarmos ao particular, e proceder, em consequência, a uma análise mais demorada da «História do Teatro Português».

—Sou professora de língua e literatura portuguesas na Universidade de Pisa (não, não sou catedrática pois com a reforma na Itália já não há catedráticos, vice-catedráticos ou assistentes mas apenas só, se Deus quiser, a figura do «docente único», do professor). Sou italiana, nascida no Piemonte, terra de gente com a cabeça dura. Sou professora, filóloga (isso, sim) e vacinada. O meu trabalho público é ensinar a língua e literatura portuguesas na Universidade de Pisa. Vivo em Roma. O meu trabalho científico consistiu até agora, quase ùnicamente, de pesquisa no domínio filológico romano. Ocupo-me ainda de poesia concreta e colaborei com o linguista Roman Jakobson num trabalho sobre Fernando Pessoa (estruturalista, é claro). Tenho ensaios de literatura e filologia catalã, espanhola e provençal.

No campo dos estudos portugueses, publiquei edições críticas do «Diálogo em louvor da nossa linguagem», de João de Barros; do «Pranto de Maria Parda», de Gil Vicente (com a restituição do texto conforme a edição de 1522); e ùltimamente (e este, considero-o o meu trabalho principal) das «Poesias» de Martim Moya, trovador aragonês que versejou em galego-português na corte do Rei-Sábio (cerca de 1270-80).

«APRESENTO-ME MAIS COMO DESTRUIDORA DE MITOS DO QUE COMO CRIADORA DE MITOS»

Luciana Stegagno Picchio em diálogo com J. J. Cochofel, Luís Francisco Rebelo e Fernando Lopes Graça

Mesmo no campo do teatro, o meu trabalho foi o de *pesquisa:* publiquei vários ensaios durante dez ou doze anos (desde 1956) agora recolhidos num volume «Richerche sul Teatro Portoghese» que constitui o suporte científico, a base analítica sobre que foi construída ou melhor tentada a síntese da «História do Teatro».

— *Mas o que a levou a interessar-se pelo teatro português?*

— O desejo de aplicar no campo dos estudos filológicos e literários que

(Continua na 7.ª página)

humor & banda desenhada

...no lá fora...

HARA-KIRI HEBDO

HARA-KIRI HEBDO
(Hebdomadaire bête et mechant)
Editions du Square, Paris

Hara-Kiri, «journal bête et mechant», editado em Paris, há já largos anos, pelas «editions Square» prossegue a sua publicação mensal, tendo entrado, no passado mês de Abril, no n.º 91 de uma carreira que a si própria se recomenda nos seguintes termos: «Toujours plus beau, toujours plus bête, toujours plus mechant.» *Hara-Kiri* já deixou de ser a má consciência francesa para se assumir como bisturi de uma sociedade. Fazendo da crueldade uma bandeira, *Hara-Kiri* penetra com raiva nas estruturas bem pensantes da realidade francesa, rasgando o ventre adormecido de uma V República aparentemente calma, que os acontecimentos de Maio de 68 vieram finalmente agitar, devolvendo-lhe uma certa vitalidade e um frenesim político e social que estão normalmente nas bases das grandes viragens históricas. Certamente que não foi *Hara-Kiri* (nem Wolinski, Gébé, Willem ou Cavanna) o sustentáculo desse ressurgimento. Mas, intimamente, depois de analisadas algumas das causas desse movimento, fàcilmente se poderá notar um certo tom de dessacralização de temas e ideias muitas delas postas em causa pela irreverência redactorial de revistas como *Hara-Kiri*, que, desta forma, desempenham um papel importante, definindo ou informando a mentalidade de uma época ou de um país.

Prolongando a existência mensal do *Hara-Kiri*, surge-nos agora (o seu número 13 traz a data de 28 de Abril de 69), «toujours bête et mechant» um *Hara-Kiri Hebdo*, com saída a todas as quintas-feiras e o preço de 1 novo franco. Contando com excelente colaboração de grandes desenhistas franceses contemporâneos (e de estrangeiros residentes em França), *Hara-Kiri Hebdo* continua a promessa paterna, se possível com maior vigor e entusiasmo. Situando-se numa linha de intervenção directa e imediata sobre os acontecimentos políticos franceses e internacionais, *Hara-Kiri Hebdo* atinge até uma coerência de propósitos e uma unidade de estilo que não era visível na edição mensal, onde a transigência com a maldadezinha inocente e gratuita era (e é) limitação imposta pela heterodoxia dos colaboradores. Mas neste *Hebdo* nada disso se nota. São realmente doze páginas de explosivo concentrado, postas a circular «tous des lundis». Os textos literários apresentam uma qualidade rara, sendo de salientar a colaboração de Cavanna (que é, aliás, o chefe da redacção), em conversas semanais subordinadas ao título: «Je l'ai pas lu, je l'ai pas vu... mais j'en ai entendu causer», bem assim como duas outras secções regulares («Les lundis de Delfeil de Ton» e «Les Jeux du Professeur Choron») onde é visível uma linguagem própria, feita de insinuações e análises satíricas que têm por base uma profunda e lúcida inquietação.

Entre os *cartoonistas* que se *obrigam* a preencher regularmente cerca de dois terços do jornal, temos Wolinski (que aparece na publicação como *ministre sans portefeuille*), com o traço nervoso e o humor cáustico que o notabilizaram; Reiser, em pequenos apontamentos e também em grandes páginas de *comentários internacionais*, Willem, sensacional revelação de *Hara-Kiri* que assina semanalmente uma impiedosa «chronique d'une vache espanholle» (cuja técnica de histórias em quadradinhos apresenta uma originalidade irrecusável); Gébé, de desenho seguro e tumultuoso; Fournier, outro *cronista internacional* de talento indesmentível; Cabu, de traço filigranado e dúctil, etc.

Sensacional, portanto, este *Hara-Kiri Hebdo* que traz como director o nome de Georges Bernier e cuja publicação se integra no quadro das edições *Square* (a mesma casa que acaba de lançar — como os nossos leitores já têm conhecimento — *Charlie*, revista de histórias em quadradinhos). Com a chancela da Livraria *Bertrand* (e o preço pouco combativel de 10$00), *Hara-Kiri Hebdo* surgiu igualmente agora no mercado português, ainda a medo, em período que se julga de estudo de mercado. Percorra, portanto, os *quiosques* cá da terra e talvez tenha a grata surpresa de encontrar um exemplar extraviado deste *Hara-Kiri*, «bête et mechant» que representa uma experiência de coragem e liberdade assinaláveis. É comprar, maralhal! É comprar! É como diz a publicidade da revista: «Si vous avez de l'argent à foutre en l'air, achetez tout ça, sinon... volez-le!»

LAURO ANTÓNIO

charlie

«Journal plein d'humor et de bandes dessinées»
Editions du Square, Paris, 1969

A HISTÓRIA EM QUADRADINHOS continua a sua ascensão para uma notoriedade que lhe advém do reconhecimento das suas inegáveis potencialidades plásticas e da evidente modernidade da sua linguagem. Em quadradinhos galopantes, os heróis da idade do espaço assumem lentamente o lugar que desde sempre lhes esteve reservado, reflectindo a tonalidade dominante de uma civilização que, julgue-se como se julgar, é a nossa, a única que conhecemos na carne e na experiência. A imagem, elemento fundamental das histórias em quadradinhos, é igualmente elemento essencial da nossa vivência quotidiana. A ela nos ligam indissociáveis laços de informação e formação que, por si só, bastariam para constituir uma cultura, definida por um espaço e um tempo contemporaneos. O fenómeno não tem tugido á percepção da grande maioria de estudiosos e sociólogos que sobre ele se debruçam. Multiplicam-se, portanto, as análises críticas, os enquadramentos políticos, a perspectivização histórica, as interpretações mais diversas. A história em quadradinhos atinge finalmente o degrau decisivo da maturidade. Maturidade que se vê reflectir no aparecimento de revistas de indôle crítica, surgidas nos mais diversos países europeus (e, evidentemente, americanos), nas quais um publico cada vez mais vasto e atento toma contacto com o que de melhor e de mais arojado se tem criado no domínio da *bande dessinnée* moderna, ao mesmo tempo que recorda alguns dos autores mais significativos da sua história, afastados que foram certos preconceitos culturais que lhes toldaram o êxito no passado.

Prolongando a experiência italiana da revista *Linus*, apareceu agora em França (o primeiro numero traz a data de Fevereiro de 1969) *Charlie*, «journal plein d'humour et de bande dessinnées», dirigido por Georges Bernier. *Charlie* é assim uma espécie de desdobramento francês do já célebre *Linus*, oferecendo aos seus leitores a grande maioria das histórias em quadradinhos seleccionadas pela redacção italiana, entre os quais se destacam os *Peanuts* de Charles M. Schulz (que funcionam como mascote e divisa do empreendimento, sendo ambas as revistas, *Linus* e *Charlie*, homenagens visíveis ás personagens principais do mundo truculento de Schulz), *Valentina*, de Grido Crepax, *Ulisses*, de Homero, revisitado pelo talento de Lob e Pichard, *Ursula*, inquietante criação de Willem, *Li'l Abner*, famosa história americana de Al Capp, etc., para além de inserir ainda numerosos comentários satíricos, histórias curtas e desenhos humorísticos de Wolinski, Gébé, Jack Wohl, Jules Feiffer, Copi, Johnny Hart e muitos outros *cartoonistas*.

De excelente apresentação gráfica, *Charlie* tem a sua redacção em Paris (rue Montholon, 35, para os interessados) sendo a impressão efectuada em Milão.

A todos os que puderem dispor mensalmente de 3 novos francos franceses (ou 30 velhos escudos, depois de convertido o preço pela abusiva tabela portuguesa) aconselhamos a leitura de *Charlie*. Muito particularmente aos descrentes das qualidades e do interesse das histórias em quadradinhos.

L. A.

É nossa a responsabilidade

(Continuação da 1.ª página)

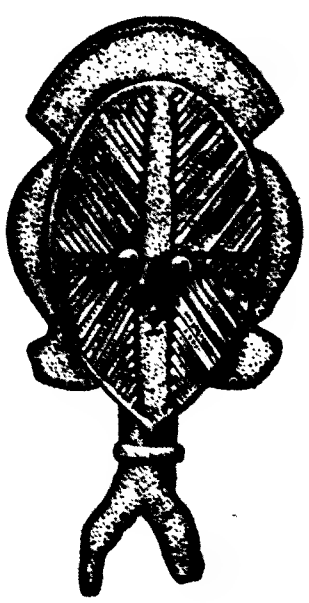
das; no entanto o volume faz parte dos manuais do ensino superior *Clio* e é firmado por dois grandes historiadores; é quase escusado dizer que a indicação das fontes é escandalosamente reduzida e arbitrária e a bibliografia vergonhosamente incompleta; note-se que o volume é excelente. Os curtos parágrafos dedicados ao tema *L'Annonce des Temps Nouveaux* e *Les Debuts de L'Age Moderne* da magnífica colecção *Peuples et Civilisations* também não satisfazem, embora bastante melhores. E que dizer da *História Universal* dirigida por W. Goetz, em que se continua impudentemente a afirmação que Martin Behaim ensinou aos portugueses a ciência náutica? Em livros de divulgação ainda se fala nas viagens dos marinheiros de Dieppe á Guiné!» (*Ensaios* II — *sobre História de Portugal* — Lisboa, 1968).

Magalhães Godinho, porém, ao denunciar este facto, que é em tudo semelhante a tantos outros, num movimento de ricochete põe em evidência a responsabilidade que nos cabe, em termos certíssimos e que constituem, ao cabo, uma verdadeira acusação contra nós próprios, portugueses, responsáveis afinal pela divulgação da nossa cultura no estrangeiro:

«...Aqueles historiadores, e tantos outros, são apenas culpados de não fazerem história, *e o único remédio está na existência de revistas de especialidade cuja crítica bibliográfica não deixe passar tais atropelos, e na feitura e difusão de obras históricas sérias — logo desapatronadas — sobre o assunto.*» (O sublinhado é nosso).

Eis o dedo posto na ferida. Ferida que é uma doença da Literatura, da História, do Cinema, do Teatro, uma autêntica chaga nacional.

Pois, verifica-se assim que as duas opiniões relevam de uma raiz comum. A de Magalhães Godinho e a de Lilyan Kesteloot. Esta dizendo que «a produção literária destas áreas (as de influência portuguesa) permanece pouco conhecida na zona francófona», Magalhães Godinho afirmando que «o único remédio está na exis-



tência de revistas da especialidade cuja crítica bibliográfica não deixe passar tais atropelos, e na feitura e difusão de obras históricas sérias.»

Na verdade, em literatura ultramarina, o caso que particularmente desejamos acentuar, pouca atenção lhe temos prestado. Uns porque não acreditam nela, outros porque nela acreditam demasiadamente, embora isto pareça um jogo de palavras. Têm-nos escasseado para uso interno edições com tiragens normais, dado o desinteresse dos editores, críticas ponderadas e oportunas, antologias, uma revista que fosse para nos dar uma ideia tão precisa quanto possível da renascença cultural que vem ocorrendo na literatura africana de expressão portuguesa. Se não, outra seria hoje a audiência da obra realizada. E outro seria também o interesse criado á volta dela. Com tal, ao mesmo tempo teríamos construído uma fonte de informação segura de que os estrangeiros poderiam lançar mão. E as lacunas, as imperfeições, os erros, as injustiças, os esquecimentos, as tropelias, por certo seriam menores ou inexistentes. O primeiro passo seria, portanto, propiciar as condições necessárias a uma informação larga e honesta.

Estamos inteiramente convencidos que os reflexos lá fora surtiriam o efeito desejado, dada a curiosidade que esta literatura vem despertando, a termos em conta os ecos que, de quando em quando, vêm até nós. E tudo leva a crer que nos estudos e antologias publicados no estrangeiro a representação que nos diz respeito seria a que fizesse inteira justiça aos autores ultramarinos. A justiça que é reconhecida suponhamos pelo citado Gerald Moser que estudando o fenómeno da literatura ultramarina portuguesa diz: «A primeira a ser escrita, mas a última a ser conhecida pelo mundo — tal tem sido o destino da literatura escrita em muitas partes da África de língua portuguesa», embora o critério aqui expendido seja, quanto a nós, cronológicamente demasiado elástico, pois Gerald Moser inclui no conceito de literatura ultramarina também aquela parte a que nós chamaremos literatura no Ultramar, distinção que, no ponto de vista metodológico, se nos afigura fundamental.

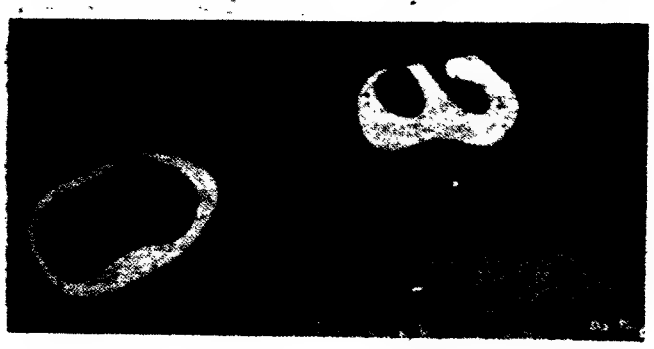
Já não ponos aqui a outra questão que se aplica a toda a nossa literatura, e que vem a ser a das perspectivas que, ao presente, se mostram propícias ás traduções subsidiadas de obras quer de ficção, quer de poesia, e antologias, em língua francesa, cujo alcance seria, sem dúvida, de consequências excepcionais para a divulgação da nossa literatura.

Não temos ilusões absolutamente nenhumas. Este e tantos outros problemas nacionais integram-se num contexto geral e só depois de modificadas as suas estruturas teremos a abertura de caminhos para uma acção dinâmica. Mas até lá, até que se faça aquilo que mínimamente se impõe, não responsabilizemos os outros sem ver a parte de responsabilidade que nos cabe a todos nós.

MANUEL FERREIRA

Exposição de Dorita Castel-Branco

O direito e o avesso



DORITA CASTEL-BRANCO
Galeria Interforma

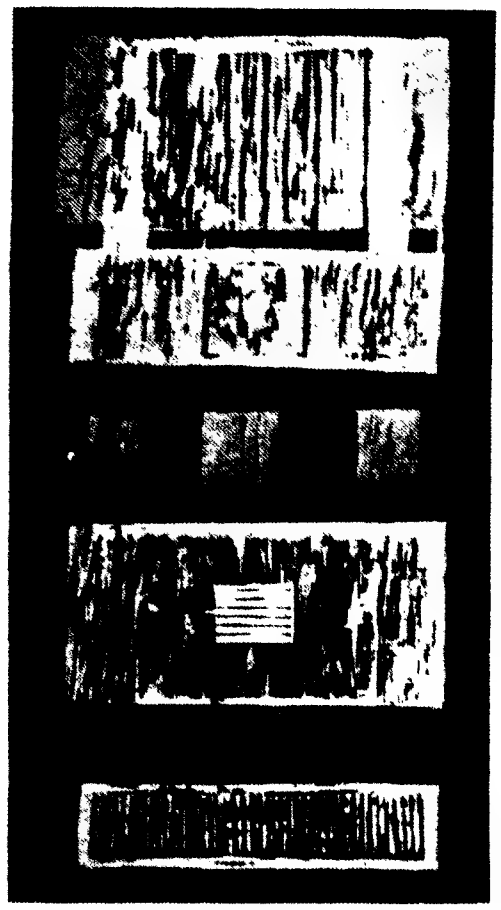
A GALERIA INTERFORMA tenta precàriamente equilibrar o seu programa. Os factos, no entanto, voltam-se contra ela: Dorita Castel Branco, personalidade irrequieta mas desnivelada no que propõe, falha quase por completo o debate *físico* dos problemas que informaram de súbito o seu trabalho, acrescentados portanto ao desenho irregular da sua obra. Para uma acção exercida na pedra, Dorita já experimentou assumir o material de acordo com as suas propriedades expressivas, quer ao nível da aspereza das texturas naturais, quer no plano da extensão monolítica dos blocos descobertos. A escultura que daí resulta — brutal e directa, apesar de muito debatida e já definitivamente datada — tinha pelo menos uma autenticidade primitiva que a impunha como força natural e como espectáculo. Nesse trabalho de sensibilidade táctil, aberto progressivamente segundo uma acção directa, a autora exprimia-se pela imediata consolidação dos meios — e a forma nascia de uma descoberta que, apesar de certos empirismos fatais, vivia intimamente ligada a uma afirmação de legitimidade dos elementos de partida.

Com a presente exposição, Dorita Castel Branco envereda por um caminho que não é com certeza o seu Repetindo em parte o esquema de trabalho de Isabel Lajinhas, mas sem lograr a mesma ambiguidade ou a mesma ironia. Dorita procura aproximar-se das aparências que informam o nosso olhar, revendo o mecanismo da visão a partir de formas negativas e positivas, da conjugação de elementos antagónicos, da projecção de sombras falsas e de sombras reais. Este processo, enredando-se em formas insignificativas ou insignificantes, diluindo-se numa artificialidade decorativa, aparece quase imediatamente negada, até no plano das próprias ideias que o desencadeiam, já que se decide errado nos meios e fundamentalmente iludido nos fins.

A madeira, como material utilizado, é pintada com tintas escolhidas ao sabor de um duvidoso «bom gosto» e nunca de acordo com a eficácia necessária em ordem aos contrastes e às dicotomias que estão na base do jogo proposto. A execução, por outro lado, ao permitir a constante identificação do suporte, compromete e distrai a leitura: uma nítida falta de experiência na definição do rigor e da funcionalidade das formas destrói em quase todas as peças o jogo de relações que, em princípio, é próprio da sua estrutura.

De uma forma geral, e em suma, os objectos realisam-se àquem daquilo que anunciam, fingem precàriamente o que deveriam ser: o *avesso* pintado finge um *direito* que não existe. Daí a falta de autenticidade desses objectos; daí a sua descontinuidade expressiva.

R. S.



JOSÉ DE GUIMARAES expôs no princípio deste mês na Galeria «Árvore», do Porto, um conjunto de gravuras que documentam a qualidade da sua obra e ilustram as modalidades do seu trabalho. Artista ainda jovem, engenheiro de profissão, José de Guimarães, que estudou particularmente pintura, dedicou-se sobretudo à gravura e trabalhou nas oficinas da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, em especial no âmbito dos cursos aí desenvolvidos por S. Hayter, Rossini Peres e Cármen Gracia. Tendo viajado por centros importantes da Europa, realizou depois algumas exposições individuais em Lisboa, em 1961 e 1964, e mais tarde em Luanda, em 1964 e 1968. Participou em numerosos salões colectivos, quer na cidade de Lisboa, quer noutros pontos do País, e obteve alguns prémios com certo significado.

Segundo Luís Jardim, e a propósito de uma das fases mais interessantes do trabalho de José de Guimarães, as gravuras deste autor reflectem a influência da Imprensa como técnica de comunicação e como matéria plástica, ao mesmo tempo que decidem, por essa via, a reinvenção do quotidiano.

3.° Salão de Artes Plásticas em Luanda

REALIZADO já o II Salão de Artes Plásticas da Cidade de Luanda, que a seu lado manteve a pretensão de recompensar as propostas mais esclarecidas, mais actuais e mais ousadas, não hesitando assim recusar os habituais compromissos e o conformismo às formas estagnadas da manifestação artística, deseja a Comissão Municipal de Turismo da Câmara Municipal de Luanda que esse caminho se retome, para o que criou entretanto as condições mínimas capazes de nele empenhar todos os artistas portugueses actuais.

O Salão deste ano, que institui prémios no valor de 75 000$00, a administrar pelo júri, é extensivo aos artistas residentes na Metrópole, que poderão concorrer com peças de pintura, desenho, gravura e escultura, desde que se integrem numa perspectiva estética actual e revelem adequada realização técnica.

Foi convidada a Sociedade Nacional de Belas-Artes para representar os artistas metropolitanos, cujas obras aí serão seleccionadas por membros do conselho técnico. As obras dos concorrentes devem ser entregues na Sociedade Nacional de Belas-Artes, Rua Barata Salgueiro, Lisboa, até ao dia 17 de Junho de 1969, onde se encontram boletins de inscrição e regulamentos à disposição de todos os artistas interessados. As obras serão transportadas para Luanda e devolvidas a expensas da entidade organizadora. Por seu turno, a S. N. B. A. prestará ajuda logística e apoiará o Salão, cujo regulamento reconheceu estar de acordo com um critério actual e culturalmente bem definido.

A participação dos artistas metropolitanos, segundo este critério, é importante para ajudar a formar em Luanda um juízo crítico mais de acordo com a moderna perspectiva do fenómeno artístico. E os salões anteriores, depois de vencidas as resistências do meio, já abriram com clareza esse precedente.

Novos corpos gerentes da S. N. B. A.

EFECTUOU-SE na Sociedade Nacional de Belas-Artes a assembleia geral para eleição de novos corpos gerentes, relativos ao biénio em curso. Com uma concorrência significativa, foram discutidos em assembleia alguns problemas fundamentais da vida da Sociedade e um grupo de sócios propôs-se contribuir para uma revisão e actualização dos programas de actividade, trabalhando para um debate em próxima assembleia geral extraordinária. A Direcção cessante leu um relatório sobre a política cultural por que se bateu, tendo acentuado a preferência conferida à função formativa, através do Curso de Formação Artística, bem como o recurso a realizações de marcada representatividade cultural, adaptadas aos novos condicionalismos gerados pela acção positiva e descentralizadora de outras entidades. Foi comunicado à assembleia que a Direcção proporá para o futuro próximo, renovada com elementos jovens e dinamizada por um campo mais aberto de opinião, estará empenhada em prolongar e melhorar a política seguida até aqui.

Do relatório de contas, que foi aprovado por unanimidade, deduziu-se constar um saldo largamente positivo, demonstração clara de um critério administrativo que não só logrou cumprir os pesados encargos dos cursos como abriu perspectivas inéditas a outras actividades desejáveis. É importante por isso que a Direcção eleita saiba dinamizar a vida da Sociedade nos planos referidos, promovendo em paralelo o aumento e o interesse da massa associativa.

Livros de Arte

O Mundo do Homem, como série enciclopédica, corresponde a uma das iniciativas culturais da Editorial Europa-América e atinge agora um significado particular no volume *As Artes*, de 378 páginas, largamente documentado com reproduções a preto e branco e a cores. No seu panorama histórico das artes, a obra estabelece o quadro das referências cronológicas e a designação dos artistas, ao mesmo tempo que estrutura e desenvolve os fundamentos de uma análise interpretativa do fenómeno artístico, all ordenado de forma sistemática, eficazmente dirigida ao estudo básico dos problemas.

●

Saiu o terceiro volume da *História Mundial da Arte*, editada pela Livraria Bertrand. Este volume corresponde ao *Renascimento* e apresenta, como os anteriores, grande quantidade de documentação fotográfica, a par de uma informação condensada e objectiva. O aparecimento deste tipo de edições é de grande utilidade no plano da divulgação dos factos artísticos, assim efectivada de forma mais expansiva e mais económica, correspondendo a uma tendência acentuada nos últimos anos.

EXPOSIÇÕES

GALERIA QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	MANUEL BAPTISTA, O RIGOR AO SERVIÇO DE UMA LINGUAGEM SENSÍVEL
GALERIA DE ARTE MODERNA *S. N. B. A.* *Rua Barata Salgueiro*	MIGUEL ARRUDA, DA METAMORFOSE LÍRICA À INVENÇÃO DE MÓDULOS
SOCIEDADE COOPERATIVA DE GRAVADORES *Travessa do Sequeiro*	MARIA BEATRIZ, UMA FIGURAÇÃO INQUIETANTE
INSTALAÇÕES DA LONGRA *Av. da República*	JOÃO ABEL MANTA, MARIA VELEZ, CHARRUA, ANTÓNIO SENA, FERNANDO CONDUTO E SÁ NOGUEIRA NUMA IMPORTANTE EXPOSIÇÃO DE GRUPO
GALERIA 111 *Campo Grande*	ESPIGA PINTO *
GALERIA PANORAMA *Damaia*	LUD E PEDRO OOM *

* Ainda sem referência crítica

João Abel Manta • Fernando Conduto • Sá Nogueira • Charrua

QUATRO ARTISTAS EM FITA MAGNÉTICA

Objecto escultórico de Charrua

ENTREVISTA CONDUZIDA POR ROCHA DE SOUSA

ANUNCIADA em termos pouco habituais, a exposição apresentada nas instalações da Metalúrgica da Longra, na Avenida da República, empenhou ràpidamente a curiosidade de grande número de pessoas. Foi notícia, no sentido quotidiano dos jornais. Envolvia nomes, para além disso, que representam uma linha de intervenção cultural já aberta entre nós. E definia um programa singularmente a propósito no momento artístico português, na hora em que se vive uma certa euforia de iniciativas e em que determinadas fontes de consumo habitualmente reservadas parecem querer transformar-se num mercado de maiores proporções.

Ouvir os artistas empenhados nesta operação pareceu-nos a atitude imediatamente mais correcta, sobretudo porque continuamos a acreditar que a eles pertence a primeira palavra. Quando entrámos nas instalações da Longra, na própria noite da montagem da exposição, tivemos consciência de que a dimensão do acontecimento ultrapassava o projecto de uma simples entrevista tomada ao acaso das disponibilidades de cada artista. O gravador portátil era uma esperança de que nem tudo estaria perdido, mas era preciso que as declarações se confrontassem. A montagem de planos tomados sem cronologia, que pode resultar num espectáculo aliciante, dificilmente se identifica com a realidade de que parte.

Os artistas presentes — João Abel Manta, Fernando Conduto, Charrua e Sá Nogueira — decidiram aceitar o nosso convite para que falassem em conjunto, num diálogo de mesa-redonda. Isso permitiu maior limpeza nos cortes e mais verdade nas respostas ou nas afirmações.

PRIMEIRA QUESTÃO: a que princípios responde a forma de associação procurada pelos artistas presentes e em que medida se situa ela perante o actual momento artístico português?

F. C. — Pela minha parte penso que esta forma de associação é uma coisa descosida do que nos envolve, mas justifico-a porque me parece importante provocar os outros, também aqueles a quem tenho rancor. É preciso que eles contem com aquilo que a gente faz. É preciso que se decidam a falar mal daquilo que a gente faz. Se me voltar estritamente para o nosso lado, isto é uma espécie de serão de amigos, simpatizamos uns com os outros, sabemos a nossa ironia, conhecemos um respeito comum.

S. N. — Eu tenho a impressão de que não é apenas isso. Este grupo não é só feito de vontade própria. Ele foi, por assim dizer, gerado por razões externas, em consequência de uma luta que nós temos vindo a travar de há uns tempos para cá. Assim nos selecionámos a partir de um encontro nessa luta. Essa será, sem nomear as frentes que naturalmente nos contrariam uma das origens de estarmos agora juntos desta forma.

João Abel Manta:

Para termos o direito de falar, é preciso mostrar o que fazemos

J. A. M. — No fundo, essa necessidade de reacção não se compadecia de um silêncio em que alguns de nós tinham caído. Foi preciso de facto romper o silêncio. Esse direito à intervenção só é possível

Orai por eles

Folhetim artístico de José-Augusto França

Palacete da Rua do Borja: «desmiolado»... contra o interesse da cidade!

QUANDO, HÁ DOIS MESES, ardeu a Casa do Risco, disseram os jornais que o património da cidade ficou empobrecido. Com certeza que ficou — e como que simbòlicamente, porque naquela ala do Arsenal se riscaram os planos do que seria a Lisboa Pombalina, fulcro do desenvolvimento da cidade durante um século.

Com certeza que ficou mais pobre a cidade — já empobrecida com idênticas catástrofes que nos últimos anos destruíram o Teatro Dona Maria e a igreja de São Domingos. Mas estes roubos que o destino (ou a negligência) fez à cidade são apenas mais espectaculares que outros, dia a dia acontecidos, à surrelfa, de modo a não darem nas vistas.

Dia a dia, porem, vamos ficando mais pobres de casas, de sítios, de imagens de um passado em que a vida vivida da cidade se justifica. Na aparência, dado o luxo dos prédios que brotam em lugares humildes, substituindo humildes casas, a cidade enriquece-se, num progresso *evidente*. Por demais evidente para não esconder uma pobreza real — que é a do espírito. A do espírito que importa considerar como dado concreto de uma definição sociológica e estética da cidade. Sem espiritualismos duvidosos nem passadismos onanísticos — mas também sem esta corrida desenfreada de interesses *inconfessáveis*, com especulações sem escrúpulos, de construtores incivis, trabalhando com proprietários que ainda o são mais.

O crescimento normal, orgânico, da cidade, envolve necessàriamente uma regeneração de tecidos — mas não a supressão de órgãos vitais. E vitais são os órgãos, por pequenos que sejam, e modestos, que contribuem para definir o aspecto, a «imagem» de uma zona, de um bairro, de uma rua.

É exactamente isso que está a ser destruído. Um prédio aqui, um jardim acolá, um muro mais adiante... Um a um cortados, naturalmente que não têm importância — mas contá-los assim é sofisma que se pagará caro, ao fim da medida... Porque estas unidades, subrepticiamente escamoteadas, formam conjuntos, definem situações — e cada uma abala uma unidade maior que acaba por ser, numa reacção em cadeia, a própria unidade da cidade.

Exemplos? Abundam *diàriamente*, mesmo dentro de zonas que a Câmara tem a meritória intensão de proteger, aquelas que, precisamente, formam o tecido histórico de Lisboa. A sua denúncia daria um relatório enorme e aflitivo — mas bom será que os munícipes se aflijam de vez, com o autêntico roubo cultural de que são vítimas!

Rua ou praça em que um prédio ou um conjunto de prédios «velhos» apresente escritos — já se sabe que o camartelo está à espreita. Neste eixo (que é indispensável proteger, pela definição urbana que tem) indo do Cais do Sodré ao Rato, logo no Largo do Barão de Quintela vemos a cortina dos prémios do fundo, à beira de qualquer coisa... E no alto de São Pedro de Alcântara, o prédio que foi hotel e agora era casa religiosa — em apetecível local para especulação imobiliária. E, mais adiante, defronte do palácio Palmela, a série de casas pegadas ao palácio Alagoa, cuja destruição imediatamente poria em risco a definição deste mesmo palácio, que é extremamente importante.

Não longe deste eixo, no seu desvio da Rua Nova da Trindade, uma «estilização» recente salta aos olhos, como exemplo do que não deve ser permitido — mas foi, uma vez mais, no prédio de gaveto que confina com o célebre edifício azulejado do Largo Rafael Bordalo Pinheiro. Embora houvesse um discreto cuidado no seu traçado e no emprego de azulejos oitocentistas na fachada, a sua proporção (efeito da rentabilidade pretendida) prejudica o prédio vizinho, alterando-lhe a definição arquitectural e o teor urbanístico local.

Mais ainda? Tenho (porque sobre a protecção da cidade fui encarregado de realizar um trabalho, pela Câmara, em 1967-68 «dossiers» bem nutridos das muitas desgraças e das muitas ameaças que pesam sobre a cidade inerme. Oh, este mirante pinoca, em cimento armado, elevado há meia dúzia de meses no telhado do palácio setecentista da Rua da Condessa do Rio, a Santa Catarina! Oh, o expediente safado de deitar abaixo as árvores de certos jardins do bairro da Lapa (tão gulosamente olhado...) para depois se poder «provar» que, afinal, não há ali zonas verdes a proteger! E este palacete, raríssimo exemplo de adaptação portuguesa de um modelo neo-clássico erudito, que existe na Rua do Borja, mesmo à ponta norte do parque das Necessidades, e que foi recentemente «desmiolado», para justificar a demolição que a Câmara procura inteligentemente evitar — mas que produzirá uma vantajosa operação financeira... contra o interesse da cidade! Oh! isto e mais aquilo!

Reuniu-se em Setembro de 1968 em Lisboa um congresso internacional de preservação das zonas históricas da cidade. A lição de Avignon, e lições italianas foram ali bem expressas — e a elas me referi, então, num destes folhetins. Pessoalmente, e por encargo da Câmara, expus o projecto lisboeta de protecção e defini princípios de preservação ao nível do que eu chamo a «imagem» local — e tive o gosto de me ver aprovado por especialistas italianos e franceses e de receber ainda agora ecos de apoio do Brasil. Resultados práticos de todos estes trabalhos não estão por enquanto à vista — e tudo parece suspenso, numa espécie de irrealidade, como se não estivesse em jogo *um dos factores mais imediatos da realidade nacional*.

Em Lisboa — e por todo o lado, pelo país inteiro. O país que já de tais prejuízos Alexandre Herculano queria proteger, há cento e trinta anos...

...Uma única via pode ser adoptada que leve a uma protecção eficiente, à *bem da dignidade nacional*, e é uma via legal, através de diplomas de aplicação inequívoca. É urgente, urgentíssima, imediata. *Antes que seja ainda mais tarde.* É preciso **FAZER PARAR O MASSACRE.** Que a opinião pública nesse sentido se mobilize.

Porque, senão, resta-nos olhar por todos estes edifícios ameaçados — e ficar a orar por eles. O que parece pouco eficiente.

Fernando Conduto:

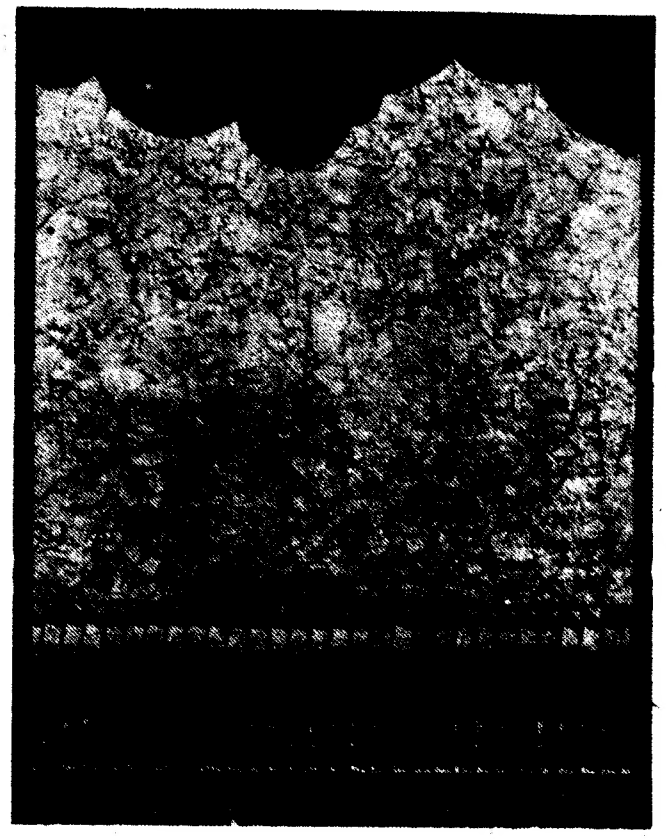
Cada um de nós tem a sua camisola; chutemos todos para a mesma baliza

Sá Nogueira:

Não vejo que o consumo seja um condicionalismo à liberdade criadora

Charrua:

A acção colectiva em que nos empenhamos não facilita apenas a luta



Trabalho de João Abel Manta exposto na Longra

quando a gente se desnuda, quando a gente se decide a tirar o cachecol. Era preciso, ao fim e ao cabo, responder aos que falam sem fazer nada, aos que tecem acusações gratuitas. Para termos o direito de falar, é preciso mostrar o que fazemos.

Estas foram as declarações de base pronunciadas por Fernando Conduto, Sá Nogueira e João Abel Manta. Charrua insistiu noutro ponto:

C. — *A acção colectiva em que nos empenhamos, nesta proposta pública, não facilita apenas a luta: é sobretudo mais demonstrativa do nosso ser.*

J. A. M. — *A palavra colectivo, para mim, e neste caso, funciona principalmente como sintoma de respeito mútuo.*

C. — *No entanto, a quantidade das presenças altera a qualidade da proposta. Há nisso uma força de intervenção muito maior a que nenhum de nós é alheio.*

Aqui um corte de montagem da nossa parte, não para alterar a cronologia do diálogo, mas para anotar os dados que colocámos na mesa: por um lado, era preciso saber se a exposição de Longra correspondia a um simples fenómeno de entreajuda ou se era, também, um modo definido de intervenção; por outro lado, e pelo que nos tinha sido dado observar, a exposição parecia constituir-se com base em seis exposições individuais e não como uma simples colectiva.

J. A. M. — *Esta exposição é inevitàvelmente uma forma de intervenção, o que de resto se deduz do que já foi dito. No entanto, nós não temos nada a ver uns com os outros no plano daquilo que produzimos. O respeito que nos dedicamos não compromete a nossa individualidade como artistas.*

F. C. — *Somos uma equipa de futebol com camisolas de várias cores Cada um de nós tem a sua camisola, mas chutamos todos para a mesma baliza. Apontamos ao mesmo sitio, no fim de contas.*

S. N. — *Apesar de mantermos o nosso objectivo público, uma das coisas que melhor caracterizam esta acção é o facto de pretendermos, no fundo, manter a nossa independência. Não apenas em relação ao meio, mas até entre nós.*

F. C. — *Claro que o facto de nos organizarmos não atenta contra o que somos individualmente. Mas apontamos a um objectivo comum, chutamos à mesma baliza, vivemos realmente uma afirmação pública de consequências de certo modo vastas Esta afirmação não terá a sua justa medida se a crítica não se multiplicar como deve, se não houver o esclarecimento didáctico que lhe cabe, se à demagogia não suceder a análise dos factos.*

J. A. M. — *Eu quero simplesmente que à frente do meu nome possa escrever* artista-produtor, *e essa é consequência fundamental dos meus actos. Em todos os sentidos. No meu caso, que sou arquitecto e faço «tricot» plástico ao domingo, é fundamental definir-me como artista. É preciso que o facto de eu produzir dois ou três quadros por mês me dê o direito a usar um outro bilhete de identidade.*

F. C. — *Mas isso continua a depender, em grande medida, da defesa ou do ataque desenvolvidos pelo sector da informação. Fazemos todos o nosso «tricot» de domingo, e disso depende a nossa bucha.*

S. N. — *Aí está uma coisa que, justamente, não devemos iludir. Acredito que da bucha depende em grande parte o nosso ritmo de trabalho. Esta associação, para além de propor uma revisão das bases informativas a nosso respeito, deve permitir eliminar certas carências que nos têm impossibilitado de assumir o nosso verdadeiro ritmo de produção. Esse é um dos aspectos que me fazem acreditar neste agrupamento.*

F. C. — *De facto, só amparados uns nos outros poderemos resistir aos factores que nos isolam. Não provocamos apenas a crítica mal formada, ou uma certa crítica; temos em conta igualmente a apa-*

(Continua na página seguinte)

OS CADÁVERES ESQUISITOS DE MIMI GRAAL DELICADAMENTE RECOLHIDOS . . .

por Alexandre O'Neill

Se vocês demandarem Mimi Graal, perderão o tempo, o feitio e a cavalgadura, ó tavoleosos! Mimi Graal nem sequer miticamente existe. Mimi Graal é quatro e nenhum dos quatro. Aplicada e simpática, acreditem. Um pouco louca, também. Enigmática, anagramática Mimil Minou Drouet (lembram-se dessa?) de conjunturas portuguesas, Mimi é filha duma adultez que tem de adulto o não acreditar (muito) em si própria, no que definitivamente Mimi se distingue da sua copina francesa.

Para comodidade da crónica (sempre a comodidade!), damos a Mimi Graal uma existência que ela nunca poderá ter — e como as entrevistas vão de feição aos culturosos tempos que correm, aqui desdobramos Mimi sob as farsantes aparências de uma conferência de imprensa da menina prodígio que ela (quatro e nenhum dos quatro) forcejou por ser, mau grado o edificante exemplo da sua copina Drouet. *A respondona* será, portanto, Mimi; *os perguntões*, nós, os grandes pontos de interrogação.

*

Perguntão 1: Feita a sua apresentação pelo nosso amigo Jaime Mourão-Ferreira, que lhe descobriu a bossa-prodígio, gostaria que me respondesse, Mimi, a uma pergunta muito simples. Que disse Jean-Paul Sartre ao saber que o tinham distinguido com o Prémio Nobel?

Mimi-a-respondona: «Não me estimem em público...»

Perguntão 1: Fabuloso, Mimi, fabuloso! Agora percebe-se que Sartre tenha recusado o Nobel...

Perguntão 2: Dão-me licença? Uma perguntinha, nada capciosa, à nossa simpática Mimi Graal: que disse Búfalo Bill ao matar o seu último bisonte?

Mimi-a-respondona: «Vai tu... que ninguém te tratou mal!»

Perguntão 2: Derrotado... Confesso-me derrotado pela segurança de resposta desta fabulosa petiza...

Mimi-a-respondona: Ès tu em cama alheia.

Perguntão 3: Extraordinário, amigos! Mimi acaba de responder à pergunta que eu ainda não formulara! Que é o tango, Mimi?

Mimi-a-respondona: Já disse... Ès tu em cama alheia.

Perguntão 3: E já agora...

Perguntão 4: ... diga-me, Mimi: quem era, na realidade, Madame Pompidour?

Mimi-a-respondona: Uma reportagem sobre o fascismo.

Perguntão 1: Depressa, Mimi: que é preciso fazer para conquistar uma viúva?

Mimi-a-respondona: Limpar os pés à entrada.

Perguntões-em-uníssono: Ah! Ah! Boa piada!

Perguntão 3: Mimi, apare lá esta: «Amor sem dinheiro...

Mimi-a-respondona: ... açúcar no saleiro».

Perguntão 3: E mais esta: que disse Napoleão aos seus soldados quando estavam junto das pirâmides do Egipto?

Mimi-a-respondona: «Soldados, Cada vez mais de cada vez menos!»

Perguntão 2: Vejamos a sua cultura zoológica. Mimi. Que é uma mosca?

Mimi-a-respondona: Ora... É uma praia a morrer.

Perguntão 2: Curioso símile, curioso...

Perguntão 1: E o que é o pôr do sol?

Mimi-a-respondona: Uma rusga no rápido.

Perguntão 1: E um astronauta?

Mimi-a-respondona: Apenas o habitual atraso do rápido do Norte.

Perguntão 3: Eu não queria fatigá-la, Mimi, mas gostava que me dissesse o que é um literato.

Mimi-a-respondona (olhando para mim, perguntão-suplente): Está-se mesmo a ver: é um cardeal de luto.

Perguntão 2: Mais que satisfeito, vou fazer a minha última pergunta à Mimi. Que é a revolta?

Mimi-a-respondona: Uma casa de prego aberta ao domingo.

Perguntão 2: Ui!

Perguntão 1: Termino em beleza, termino com uma pergunta sobre o amor. Mimi, minha querida, o que é o amor platónico?

Mimi-a-respondona: Uma rosa monetária.

E depois de ter respondido (já não sei a quem) que um touro no salão era queijo sem pão, Mimi Graal, acompanhada pela sua velha tia, retirou-se no meio dos aplausos gerais.

E dos meus, perguntão-suplente, muito em particular...

CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA

As condições naturais e, sobretudo, históricas da vida portuguesa determinam características e problemas que, sem desmentir a universalidade humana destes problemas, nos obrigam a encará-los em suas feições nacionais concretas. É neste sentido que o título *Civilização Portuguesa* se amolda com justeza a uma colecção destinada a reunir ensaios, monografias, obras de iniciação, de actualização ou de síntese, acerca de temas onde avulte uma qualquer especificidade nacional portuguesa que mantenha o seu interesse dentro das mais largas perspectivas humanas. Os originais programados para iniciar a colecção *Civilização Portuguesa* permitirão, só por si, rasgar um panorama que abrange aspectos históricos ou actuais, literários, artísticos, económicos ou técnicos, de âmbito especializado ou interdisciplinar, e constituirão, decerto, uma contribuição apreciável para o acrescimo da nossa consciência de civilizados e de portugueses.

2ª edição EM MENOS DE UM MÊS

INQUISIÇÃO E CRISTÃOS NOVOS

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

PRÓXIMOS VOLUMES NESTA COLECÇÃO

Óscar Lopes
LER E DEPOIS
(crítica e interpretação literária)

Fernando Guimarães
A POESIA DA PRESENÇA E O APARECIMENTO DO NEO-REALISMO
(ensaio e antologia)

EDITORIAL INOVA PORTO

4 artistas em fita magnética

(Continuação da pág. anterior)

tia, a passividade, de um meio mal apetrechado.

PRODUÇÃO E GERÊNCIA

Os artistas são os primeiros operadores do seu destino, não apenas através daquilo que produzem mas também através dos organismos para quem trabalham. A obra de arte, como objecto de civilização, está sujeita a um consumo determinado. E' preciso preservar a liberdade criadora nesse sistema de relações.

F. C. — *A conservação dessa liberdade depende do processo de trabalho do artista e da sua estrutura moral. Para um individuo sólidamente estruturado, os contratos que faz para produção e consumo deixam sempre acautelados o seu ritmo de trabalho e o sentido da sua liberdade.*

S. N. — *E além disso, eu não vejo que o consumo, em si mesmo, seja um condicionalismo à liberdade criadora. Ele até pode ajudar a delimitar um certo campo de acção, o que por vezes é salutar. O individuo passa a saber exactamente para que zona pode dirigir a sua capacidade de produção, sobretudo de acordo com as especialidades à sua disposição.*

J. A. M. — *Em boa verdade, o artista poderá um dia escolher o seu comprador. O objectivo artistico poderá condicionar soluções à sua volta, ao contrário de se condicionar as coisas que lhe são exteriores. Pessoalmente, desinteresso-me pelo destino ultimo das minhas peças, mas há casos em que esse aspecto não pode ser ignorado.*

C. — *Há um ponto de vista, a esse respeito, que deve em grande medida conduzir o artista nas suas opções de colocação: é preciso saber em que medida as consciências se alteram pelo seu trabalho.*

J. A. M. — *E é necessário saber com quem se convive. Nesta altura, uma das coisas que a gente quis foi ter a parede desinfectada. E até funcionamos em conjunto por estarmos de acordo nesse ponto.*

F. C. — *Mas convém lembrar entretanto, e isto para desfazer já qualquer equivoco que se possa levantar, que somos exactamente um grupo como há outros, nem melhor nem pior, e temos preocupações de sobrevivência como outros têm.*

ACTIVIDADE ARTISTICA E COMUNICAÇÃO

As iniciativas ùltimamente definidas entre nós, no campo das artes visuais, parecem coincidentes numa série de pontos. Por outro lado, as realidades da comunicação com o público parecem continuar dependentes de uma série de omissões. Falta esclarecer em que bases essa comunicação se pode fazer de (e para) toda a gente.

Vista geral da exposição na Longra; em 1.º plano, esculturas de Conduto

J. A. M. — *Para mim considero um bocado aborrecido a gente ter aparecido agora com esta exposição, porque de facto não temos nada a ver com as iniciativas que se estão verificando no nosso meio. Isto não corresponde a mais uma exposição do grupo, nem a mais uma galeria que se abre: corresponde a uma ideia que nós alimentávamos há muito tempo e que só agora foi possivel realizar. Houve portanto coincidência com outras iniciativas, mas o nosso plano não foi decalcado em nenhuma delas.*

S. N. — *Em todo o caso, há uma coisa que se tem de dizer: a euforia dos outros deve ter contribuido para que a nossa solução se apressasse. A verdade é que, em face de certos movimentos e de certos factos, nós fomos empurrados para esta decisão há muito planeada. Mas os nossos objectivos não são pròprlamente coincidentes com os de outras iniciativas.*

Aqui se inscreveu, na composição possivel dos problemas a tratar, a questão desse conjúnto de iniciativas que se têm registado ùltimamente entre nós. Fernando Conduto, nesse aspecto, defendeu alguns pontos de vista que prolongaram o diálogo.

F. C. — *Penso que o processo dessas iniciativas é comandado por um pequeno grupo que se quer afirmar como classe e inventa ou promove uma produção para justificar a sua acção. Este pequeno grupo estivador é o grupo da critica. Evidentemente que pretende impor-se como classe e se apropria de uns individuos prestáveis.*

J. A. M. — *Convém acrescentar que a critica é uma coisa muito respeitável. As afirmações do Conduto envolvem apenas uma certa critica.*

F. C. — *É evidente. Eu só respeito a critica que pretende esclarecer por processos legitimamente didácticos a leitura dos objectos. Já não me pode interessar a critica que, com cataratas de palavras, apenas complica a situação e apenas responde a meia duzia de pessoas que desejam ficar caladas e que se sujeitam às ideias alheias para uma esgrima fácil. A posição isenta e cientifica, essa respeito-a inteiramente.*

Em referência aos problemas da comunicação com o publico, que de novo foi trazido para a mesa, pôs-se o problema de saber se ela se deve processar com algumas cedências por parte do artista, num plano de aproximação didáctica calculada.

S. N. — *Se eu entendi o problema que foi posto, penso que a comunicação se faz, em termos gerais, através de uma plataforma que corresponde a uma cultura. Evidentemente que o artista não pode ser responsabilizado pela criação dessa plataforma. De resto é necessário promover o seu acesso à plataforma.*

F. C. — *A criação dessa plataforma segundo formas experimentadas, tem regimento, em medida, ao seu alcance e a inflexão criadora é mesmo medida tão elementar como o acesso ao processo aritmético.*

J. A. M. — *Em matéria de funcionamento e de comunicação, porque as técnicas e as especialidades são cada vez em maior número, e arte hoje tanto pode servir para vender um «Alfa Romeo» como para vender o «Che» Guevara.*

F. C. — *De facto, os meios da comunicação visual começam hoje a ser profundamente consumidos. É preciso apostar nessa aprendizagem básica em que se abre uma vasta perspectiva de entendimento dos fenómenos artísticos. É preciso, por outro lado, que haja de facto uma grande força a amparar as personalidades alteradoras do processo em questão.*

Um último corte na fita magnética para deixar em suspenso as vozes e, aqueles que quiserem, o juízo das acções que elas reflectem.

Frigorífico

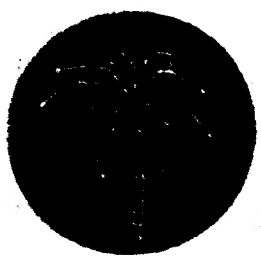
PHILIPS

UM OÁSIS EM SUA CASA

O frigorífico que cabe na sua cozinha e no seu orçamento. Pequeno por fora, enorme por dentro. Novo modelo à sua escolha. Em todos eles a qualidade, o serviço e a garantia de uma marca famosa em todo o Mundo. Entre outras salientam-se as seguintes características:

- Economia de espaço e de consumo.
- Conservação ideal e por longo tempo dos alimentos.
- Distribuição racional e regular da temperatura desejada.

A refrigeração nos modelos «Combi», de duas portas, faz-se pelo sistema F-H (Frio Húmido) que não permite a desidratação dos alimentos e dispensa a descongelação.



MR2409 – 160 L. | MR2410 – 155 L. | MR2426 – 170 L. | MR2433 – 200 L. | MR2434 – 225 L. | MR2432 – 265 L.

Teatro Português

(Continuação da 3ª página)

me é próprio a experiência adquirida na «Enciclopedia dello Spettacolo» empresa de pesquizas teatrais em que tomei parte durante dez anos como redactora e directora das secções medieval e ibérica.

—Falemos então, se está de acordo, da «História do Teatro Português». Em que perspectivas se colocou ao concebê-la?

— Em relação à «História do Teatro», os pontos que me parecem mais importantes são os seguintes:

1 — A individuação de uma *tipologia* do teatro português em que os factos teatrais portugueses se dispõem em dois filões estilísticos: o do teatro chamado «popular» de tradição vicentina que se distingue por uma temática local e por uma expressão no plano do pluriling.uismo, e o do teatro «culto» de tradição quinhentista, europeisante, caracterizado por uma expressão monolingue de nível «aulico» ou pelo menos não expressionista (no sentido caracterizador e acentuativo do pluriliinguismo).

2 — A definição de «sayagues» empregue por G.l Vicente como de um *nivel* estilistico que tem os seus correspondentes na área italiana em autores como Ruzante e na área ibérica em poetas como Juan del Encina e Lúcas Fernández.

3 — A tentativa de explicar os fenómenos teatrais portugueses com constantes estilisticas europeias o que levou á destruição de mitos literários como o de «arremedilho» (até aqui considerado em regime de paridade para com o «momo») como expressão particular do teatro português e restituindo ao seu sentido de nome comum, designativo de uma actividade (a dos arremedos) própria de toda a «jograria» da Europa medieval.

4 — A interpretação dos autores da chamada «escola vicentina» no que têm de particular (linguagem) e de universal (tipologia humana).

5 — A visão da «Castro» como drama de «escolhas» antes do que como drama submetido ao «fado».

6 — A interpretação dos Árcades (Garção) do ponto de vista de abertura de Portugal à «Europa».

7 — O capitulo sobre Garrett que considero bom mesmo no plano estético (pelo menos no texto italiano). A «História do Teatro» (na sua edição italiana) pretende ser «escrita» e não apenas compilação, mas isto é imodéstia ou melhor utopia da autora.

8 — O desejo de entender «teatro» embora sempre «sub specie» do texto como lugar de encontro de autor e público. Neste sentido, embora o acento seja posto no texto, o livro não quer ser só uma história da literatura dramática mas sim do teatro.

9 — A tentativa de colocar as obras dos modernos autores dramáticos portugueses em linhas explicativas, em tendências reveladoras da actual espiritualidade portuguesa, sem discussão de valores estéticos e que seria muito difícil por falta de perspectiva e mesmo por não sedimentação do juizo estético.

— Como diz na Introdução da sua «História», tem sido negada em Portugal a existência de um teatro português O seu livro prova o contrário. podemos estar descansados sobre a validade do nosso teatro como criação poèticamente autónoma, e interessante sob o ponto de vista dramático?

— Quando os portugueses, desde Eça de Queirós e Fialho declaram não possuir teatro, não negam, naturalmente, a existência de um reportório dramático de lingua portuguesa nem de uma tradição de espectáculo nacional. Num daqueles relances de lúcida auto-destruição, de amarga auto-desmistificação que já se inserem num preciso e aliciante filão estilistico da literatura nacional (uma feira cabisbaixa regeneradora), entendem por um lado não possuir a «tête dramatique» e por outro lado não ter até hoje produzido no plano da literatura dramática os valores de que se reconhecem autores no da poesia lírica. A minha «História», na modéstia dos seus resultados, pretende apresentar os factos teatrais portugueses numa perspectiva de tradição estilistica: de forma que a expressão «teatro português» readquira aqui toda a sua validade e o seu sentido. Naturalmente, trata-se de uma visão «de fora», de uma «definição» do teatro português feita por um estrangeiro, com esquemas ideológicos e noções diferentes dos que aqui são considerados base de cultura comum E neste sentido espero venham a ser aceites e discutidas pelos leitores portugueses.

—Disse que na sua «História» se apresenta mais como destruidora de mitos do que como criadora de mitos. Aliás, referiu-se há pouco de passagem a esse problema. Quer concretizar?

— Referia-me a mitos filológicos: veja o caso do arremedilho, a mitos de avaliação estética: veja o caso do juizo sobre a «liricidade» do reportório teatral português que levou à antologização de peças como as «cantigas» de Gil Vicente ou a «Cantata de Dido» de Garção que tiradas do contexto já não têm o mesmo valor. E por outro lado a revalorização do filão chamado «popular» deste teatro.

— Na sua opinião, quais são as constantes do teatro português que possamos considerar como universais, ou exportáveis?

— Acho «exportáveis» todos os verdadeiros valores deste teatro reinterpretados modernamente, quer dizer, redescobertos com a nossa actual sensibilidade. Pode-se encenar Gil Vicente ou António Ferreira. Mas talvez um público estrangeiro (italiano?) aceitasse melhor o teatro expressionista (no amplo sentido da palavra) de Gil Vicente («Barcas», «Auto da Feira») do que o cavalheiresco (Amadis).

—Refere-se na sua «História» à riqueza linguistica

Luciana S. Picchio: cultura, comunicação, diálogo

de algumas fases do nosso teatro. Poderá definir-nos a problemática linguística do teatro português?

— Uma das coisas que mais atraem no teatro português é exactamente a sua riqueza linguistica, que não existe noutros sectores da literatura nacional. E nisto o teatro é revelador de uma condição linguisica extremamente. Por razões históricas (o facto de ser o português uma lingua de formação setentrional que desceu em regime de reconquista de Norte para o Sul) a fragmentação dialectal é minima em Portugal. E todos os humores que nas outras linguas (veja o caso da Itália) são absorvidos pelos dialectos entram aqui na *lingua* dispondo-se em niveis estilisticos que até agora só o teatro em literatura conseguiu captar e frisar.

— Não lhe parece que o pendor para continuar a tradição de um teatro de leitura que encontramos em alguns dramaturgos contemporâneos poderá prejudicar as capacidades dramáticas desses autores?

— O «teatro de leitura» na Península Ibérica sempre foi uma necessidade (censura, razões económicas que impediam a representação das obras) não um *pendor*. E se se acentua agora é pelas mesmas razões. A minha consideração é descritiva não avaliativa.

— Existem afinidades entre o teatro português e o teatro italiano?

— Entre autores sim, entre conjuntos não. O teatro português no seu conjunto tem caracteristicas de «área marginal» (como dizem os linguistas) que o teatro italiano por razões históricas não possui ou possui de outra forma.

— Falou do teatro como forma de diálogo. Não lhe parece que neste momento o teatro é antes uma forma de contestação do que uma forma de diálogo?

— Tudo, num momento como o actual serve á contestação: e é lógico e justo. Mas pode servir na mesma medida ao diálogo: o teatro como a escola.

CARLOS PORTO

Micropaisagem

Continuação da 3ª página

dos poemas em ciclos e, dentro destes, a divisão por catorze versos/poema é puramente arbitrária. Isto porque o livro possui uma unidade, temática e de linguagem, de tal forma cerrada que os poemas se continuam dentro do mesmo ciclo e que estes ciclos por sua vez se ligam numa convivência possivel. Todo o livro portanto se articula pela voz de um unico poema que em si próprio se relê e simultâneamente se abisma perante a sua própria representação.

2. O RIGOR E A HARMONIA

Tomemos, por exemplo, o facto de todos os poemas possuirem o numero fixo de 14 versos. Pode ter sido gratuita a intenção que presidiu a uma tal escolha, é no entanto evidente que se não trata de um acaso. Ela mostra-nos, da parte do poeta, um certo tipo de preocupação digamos que oficinal, uma necessidade de rigor, uma ideia de construção do poema *bem* diferentes da que se encontrava implicita num certo lirismo de tradição. Digamos que o *poema* é é aqui encarado como um objecto através do qual o discurso se recria recriando-o. Ele é aquele que escreve e é escrito e, pouco a pouco, o brilho das palavras o ofuscará. E é nesse seu autónomo discurso que o *poema* a si próprio se irá lentamente construindo.

E' pois mais do que evidente que não poderemos ler este livro levianamente. Se nos parece ter havido da parte do autor determinado tipo de intenções, há pois que procurar decifrá-las para que as possamos entender. Digamos que, sobre um sentido original, o poeta vai executando todas as articulações possiveis até ao momento em que tudo e ele próprio será ultrapassado, e esse sentido original não é mais agora do que uma oculta e iniciática intenção. Toda a crítica moderna recusa ficar-se pela observação desse objecto acabado, desse jogo multiplo e finito de articulações com que o *poema* se lhe apresenta. Ela irá perseguir o movimento inverso da linguagem do poeta, desmontando o poema, recriando-o, não com o intuito de um discurso paralelo mas para cada vez mais o tornar inteligivel. Só dessa forma lhe será possivel o acesso a esse multiplo jogo de sentidos que na obra se contrapõem. Como diria Roland Barthes (3), o verdadeiro interesse de uma tal actividade é muito mesmo assinalar e estudar o sentido pleno dos objectos sobre que se debruça do que propriamente saber como esse sentido é possivel, a que preço e segundo que vias. Evidenciar, portanto, o processo propriamente humano segundo o qual os homens dão sentido ás coisas. Aquilo que a crítica intuicionista se limitava a dizer que a obra de arte lhe fazia sentir, preferimos nós, portanto, detectar as razões pelas quais esse *sentir* é possivel e que caminhos ele percorreu até chegar ao nosso conhecimento.

E' no entanto evidente que tal análise excede o ambito desta nota circunstancial. E' por isso que este texto se limitará a enunciar algumas propostas de estudo que, em livro, em breve prometemos retomar.

Anotemos pois, desde já, alguns factos isolados. *Micropaisagem* estrutura-se através de uma cerradissima montagem que infinitamente se auto-reflecte desenvolvendo-se como uma dolorosa interrogação sobre a sua própria possibilidade. Todo o livro se articula com base num muito limitado numero de símbolos e palavras:

— há versos e conjuntos de versos que se repetem em mais de um poema;

— o poema II do ciclo I aparece-nos como súmula possivel dos poemas IX, X,

XI, XII e XIII, através dos quais ele integralmente se desdobra;

— os poemas V e XIX do mesmo ciclo são praticamente iguais. Apenas o sentido é diferente;

— as palavras *água* (15), *flores* (15), *poema* (12), *pedra* (12), *cal* (11), *gotas* (11), *vidro* (10), repetem-se ao longo do texto pelo numero de vezes que indicamos entre parêntesis.

Estes breves apontamentos marginais serão talvez um ponto de partida para a exactidão e a firmeza deste universo fechado. Toda a sua possivel aventura se desenrola em torno do seu próprio centro como uma busca incessante, um circulo perfeito em que o ininterrupto e sempre renovado diálogo com o Objecto, a Coisa, o Outro como confronto, nos aparece transcrito através de uma elevada incidência substantiva. Uma sumária quantitificação mostrar-nos-á que toda a secura e o rigor desta linguagem resulta fundamentalmente de a utilização de substantivos ser superior em 250 por cento á dos adjectivos e quase 340 por cento á dos verbos.

E' pois evidente que a substancia, o objecto, a coisa, são neste livro fonte de renovada referência e luta na expressão poética deste autor, que praticamente despreza uma noção de qualidade ou uma possibilidade de comparação. Daqui resultaria evidentemente uma escrita seca, quase geométrica, se o poeta não tivesse sentido a necessidade de valorizar ao máximo os poucos adjectivos que utiliza, de lhes atribuir um peso e uma força crescentes, colocando-os quase sempre depois do substantivo. Esse possivel e inevitável rigor fica, deste modo, um pouco harmonizado. A secura no entanto em grande parte se mantém e é ela, sem duvida, uma das principais caracteristicas do estilo poético e prosódico de Carlos de Oliveira. A nomeação e o confronto com o Outro, a Coisa como coisa, quer dizer, não humanizada pela representação poética, são modulações constantes de toda a sua escrita. O poeta constantemente nos recusa essa humanização da Coisa, controla e seca a renovada fonte romântica da poesia tradicional, procura evitar o lirismo possivel de que algumas palavras se encontram carregadas até ao excesso de tal forma que hoje nos é impossivel lê-las sem imeditamente as associarmos a esse peso algo mitico que é a sua significação transparente. E' o caso, por exemplo, de versos como: *(...) lodo / produzindo / não flores / mas lodo,/* ou ainda, *sono também / sem sonho*. Por eles verificamos que nos é recusada a liberdade de saltarmos da palavra para uma sua significação ideal. Trata-se de *sono*, não de *sonho*; de *lodo*, não de *flores*. Não nos iludamos, nada existe aqui que não seja pura representação. E' do rigor que nos fala Carlos de Oliveira, é á exactidão que aspira toda a sua linguagem poética. A palavra é para ele fruto de uma procura, resultado de uma infinita dissecação, até ao momento em que, expurgada dos seus dispersos e contraditórios sentidos, ela não poderá mais representar do que o brilho que se oculta no seu próprio ser. Trata-se pois de *sono*, e nada nos autoriza a dai caminharmos até ás dimensões miticas e ideológicas que vão dar ao *sonho*. E' *lodo*, é a imagem fulcral desta poesia. E o *lodo* produz lodo nessa transposição de si onde as *flores* não cabem senão como referência vaga e idealista.

Raras vezes decerto nós teremos oportunidade de falar de uma poesia onde a substância assuma importância tão fundamental, onde o diálogo com o Outro, o eterno movimento das coisas em torno do mundo e de si próprias esteja aí tão fortemente evidenciado.

Por isso lamentamos que esta breve nota nos não permita, para já, muito mais do que a simples afloração dos problemas.

(1) *Micropaisagem*, de Carlos de Oliveira. Pub. D. Quixote, 1968.

(2) G. C. artigo in «Diário de Lisboa», 19-12-68.

(3) R. Barthes. *L'activité structuraliste* in *Les Lettres Nouvelles*, n.º 32, Fev. 63.

NELSON DE MATOS

COLECÇÃO INFANTIL
CABRA-CEGA
«HISTÓRIAS COM JUÍZO»
de
MÁRIO CASTRIM
Na feira: Stand 36
Dist. Liv. Quadrante

MICROPAISAGEM • MICROPAISAGEM • MICROPAISAGEM

Um espaço de rigor e harmonia

por Nelson de Matos

SE A LITERATURA É FEITA de palavras natural será que, para a entendermos, tenhamos primeiro de as analisar. Nada nos parece mais caracterizador da vivência estética e pessoal de um artista do que a verificação das palavras que mais frequentemente utiliza, dos sentidos diversos que elas assumem na estrutura dos seus textos, do significado novo com que ele procura enfim utilizá-las. Durante muito tempo as palavras foram apenas um sinal das coisas, a forma possível de as representarmos. E de tal forma o foram que a idade clássica foi levada a pensar que elas estavam contidas nos próprios objectos que representavam, faziam parte deles como sistema de identificação exterior.

A imensidão das águas estava, por exemplo, toda ela contida na palavra *mar*. Depois dos estudos da linguística moderna nós podemos hoje saber que a palavra não é mais esse sentido único. Errando na aventura de si própria ela desligou-se da coisa, da sua função de representação, e definitivamente encetou o caminho da sua própria neutralidade. Sabemos hoje que a palavra é um conjunto binário resultante da íntima associação de um significante e de um significado. Ela deixou pois de valer como sinal das coisas para daí fundamentalmente passar á representação de si própria.

A célebre e já tão vulgarizada afirmação de Lacan de que não é o sujeito que pensa mas o Sistema por ele podemos agora paralelamente juntar a de que que não é o poeta quem escreve mas toda a linguagem que através dele e com ele a si mesma se escreve. Isto vai levar-nos decerto a uma nova noção do Inconsciente. Se não sou eu quem escreve, é porque *algo* em mim escreve sem que disso eu me possa aperceber no plano imediato desse acto de escrever. Esse *algo* é, evidentemente, todo o conjunto de relações e interdependências que definem a *épistemé* em que eu próprio me movimento. Esse *algo* é decerto toda a cultura que me liga ao meio e o meio que me liga a uma outra Cultura mais vasta e de que eu não posso aperceber. Nesse sistema complexo de relações e interdependências, que vão de uma ruptura a outra ruptura, que definem toda a estrutura em que eu próprio sou sujeito e objecto, quem serei eu e o que é que na verdade estou aqui pensando? Penso o meu tempo que em mim próprio se pensa através do que a ele indelèvelmente me liga. Tudo o que eu penso e faço é pois o pensar e o fazer-se desse mesmo sistema. É em mim que essa massa informe se transforma tomando consciência de si, ao mesmo tempo que eu próprio me situo em relação a ela.

Mas nesse meu pensar eu tenho necessàriamente de utilizar uma linguagem que esse sistema em mim utiliza. São as palavras do meu tempo que em mim falam, se redescobrem num sentido novo que é o novo sentido do tempo que me fala. Desligadas de tudo, elas encetarão depois esse caminho fértil que vai de mim para elas depois de virem e regressarem a esse sistema de que elas próprias são em mim a oculta fala.

Pensar pois a linguagem de um artista é pensar a linguagem do seu tempo, é ver esse tempo aí falando com ele e por ele num discurso circular que a si mesmo se enriquece e a si mesmo se aniquila. Pensar a linguagem é pois pensar o sujeito dela e o tempo que daí também é em harmoniosa e indestrutível comunhão.

1. O ESPAÇO

Micropaisagem (1) é um conjunto de oitenta e dois poemas, cada um deles com o numero fixo de 14 versos, agrupados em 12 ciclos individualizados através de diferentes títulos. O facto de todos os poemas apresentarem esta regularidade estrófica, levou Gastão Cruz (2) a usar para eles a designação de sonetos. Embora de modo algum nos cingindo á tradicional concepção do soneto, sobretudo no que se refere á sua representação formal, pensamos que tal designação se apresenta em desacordo com a natureza cíclica que todo o livro possui. E veremos isso ao notarmos que a separação

(Continua na 7.ª página)

MANUEL DA SILVA RAMOS (PRÉMIO ALMEIDA GARRETT):

Portugal tem também os seus astronautas...

ENTREVISTA CONDUZIDA POR FÉLIX BORGES

MANUEL DA SILVA RAMOS nasceu na Covilhã, em 1947. Da colaboração em suplementos juvenis saltou, quase mágico, para a tipografia: ganhou, «ex aequo», o prémio Almeida Garrett, iniciativa da Editorial Inova. A obra, conjugação do erotismo e da imagem audaciosa, intitula-se «Os Três Seios de Novélia». Com a sua publicação sairão mais dois dos seus textos — «Um Longo Nascimento» e «A Respiração».

Para uma entrevista responde agora, esclarecendo-nos de antemão: «Não caibo em entrevistas». Ao que poderemos acrescentar — o Manuel da Silva Ramos não caberá nunca na sua obra.

Como tudo, a entrevista não será também mais do que uma proposta, nunca uma certeza. Como proposta, outra razão não tem senão criar equívocos...

1 DA CERTEZA

— *Porque ganhaste?*

— Porque tinha de ganhar. (Ganhar=Perder).

— *Que fazias se não ganhasses?*

— Começava a escrever a mesma novela de trás para diante até adquirir um corpo sempre diferente... Lembremo-nos que Lichtemberg arranjou 62 maneiras de levar uma colher à boca...

— *Donde te vinha essa certeza?*

— Às vezes a solidão dá-nos uma certeza terrível. Uns olhos naturais.

2 DO PRÉMIO

— *Qual o tema a partir do qual se desenvolve a tua novela?*

— É uma viagem de circum-solidão.

— *Qual pensas que será a característica essencial do teu processo de escrita?*

— Livrar a palavra da sua 'dispneia, 'a intuição dos constrastes, a magia da imagem certa... (Às vezes cavalgo uma palavra durante minutos. Outras vezes espero-a com os olhos até ela nascer velozmente no papel... Disparo logo porque tenho medo que ela espante a caneta...).

— *Quem é Novélia?*

— Prima de Emily Bronte, cunhada de Albertine Sarrazin e avó de Bilitis.

— *Porquê «Os Três Seios»...?*

— Qualquer corpo tem a sua matemática mas também a sua inverosimilhança.

3 DA INICIAÇÃO

— *Como começaste a escrever?*

— Como comecei a andar?

— *Recebeste incentivos de alguém?*

— Aprendi-me a procurar... É curioso. Até há bem pouco tempo a literatura era para mim um ritual felino do qual mais ninguém participava, nem conhecia até... No rosto do meu quotidiano acontecia: homens com quem falava, de quem falava, alheios ao salário do meu enigma.

— *Porque persistes em escrever?*

— Cada obra é uma nossa história universal, desde a origem ao modo de explicar a morte. Viagem ao fundo do veículo culpado. Dever irremediável. Se um dia encontrasse a galinha dos ovos de sol matava-a para prosseguir...

4 DO COSMOS

— *Nasceste na Covilhã, cidade voltada ainda para as relações medievas. Como foi o teu encontro com o progresso quase geométrico das técnicas tanto produtivas como espaciais?*

— Uma doença quando novo forçou-me a auto-comtemplação. Depressa (e muito prematuramente) ganhei uma noção rigorosa das coisas, um equilíbrio quase feminino. Simultâneamente o perigo da morte somado ao frio, aos invernos geométricos, à coloração unânime das coisas... Ainda hoje quando olho para o céu só o escrevo de uma maneira: um branco absoluto...

*

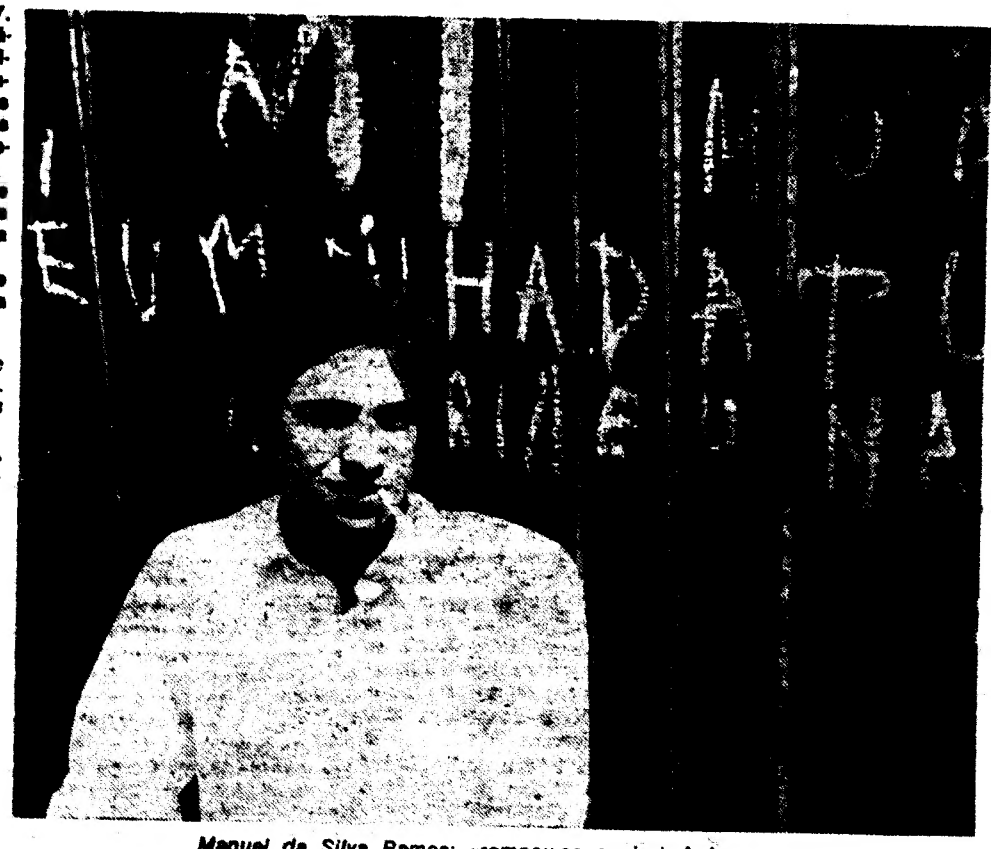
— *Em que medida a literatura se irá (se vai) ressentindo desse desenvolvimento que todos e tudo parece querer abarcar?*

— Um escritor verdadeiro nunca se chamará Noé, nem nunca seguirá o seu exemplo... Tenho também a certeza de que a literatura terá cada vez mais necessidade de outras artes que lhe facilitem a sobrevivência...

— *Num texto do teu livro entaste desmitificar os astronautas.*

Por que o fazes?

— Estamos num século de conquista espacial. Inclusive Portugal tem também os seus astronautas. Porque não falar deles?



Manuel da Silva Ramos: «rompeu-se a virgindade...»

5 DA LITERATURA

— *Que pensas da literatura jovem portuguesa?*

— É ela que dará a este século português a maior parte dos nomes da primeira fila... É preciso que os editores arrisquem nos desconhecidos que estão na sombra todos urinados...

— *Qual a corrente literária que mais te seduz?*

— Uma corrente com a fertilidade de imaginação dum Borges com a distribuição dum sensacionalismo à Alvaro de Campos aliado ao fôlego fiel dum Dostoievsky e com uma fascinação vivencial à Genet...

— *O neo-realismo impressionou-te de algum modo?*

— Nada melhor, nada mais digno para o homem neo-realista que a agricultura e a indústria de panificação.

— *Em que medida estás ligado a Herberto Hélder?*

— Herberto Hélder é o mais esclarecido cultor da palavra portuguesa.

— *Que é para ti a literatura de protesto, de contestação?*

— Em todos os tempos houve sempre uma literatura de feição marcadamente social, renovadora, reivindicativa... Alguns grandes autores mesmo dissecando a sociedade em que vivem, são por ela idolatrados. Caso dum Ginsberg, dum Mailer, etc... Portugal tem também os seus escritores «comprometidos». Pessoalmente penso que no nosso meio a literatura ainda está na fase de que «vale mais uma literatura que me leve do que uma literaura que me derrube»...

— *Qual a função da litetura?*

— Podia dizer que a literatura pode embaraçar um sorriso, um país uma instituição. Mas prefiro dizer que é a afirmação do homem na sua diversidade de homem até à inutilidade...

6 DO FUTURO

— *Passaste o impasse mais difícil de todos os novos: a publicação do primeiro livro. Que perspectivas te abre este facto?*

— Rompeu-se a virgindade. Foi urgente a separação do rosto para a primeira e indeterminável aventura tipográfica...

— *E a pergunta fatal: projectos?*

— Ando a coçar um romance.